CPI DOS CARTÕES O dossiê para intimidar a oposição

Abril

Editora ABRIL
edição 2053 - ano 41 - nº 12
26 de março de 2008

veja

www.veja.com.br

ESPECIAL AMAZÔNIA

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA
R$ 8,40

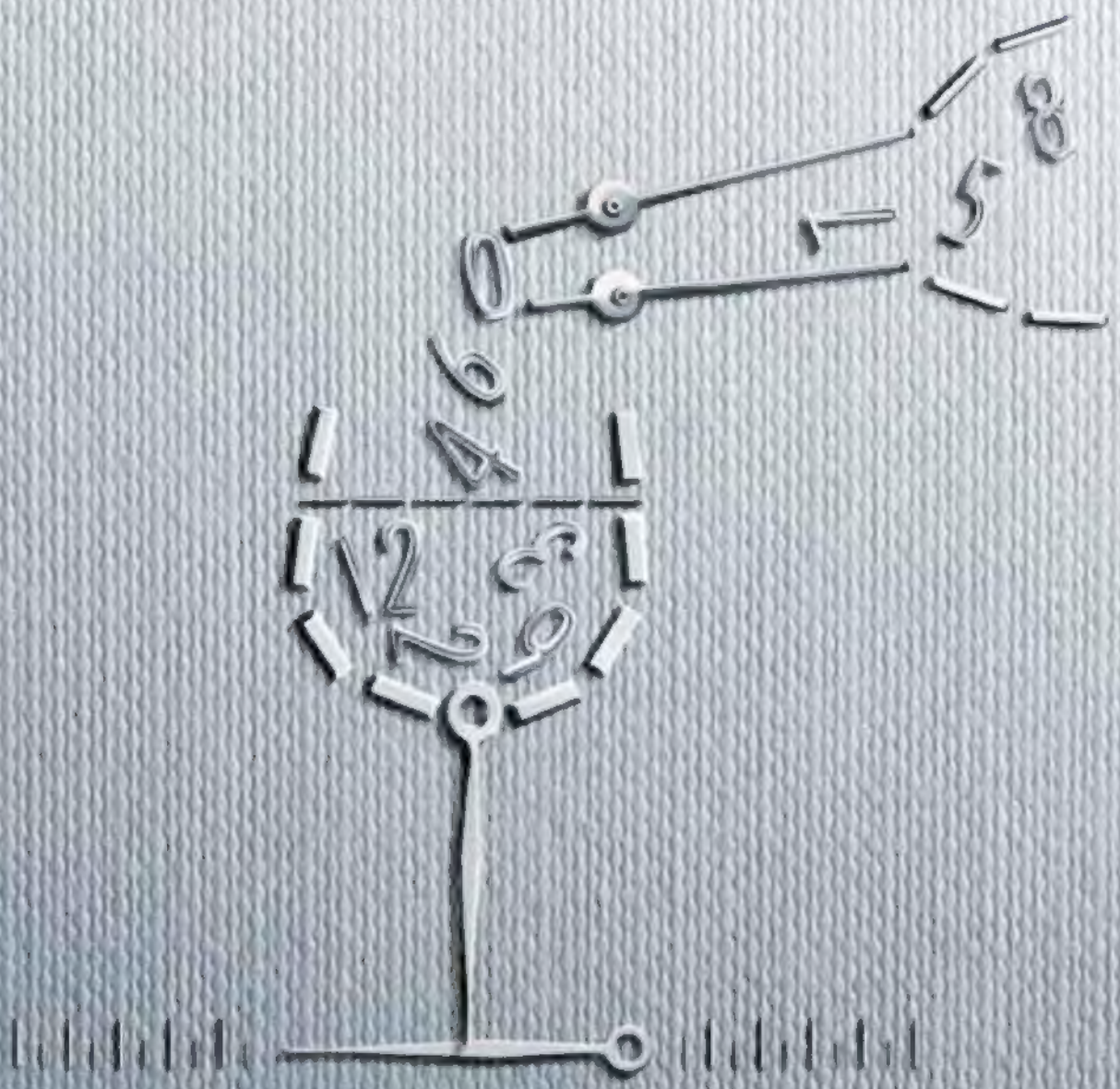
A VERDADE SOBRE AS QUEIMADAS E O RITMO DO DESMATAMENTO

POR QUE A EXPLORAÇÃO ECONÔMICA NÃO PRECISA SER CRIMINOSA

NEOGAMA/BBH
Bradescompleto

A VIDA É BOA. MAS SÓ COM TEMPO ELA É PRIME.

Cliente Prime tem um espaço exclusivo de atendimento para fazer seus negócios com conforto e privacidade. Abra sua conta e ganhe mais que variedade de serviços: ganhe tempo para aproveitar o que você conquistou. Fale com nossos Gerentes de Relacionamento. **www.bradescoprime.com.br**



Prime

IBAMA
EURO RSCG
3 ANOS DE GARANTIA
A PARTIR DE R$
64.990*
*Preço à vista a partir de R$ 64.990,00 com frete incluso base São Paulo, variável para as demais regiões.
2.0 GLX 07/08 mecânica, não incluindo pintura metálica, seguros e opcionais. As especificações técnicas.

C4 PALLAS

VOCÊ NUNCA VIU TANTA TECNOLOGIA E DESIGN.
PELO MENOS NÃO NAS RUAS.

0800 011 8088 | WWW.CITROEN.COM.BR

CITROËN

IMAGINAÇÃO EM TUDO

Oferta válida para pedidos firmes de compras fechados até 31/5/2008 ou enquanto durarem os estoques. Preço anunciado referente ao modelo C4 Pallas do veículo poderão ser alteradas sem aviso prévio. Imagens meramente ilustrativas. Consulte a Rede de Concessionárias Citroën para mais informações.

Sadia
www.sadia.com.br

DPZ

Tem horas que o saudável e o gostoso são exatamente a mesma coisa. Chegou Qualy Vita. A Qualy do seu coração.

ÔMEGA 3 E 6
VITAMINAS A, D, E, B6, B12
E ÁCIDO FÓLICO
ZERO DE GORDURAS TRANS

Coloque mais saúde na sua vida.
Experimente a nova Qualy Vita, feita com tudo que seu coração mais gosta, inclusive o sabor.
Chegou Qualy Vita. A Qualy do seu coração.

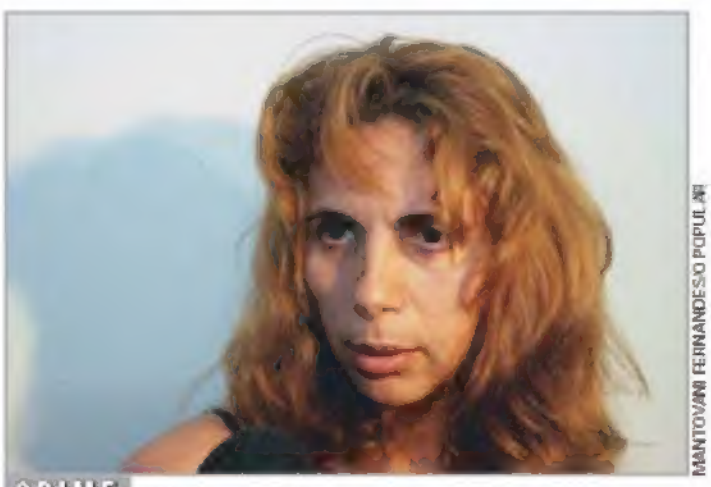
veja
número 2053 26 de março de 2008

ALBERTO CESAR ARAUJO/GREENPEACE

ESPECIAL **VEJA foi ver de perto o que acontece com a Floresta Amazônica.** Pág. 94

SERGIO LIMA/FOLHA IMAGEM

BRASIL **O Planalto levantou gastos do governo FHC para brecar CPI.** Pág. 46



MANTOVANI FERNANDES/O POPULAR

CRIME **Sílvia Calabresi Lima: flagrante de crueldade.** Pág. 86

SEÇÕES

Carta ao leitor 9
Entrevista: *Eric Maskin* 11
Ponto de vista: *Stephen Kanitz* 22
Millôr 26
Cartas 30
VEJA.com 36
Holofote 38
Contexto 39
Radar 40
Veja essa 44
André Petry 51
Auto-retrato: *Melanie Betancourt* 70
Datas 84
Gente 90
Artigo: *Gustavo Ioschpe* 120
Diogo Mainardi 132
VEJA Recomenda 136
Os livros mais vendidos 137
Ensaio: *Roberto Pompeu de Toledo* 138

BRASIL

CPI dos Cartões *O governo usa dossiê para ameaçar tucanos* 46

ECONOMIA

Crise *Bancos dos EUA pagam alto preço pelo risco* 52
Crédito *A disputa pelos empréstimos consignados* 54

INTERNACIONAL

Israel *Uma visita histórica da chanceler alemã* 56
China *Repressão no Tibete arranha imagem no ano da Olimpíada* 58

GERAL

Educação *Prêmios polêmicos para bons alunos de escolas públicas* 59
Saúde *Perda de patente de super-remédios preocupa laboratórios* 64
Moda *Sapato de salto alto, mas sem salto* 71
Cidades *Dubai atrai famosos com ilhas artificiais* 76
História *Um levantamento de toda a obra do compositor Cartola* 82
Memória *Arthur C. Clarke* 83
Crime *A torturadora de Goiânia* 86
Especial *Amazônia: a verdade sobre a destruição da floresta* 94

GUIA

Corpo *A ciência de uma barba bem-feita* 122

ARTES E ESPETÁCULOS

Arte *Gustave Courbet e o espetáculo do realismo* 126
Livros *Historiadora diz que missão artística francesa é mito* 128
Cinema A Família Savage, *com Philip Seymour Hoffman* 130
Jumper, *com Samuel L. Jackson* 132
Televisão *Maisa Silva, 5 anos, apresentadora* 133
A indolência dos participantes do BBB 8 134

EM VEJA.COM veja.com.br

Entenda as transformações da sociedade colombiana, na seção Conheça o País. ■ O conflito na região do Tibete e o papel do líder espiritual Dalai Lama estão na seção Perguntas e Respostas. ■ Em vídeo, a educadora Maria Angela Barbato explica por que a brincadeira ao ar livre é importante para as crianças. ■ Trailer do filme *A Família Savage*, com Philip Seymour Hoffman.

Tiragem desta edição: **1 208 351 exemplares**

A floresta é um templo

O grande biólogo Edward Wilson, da Universidade Harvard, comparou a selva amazônica a uma catedral, que deveria despertar em todas as pessoas sentimentos simultâneos de temor e admiração. A reportagem especial de 22 páginas que a presente edição de VEJA dedica à Amazônia também encara a região como uma catedral, mas não propriamente na conotação reverencial que lhe empresta o biólogo de Harvard. A reportagem de VEJA se propõe a explicitar o que há de confiável e verdadeiro em meio à selva de números e análises conflitantes que são divulgados freqüentemente sobre o estado de conservação da mais extraordinária malha de vida vegetal e animal da Terra.

A imagem de uma catedral é apropriada nesse caso. Como a nave e os altares de um templo, a Amazônia também possui regiões que podem abrigar altas concentrações humanas ao lado de outras que são sagradas do ponto de vista da biodiversidade, áreas em que a atividade econômica pode ter efeito devastador não apenas sobre a manutenção da vida local, mas sobre todo o mecanismo climático do planeta. Os repórteres de VEJA levaram em conta esses contrastes entre glebas amazônicas com solo rico em nutrientes, propícias à ocupação humana, e outras de terreno arenoso cuja vocação natural única é ser para sempre floresta. Sem essa distinção, as reportagens sobre a Amazônia tendem a ficar tão impenetráveis quanto a própria mata.

Leonardo Coutinho, correspondente de VEJA em Belém, visitou a cidade paraense de São Félix do Xingu. Ali encontrou uma fronteira inóspita, com pistoleiros e ruas esburacadas. Foi ameaçado, e durante a noite invadiram o hotel em que estava hospedado. José Edward, correspondente em Belo Horizonte, avaliou a situação no norte de Mato Grosso, onde estão dezenove municípios campeões de derrubada da floresta. Encontrou uma realidade diferente. A região tem grande produtividade agrícola, cidades modernas e o maior PIB per capita do estado. O repórter Rafael Corrêa foi à sede do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) para entender por que sozinhos os satélites que diuturnamente vigiam a região não são suficientes para flagrar os destruidores do tesouro natural brasileiro. VEJA espera que esta grande reportagem contribua efetivamente para que a Amazônia continue despertando temor e admiração para sempre.

Amazônia: regiões diferentes sob um mesmo rótulo

CLAUS MEYER/TYBA

UM.
Par de brincos de ouro amarelo 18K.
10x R$ 196 ou R$ 1.960. Validade: 05.04.2008.
Peças ampliadas para mostrar detalhes.
VE 0659 | ©H.Stern 2007 | 0800.227442

www.hstern.com.br

H.Stern

Projetos de Responsabilidade Social do Grupo Neoenergia e Coelba.

Conhecidos pelos baianos, reconhecidos pelo mundo.

Condoleezza Rice e Marcelo Corrêa, Presidente do Grupo Neoenergia.

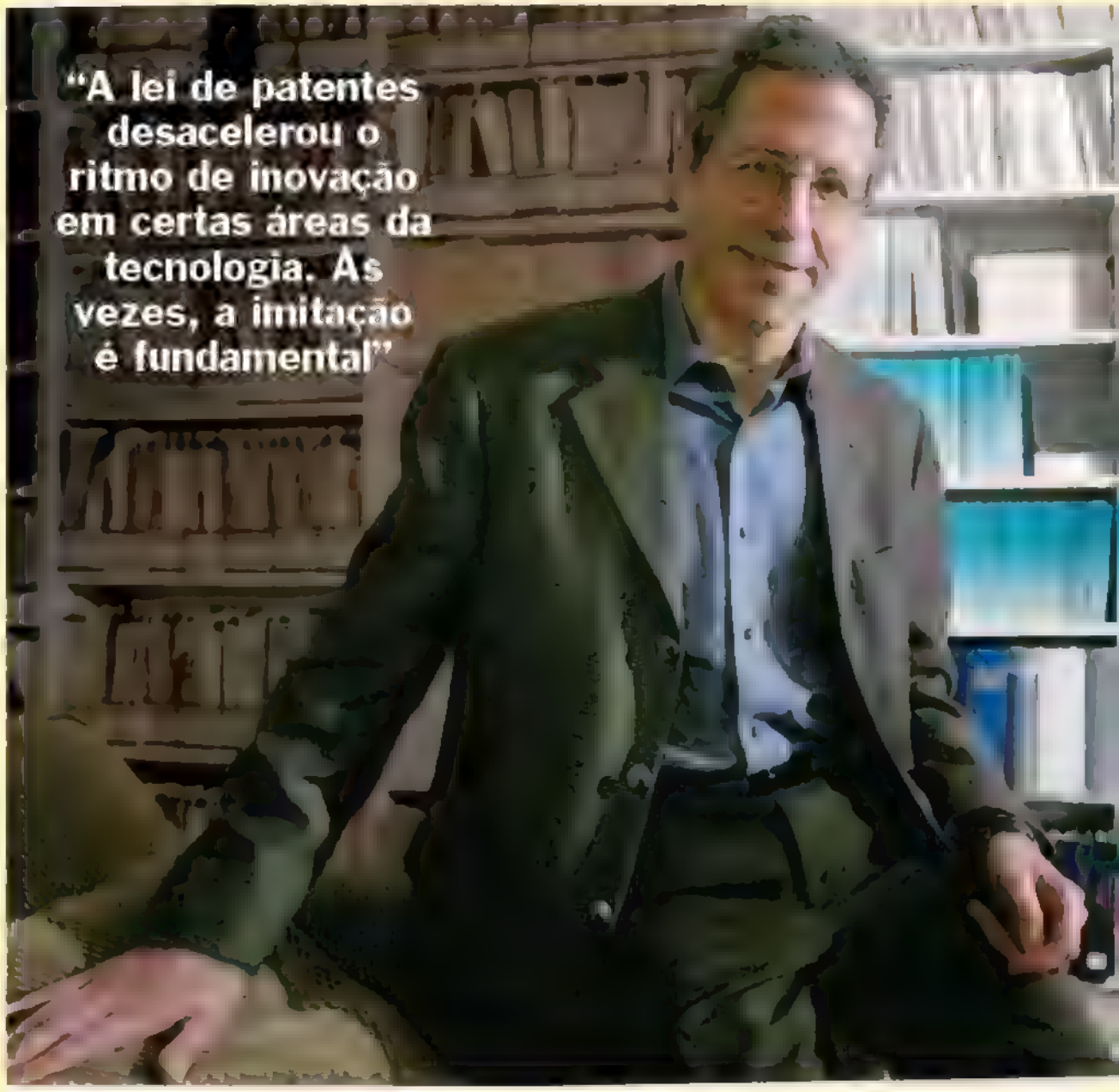
Visita da Secretária de Estado dos Estados Unidos, Condoleezza Rice, ao Centro de Eficiência Energética da Coelba reafirma parceria entre Grupo Neoenergia, Coelba e USAID – Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional.

Mais do que levar energia, o Grupo Neoenergia e a Coelba atuam para promover o desenvolvimento e transformar a realidade de milhões de baianos, através de projetos de geração de renda e sustentabilidade. E para isso é preciso contar com grandes parceiros, como a USAID. Essa parceria vem rendendo muitos frutos, como a fábrica de biscoitos Cooperbiscoitos, o apoio ao Grupo Cultural Bagunçaço e o Vale Luz, projeto ambiental de coleta seletiva, que gera crédito na conta de energia. À USAID, ANEEL e demais parceiros, o nosso muito obrigado.

coelba
Grupo Neoenergia
neoenergia

Incentivos sob medida

O prêmio Nobel de Economia diz que as pessoas precisam de estímulos concretos para agir em prol da maioria. Sem entender isso, nenhuma empresa ou nação cresce



TIM SHAFFER REUTERS

Monica Weinberg

O trabalho do americano Eric Maskin, de 57 anos, representa um avanço na área da economia focada no entendimento do mecanismo de incentivos e punições que leva pessoas, empresas e países a crescer e melhorar. Seus estudos permitem entender em que situações e em que medida a interferência da mão protetora e punitiva do estado é mais desejável. Maskin recebeu o Prêmio Nobel no ano passado, com mais dois economistas americanos. Eles fazem parte de uma sólida escola de pensamento econômico que leva em conta em suas análises também os aspectos psicológicos. "Não dá para criar regras em um mundo tão complexo quanto o atual sem compreender as reais motivações das pessoas." Ph.D. em matemática aplicada por Harvard, Maskin é atualmente pesquisador do Instituto de Estudos Avançados de Princeton, nos Estados Unidos, em cujo campus mora com a família na casa que antes abrigou Albert Einstein. Ele concedeu a VEJA a seguinte entrevista.

Veja — *Em uma de suas posições mais polêmicas, o senhor defende o desrespeito à lei de patentes. Que argumentos podem existir contra a proteção intelectual?*

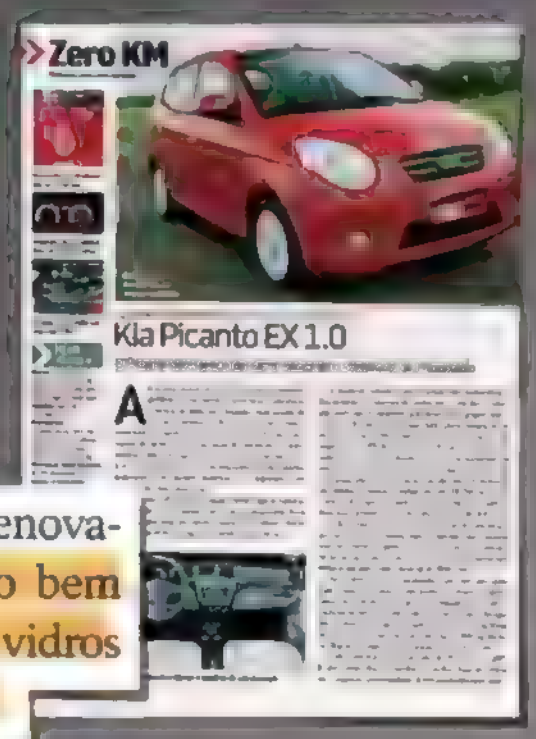
Maskin — Quem me critica por isso se apóia apenas no senso comum e deixa de observar a realidade objetiva, na qual eu me baseio. De um lado, ela mostra que a proteção intelectual, de fato, pode incentivar a produção científica e a inovação, como todo mundo diz. Isso porque a lei confere ao inventor certa garantia de que ninguém vai se apropriar de seu trabalho e ainda faz da atividade criativa um negócio rentável. Essa lógica vale para algumas das áreas mais vitais do conhecimento. Para outras, no entanto, ela só atrapalha. No caso da indústria de software, a proteção é inimiga da diversidade e da inovação.

Veja — *Como exatamente?*

Maskin — Os estudos sobre o assunto mostram que a proteção intelectual se provou desastrosa para a indústria de software por uma razão: esse não é propriamente um campo que vive de grandes descobertas, mas sim de uma série de pequenas inovações cujo mérito é justamente aprimorar o que já existe. Para dar vida a uma nova idéia, portanto, o inventor precisa necessariamente ter acesso livre ao que já existe. A imitação é um motor fundamental para a inovação, e as patentes se transformam em óbvios obstáculos. Depois da lei de proteção intelectual nos Estados Unidos, houve uma desaceleração no ritmo de evolução dos programas de computador. Liberar a pirataria, nesse caso específico, teria sido uma solução mais lucrativa para o país. Há ainda outras situações em que a lei de patentes no mundo tecnológico não chega a atrapalhar, mas em

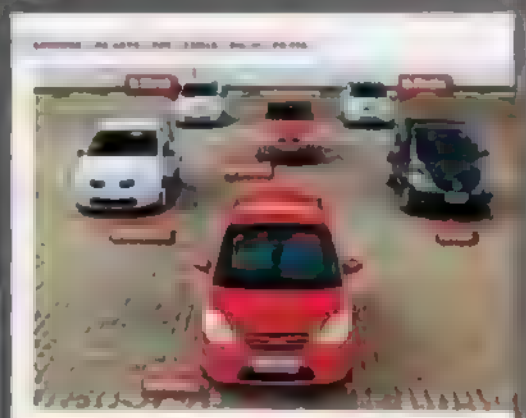
Carros pelados não ganham destaque

Novo Picanto. Um carro bem avaliado em 4 revistas automotivas diferentes.



No mais, o Picanto continua o bom e agora renovado compacto premium. Além do acabamento bem cuidado, ele traz ar-condicionado, CD player, vidros elétricos e rodas de liga leve, entre outros itens.

Revista Quatro Rodas - março/08



Além de conforto, o Picanto é uma lição de bom acabamento. Atenção, pessoal que cuida do Fox, do Fiesta e do Sandero, entre outros: dêem uma olhada por dentro do Picanto e aprendam a escolher materiais para acabamento.

Revista Autoesporte - março/08

é um ótimo carro para a cidade, com desempenho bom, consumo baixo e uma generosa lista de equipamentos. Sua garantia de cinco anos, sem limites de quilometragem, completa esta ótima oferta da Kia.

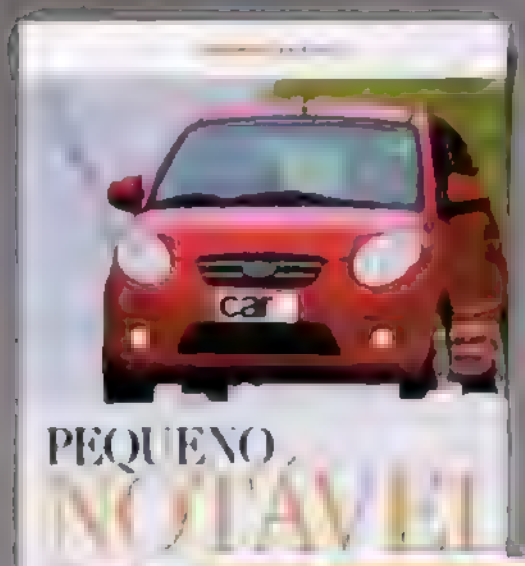
Revista MotorShow - março/08

nem na Playboy.

KIA

KIA MOTORS

O poder de surpreender



PEQUENO NOTÁVEL

Novo picanto

Ideal para uso nos grandes centros, o Picanto não é um carro "popular". Muito pelo contrário, já que seu nível de acabamento e equipamentos é bastante superior, igualando-se a carros de categoria bem acima. De série o modelo traz ar-condicionado, direção com assistência elétrica, airbag, porta-copos no console central e rádio com toca MP3, entre vários outros itens de conforto, conveniência e segurança. Os materiais de acabamento também merecem destaque.

compensação não surte efeito algum — é apenas obsoleta e inútil.

Veja — *O senhor poderia ser mais específico?*
Maskin — Certas empresas na área de tecnologia já optam por não patentear seus inventos, porque eles estão se tornando ultrapassados da noite para o dia. Não compensa, portanto, enfrentar toda a burocracia por algo que logo se torna desprovido de valor. A discussão sobre patentes que faço aqui ajuda a reforçar a idéia de que a interferência do estado em algumas áreas parece vital, mas é, para dizer o mínimo, desnecessária, quando não claramente prejudicial.

Veja — *Sua idéia é bastante defensável quando se fala de patentes de alta tecnologia digital, mas, de modo mais amplo, qual sua opinião sobre a interferência do estado na vida das pessoas e nas empresas?*
Maskin — Os governos freqüentemente extrapolam suas funções — no mau sentido. A experiência mostra que o estado é necessário e útil na hora de garantir um bom conjunto de instituições por meio das quais contratos e outros arranjos da sociedade civil sejam respeitados sem muito custo. De resto, ele deve servir para criar regras e incentivos apenas naquelas áreas em que o mercado, por si só, não está sendo capaz de promover o bem-estar dos cidadãos. Um exemplo bem palpável e universal é o trânsito. Em grandes cidades, em geral o trânsito é péssimo. Isso independe do grau de educação das pessoas. Há tempos observo essa questão e cheguei à conclusão de que as raras e boas exceções à incivilidade geral são sempre produto de alguma espécie de intervenção do estado através de incentivos aos motoristas. As faixas especiais nas ruas e estradas para motoristas que transportam caronas são um exemplo. Elas funcionam bem em muitas capitais e diminuem os problemas de tráfego. Sem esse incentivo por parte do estado, a situação certamente estaria pior.

Veja — *Deixado ao sabor dos mercados, o trânsito só piora, como o senhor observou. Em outras áreas também é assim?*
Maskin — As pessoas costumam me perguntar: "Afinal, o mercado é ou não é auto-suficiente?". Na maioria das vezes, ele é. Em outras, não. A sabedoria está em diferenciar uma situação da outra. O próprio Adam Smith *(filósofo escocês, 1723-1790)*, pai do liberalismo econômico, observou em seu livro *A Riqueza das Nações* que os homens de negócios de seu tempo raramente se encontravam em ocasiões sociais, mas, sempre que isso ocorria, eles aproveitavam para conspirar "contra o público, para fazer subir o preço" de suas mercadorias. Smith alertou para as imperfeições do mercado. A meu ver, o estado deve entrar em cena justamente nas crises e apenas para corrigir imperfeições, sem jamais aspirar a ser o protagonista da história.

"As pessoas obviamente pensam em si mesmas antes de considerar o bem-estar comum. Por isso, elas precisam receber incentivos individuais para agir em prol de uma causa que transcenda o próprio raio de interesses"

Veja — *Mas é comum que o estado queira justamente ser o personagem central, não?*
Maskin — Um mergulho na história mostra que, com freqüência bem maior do que a desejada, os governantes têm caído na tentação de se colocar no centro das questões econômicas de modo permanente. Nesses casos, o desfecho não é outro senão o fracasso. Mas também é fato concreto que, intervindo na medida certa, o estado pode, sim, exercer um papel fundamental e benéfico. Um exemplo é a criação de regras que incentivem aqueles que estão em busca de um benefício pessoal a, de algum modo, favorecer também a sociedade nesse processo.

Veja — *Mas é possível chegar a uma fórmula que determine o grau de interferência do estado e os casos em que isso é bom? Não parece utópico?*
Maskin — Tome-se aqui a questão ambiental. A combinação de punição com incentivos em doses certas em alguns estados produziu ótimos resultados na redução da emissão de gases de carbono pelas empresas. Na área da ciência, por sua vez, países como a Coréia do Sul também colheram bons resultados depois de o governo incentivar com corte de impostos as empresas cujos investimentos em pesquisa e desenvolvimento se destacassem em relação à média. São dois exemplos distintos, mas que guardam entre si uma semelhança básica. Em ambos os casos, o estado conseguiu criar um sistema para reconhecer e premiar os eficientes e punir os menos dispostos a contribuir para o bem comum. Repare que tanto o caso ambiental americano como o da ciência coreana dizem muito sobre a natureza humana. Ela sempre reage a incentivos e punições.

Veja — *Por que isso pode ser considerado uma lei universal humana?*
Maskin — As pessoas sempre pensam em si mesmas antes de levar em conta o bem-estar geral. Não adianta querer mudar isso. A espécie humana é essencialmente egoísta e precisa freqüentemente receber estímulos individuais para agir em prol de uma causa que transcenda o próprio raio de interesses. O prêmio ao empresário que corta suas emissões de carbono é um exemplo. Sem esse incentivo, ele estaria poluindo bem mais do que efetivamente está. O mesmo tipo de comportamento se observa em uma empresa privada. A princípio, todo mundo trabalha impulsionado por objetivos próprios, entre eles o progresso na carreira e o salário no fim do mês. A única forma de fazer um funcionário voltar-se também para os interesses da empresa é motivá-lo por meio de um conjunto concreto de benefícios extras. Não é por acaso que as companhias que implantaram políticas de reparte de lucros ou de premiação em dinheiro aos funcionários mais talentosos e esforçados tendem a superar as demais em produtividade e lucro. Sempre digo em minhas palestras que, em um mundo tão complexo, economistas, empresários e governantes precisam saber mais sobre psicologia. Do contrário, eles vão fracassar nas tentativas de estabelecer regras e edificar instituições duradouras.

Veja — *A dose certa de incentivo e punição ainda me parece a questão principal quando se tenta influenciar o comportamento humano, não?*
Maskin — Sim. Os governos tendem a exagerar na distribuição de benefícios a todo mundo, sem levar em conta o mérito ou sem exigir contrapartida dos agraciados. Em muitos dos países em desenvolvimento, onde ainda há concentração de pobreza, os governos cometem o erro de sair dando dinheiro às famílias sem estabelecer com elas um termo de compromisso segundo o qual tal benefício deve estar atrelado a alguma boa ação, como a obrigação de matricular um filho na escola. Esse é o velho assistencialismo. Certos países, e tem-se a impressão de ser esse o caso do Brasil, parecem finalmente entender que os avanços começam mesmo quando se passa a exigir contrapartida dos beneficiários de programas sociais.

Veja — *Do ponto de vista econômico, quais são as vantagens desse tipo de programa?*
Maskin — Os governos benfeitores à moda antiga ignoram o fato de que as pessoas precisam de um empurrão para tomar a decisão mais acertada para a própria vida. Quando simplesmente se distribui dinheiro de graça, o efeito empurrão não se manifesta e perde-se, então, o mais vital nesses casos, que é a mudança individual com ganhos para o bem-estar geral. Ao exigir contrapartida, o governo consegue atender a duas necessidades ao mesmo tempo. Ele incentiva o ingresso na escola e, assim, melhora as perspectivas dos indivíduos. O país ganha quando mais gente vai à escola. Está provado hoje que, sem uma concentração de gente bem-educada, nenhuma nação avança. Nesses casos, a mão do estado que incentiva tem se mostrado muito eficaz. Seria altamente desejável que se tornasse mais abrangente no mundo um mecanismo tão útil quanto esse para incentivar o comportamento ambiental vantajoso para os indivíduos e para a sociedade.

Veja — *A que se deve o atraso institucional na área de meio ambiente?*
Maskin — Alguns poucos países já conseguiram criar com sucesso mecanismos para restringir a poluição do ar. Mas esses mecanismos estão longe de se universalizar. A dificuldade está justamente em chegar a um acordo para reduzir a emissão de carbono que contemple a realidade de cada um dos países. Sem a existência de uma instituição sólida e influente à frente do processo, essa tarefa parece impossível. Digo isso porque o único órgão que, em tese, se aproximaria disso são as Nações Unidas (ONU). Mas, na prática, nem de longe a ONU demonstra ter eficiência e poder para se impor aos governos locais em questões ambientais. Se fosse possível criar um governo mundial com uma legislação acima da dos países, não tenho dúvida de que estaríamos em situação ambiental bem melhor. Não se podem minimizar, porém, os riscos e as dificuldades que se corre ao tentar um acordo internacional dessa magnitude. A maior complexidade aí é que o acordo precisa parecer aceitável para todos os países signatários, sem exceção. Se a China ou os Estados Unidos, por exemplo, se recusarem a participar, o esforço de todos terá sido em vão. Mas pode ser que o momento seja propício agora que, no tabuleiro geopolítico, chineses e americanos dependem tanto uns dos outros.

"Os Estados Unidos estão habituados à supremacia econômica e muitos americanos sofrem com a idéia de perder o posto de nação número 1. O que mais me interessa é o potencial de equilíbrio entre China e EUA, situação da qual ambos se beneficiam em grau semelhante"

Veja — *O senhor vê alguma possibilidade de as relações entre China e Estados Unidos se manterem estáveis?*
Maskin — Os Estados Unidos estão evidentemente habituados à supremacia econômica e muitos cidadãos americanos sofrem com a idéia de perder o posto de nação número 1 do planeta. Mas, para mim, esse é o lado menos relevante da questão. O que mais me interessa é o potencial de equilíbrio entre os dois países, situação da qual ambos se beneficiam em grau semelhante. Isso nos remete ao básico da teoria econômica. Se a China enriquecer mais, ela se tornará um mercado ainda mais atraente para as empresas americanas. Caso os Estados Unidos fiquem ainda mais prósperos, haverá mais capital disponível para investir na economia chinesa. Ou seja, a prosperidade americana interessa à China na medida em que ela vai experimentar um desenvolvimento ainda maior. Os dois países, portanto, tendem a incentivar naturalmente o sucesso um do outro. É fundamental o fato de que não há motivo para um conflito entre as duas superpotências. A competição entre as duas economias, no entanto, é saudável. Ao fim e ao cabo, a competição econômica é um processo muito positivo para os Estados Unidos. Venho refletindo muito sobre esse processo ultimamente.

Veja — *Que processo é esse?*
Maskin — Sem a China no horizonte, os Estados Unidos estariam mais acomodados em sua liderança, o que é fatal para a produtividade de uma nação. A recente crise imobiliária americana evidenciou certas fragilidades que dão conta de quanto o país ainda precisa evoluir institucionalmente. Uma delas diz respeito ao fato de até hoje não dispormos de um mecanismo capaz de evitar que as pessoas peguem dinheiro emprestado sem, em última análise, ter as mínimas condições de saber se vão ou não poder pagar o empréstimo no futuro. Elas precisam receber as informações necessárias e as análises econômicas e financeiras que lhes permitam tomar decisões menos arriscadas. Por outro lado, o sistema financeiro precisa urgentemente se tornar mais transparente. A meu ver, sem a competição da China as reformas que acabo de citar não teriam chance de ser feitas. Com a China nos calcanhares, os Estados Unidos devem se apressar a corrigir essas e outras imperfeições. Nesse campo, as nações tendem a reagir exatamente como as pessoas e as empresas privadas. Incentive a concorrência entre elas e o resultado será o crescimento da economia e a melhoria da sociedade e de suas instituições. ■

veja Às Suas Ordens

Assinaturas:

Serviço de Vendas de Assinaturas (S.V.A.)

Ligue Grátis: • **0800-7752828**
Grande São Paulo • **(11) 3347-2121**
De segunda a sexta, das 8 às 22 horas.
Sábado, das 9 às 16 horas.

Internet • **www.assineabril.com**
Fax: **(11) 5087-2100**

Serviço de Atendimento ao Cliente (S.A.C.) (Para renovar, mudança de endereço, troca de forma de pagamento e outros serviços):

Ligue Grátis: • **0800-7752112**
Grande São Paulo • **(11) 5087-2112**
De segunda a sexta, das 8 às 22 horas.

Internet • **www.abrilsac.com**

Para se corresponder com a redação de VEJA:
As cartas para VEJA devem trazer a assinatura, o endereço, o número da cédula de identidade e o telefone do autor. Enviar para:

Diretor de Redação, VEJA
Caixa Postal 11079 • CEP 05422-970, São Paulo, SP
Fax: **(11) 3037-5638**
e-mail: **veja@abril.com.br**

Por motivos de espaço ou de clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente. Só poderão ser publicadas na edição imediatamente seguinte as cartas que chegarem à redação até a quarta-feira de cada semana.

Edições anteriores:
Venda exclusiva em bancas, pelo preço de capa vigente. Solicite seu exemplar na banca mais próxima de você.

Reprints editoriais:
Você pode solicitar reimpressões das melhores reportagens de VEJA com a capa da edição (mínimo de 500 cópias).
Fax: **(11) 3037-5101**
e-mail: **reprint.veja@abril.com.br**

Licenciamento de conteúdo:
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens de VEJA, acesse **www.conteudoexpresso.com.br** ou ligue para: **(11) 3089-8853.**

Para anunciar, ligue 3037-5359/5748
e-mail: **publicidade.veja@abril.com.br**

Programa *VEJA NA SALA DE AULA*:
Para conhecer melhor:
www.vejanasaladeaula.com.br

Para assinar
Ligue Grátis:
• **0800-7752828**
Grande São Paulo
• **(11) 3347-2121**
De segunda a sexta, das 8 às 20 horas.
Sábado, das 9 às 16 horas.

Na internet
http://www.veja.com.br

Trabalhe conosco:
www.abril.com.br/trabalheconosco

EDITORA Abril

Fundador: VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidentes: Jairo Mendes Leal, Mauro Calliari
Conselho Editorial: Roberto Civita (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), José Roberto Guzzo
Diretora Corporativa de Publicidade: Thais Chede Soares

veja

Diretor de Redação: Eurípedes Alcântara
Redator-Chefe: Mario Sabino

Editores Executivos: Carlos Graieb, Jaime Klintowitz, Marcio Aith, Vilma Gryzinski **Editores:** Carlos Rydlewski, Diogo Xavier Schelp, Felipe Patury, Giuliano Guandalini, Isabela Boscov, Julio Cesar de Barros, Karina Pastore, Lizia Bydlowski, Monica Weinberg, Okky de Souza, Thais Oyama **Editores Especiais:** André Petry, Lauro Jardim, Roberto Pompeu de Toledo **Repórteres:** Adriana Dias Lopes, Anna Paula Buchalla, Camila Pereira, Cintia Cancian Borsato, Eduardo Graciolli Teixeira, Fabio Portela Savietto, Heloisa Joly, Isabel Moherdaui, Jeronimo Teixeira, Julia Duailibi, Juliana Linhares, Marcelo Carneiro, Marcelo Marthe, Marcos Todeschini, Naiara Magalhães do Carmo, Paula Neiva, Rafael Corrêa, Roberta de Abreu Lima, Sandra Brasil, Sergio Martins, Thomaz Favaro, Vanessa Vieira, Victor De Martino **Sucursais:** *BELÉM* - Leonardo Coutinho *BELO HORIZONTE* - José Edward Vieira Lima *BRASÍLIA* - Chefe: Policarpo Junior, Editor: Alexandre Oltramari, Repórteres: Diego Escosteguy, Otavio Cabral *RIO DE JANEIRO* - Chefe: Lucila Teixeira Soares, Repórteres: Marcelo Bortoloti, Ronaldo França, Ronaldo Soares, Silvia Rogar **Checadores:** Chefe: Rosana Agrella Silveira, Andressa Tobita, Eny Elisa Souto Caldo, Simone Aparecida Costa **Fotografia - Editora Visual:** Gilda Castral **Coordenador:** Alexandre Reche **Fotógrafos:** *RIO DE JANEIRO* - Oscar Cabral *BRASÍLIA* - Ana Araujo **Pesquisa:** Paulo José Bianchi (coordenador); Ana Paula Galisteu, Gilson de Souza Passos, Ismael Carmino Canosa **Diretor de Arte:** Carlos Neri **Editor de Arte:** Reinaldo Antunes de Moura **Designers:** Claudio Scalzite, Daniel Marucci, Edson Diogo, Eduardo Lunghin Junior, Leonardo Eichinger, Mario José Carvalho, Mauricio Cioffi, Tadeu Nogueira **Infografia - Editora:** Andreia Caires **Infografistas:** Adriano Padua Pidone, Alexandre Akermann, André L. Araujo de Oliveira, Ewerton dos Santos Gondari, Wander Moreira Mendes **Produção Editorial:** Supervisores de Editoração/Revisão: Clara Baldrati, Jó de Melo, Marcos Prestes; Secretários de Produção: Ana Faustino, Julio Yamamoto, Shirley Souza Sodré, Vera Fedschenko Leite; Coordenadores: Marcelo Silvestre dos Santos, Marco Antonio Alvarez Salvador, Ricardo Horvat Leite; Revisão: Celia Regina Arruda, Celia Regina Rodrigues de Lima, Denis Augusto Fracalossi, Elvira Gago, Felice Morabito, Isabel Jorge Cury, Marina de Souza, Valquiria Della Pozza; Supervisor de Tratamento de Imagem: Danilo A. Ferreira; Preparadores Digitais: André Luiz Chagas, Eduardo Henrique Conde Salomão, Edval Vilas Boas, Fabio Martins Makiyama, Marcos Duarte Corrêa de Medeiros, Ricardo Ferrari, Roberta dos Santos, Silvio Felix **Atendimento ao Leitor:** Eduardo Tedesco, Loraine Gonçalves dos Santos **Estagiários:** Alexandre de Souza Salvador, Marcio Orsolini Coelho, Mariana Lemos Amaro, Suzana Lindner Villaverde. **Colaboradores:** Claudio de Moura Castro, Diogo Mainardi, Lya Luft, Millôr Fernandes, Reinaldo Azevedo e Stephen Kanitz **VEJA.COM - Editor Executivo:** Roberto Gerosa **Editora:** Katia Perin **Repórteres:** Giancarlo Lepiani, Isadora Pamplona, Jadyr Magalhães Pavão Jr., Raquel Hoshino, Silvio Nascimento **Estagiários:** Carolina de Gama Farina, Érica Pontes de Faria, Priscila Sanches Tobal **Webmasters:** Adriano Ramos de Oliveira, Ana Azevedo, Dalva Azevedo **Webdesigner:** Alexandre Hoshino **Assistente:** André Luiz Gomes da Silva **Arte e Imagens:** Alexandre Ortiz Ramos

www.veja.com.br

Apoio Editorial: Bia Mendes, Carlos Grassetti **Depto. de Documentação e Abril Press:** Grace de Souza **Serviços Internacionais:** Alcir N. da Silva (Nova York), Rogerio Altman (Paris), Associated Press/Agence France Presse/Reuters

PUBLICIDADE Diretor de Publicidade e Marketing Publicitário: Rogerio Gabriel Comprido **Diretor de Publicidade Regional:** Jacques Baisi Ricardo **Diretor de Publicidade Rio de Janeiro:** Paulo Renato Simões **Gerentes de Vendas:** Adriano Crisóstomo, João Paulo Pizarro (SP), Andrea Veiga, Edson Melo (RJ) **Executivos de Negócios:** Alexandre Resende, Ana Paula Moreno, Ana Paula Teixeira, Angélica Gós, Cristiane Tassoulas, Daniela Serafim, Eliane Pinho, Karine Luciane Thomaz, Lúcia Belluzzo Veiga, Marcia Mittermayer, Maria Lucia V. Strotbek, Selma Teixeira da Costa, Silzer Draghi, Susdi Mello, Thiago Ricco, Vanessa Ferreira, Viviane Martos (SP), Ailze Cunha, Henri Marques, José Castilho, Juliana Erthal Leonardo, Leda Costa, Marcia Torres, Rafaela Gonçalves Rangel (RJ) **Coordenador:** Wladimir Almeida (SP) **Planejamento, Controle e Operações: Diretor:** Fabian S. Magalhães **MARKETING E CIRCULAÇÃO: Diretor de Marketing Publicitário:** Ricardo Packness de Almeida **Gerente de Eventos:** Sandra Galli **Diretor de Marketing Leitor:** Carlos Eduardo Rugani Barcellos **Gerente de Circulação Assinaturas:** Alessandra Pallis **Gerente de Circulação Avulsas:** Andréa Abelleira **Gerente de Publicações:** André de Athayde e Oliveira **ASSINATURAS Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor:** Ana Dávalos **Diretor de Vendas:** Fernando Costa

Em São Paulo: Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7221, 19º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel. (11) 3037-2000, fax (11) 3037-5638 **Publicidade São Paulo** www.publiabril.com.br **Classificados** tel. 0800-7012066, Grande São Paulo tel. 3037-2700 **ESCRITÓRIOS E REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE NO BRASIL: Central-SP** tel. (11) 3037-6564 **Bauru** Gnottos Mídia Representações Comerciais, tel. (14) 3227-0378, e-mail gnottos@gnottosmidia.com.br **Belém** Midiasolution Belém, tel. (91) 3222-2303, e-mail simone.midiasolution@[illegible].com.br **Belo Horizonte** tel. (31) 3282-0630, fax (31) 3282-0632 **Triângulo Mineiro** F&C Campos Consultoria e Assessoria Ltda., telefax (16) 3620-2702, cel. (16) 8111-8159, e-mail [illegible]@netsite.com.br **Blumenau** M. Marchi Representações, tel. (47) 3329-3820, fax (47) 3329-6191, e-mail [illegible]@mmarchi.abril.com.br **Brasília** Escritório: tels. (61) 3315-7554/7555/7556/7557, fax (61) 3315-7558, Representante: Carvalhaw Marketing Ltda., tels. (61) 3426-7342/3223-0736/3225-2946/3223-[illegible], fax (61) 3321-1943, e-mail starmkt@uol.com.br **Campinas** CZ Press Com. e Representações, telefax (19) 3233-7175, e-mail cz@czpress.com.br **Campo Grande** Josimar Promoções Artísticas Ltda., tel. (67) 3382-2139, e-mail [illegible] **Cuiabá** Agronegócios Comunic. Ltda., tel. (65) 9235-7446, e-mail [illegible]@uol.com.br **Curitiba** Escritório: tels. (41) 3250-8000/[illegible], fax (41) 3252-7110; Representante: Via Mídia Projetos Editoriais Mkt. e Repres. Ltda., telefax (41) 3234-1224, e-mail viamidia@viamidiapr.com.br **Florianópolis** Interação Publicidade Ltda., tel. (48) 3232-1617, fax (48) 3232-1782, e-mail [illegible]@interacaoabril.com.br **Fortaleza** Midiasolution Repres. e Negoc. em Meios de Comunicação, telefax (85) 3264-3939, e-mail simone.midiasolution@[illegible].com.br **Goiânia** Middle West Representações Ltda., tel. (62) 3215-5158, fax (62) 3215-9007, e-mail publicidade@middlewest.com.br **Manaus** Paper Comunicações, telefax (92) 3656-7588, e-mail paper@internext.com.br **Maringá** Atitude de Comunicação e Representação, telefax (44) 3028-6969, e-mail [illegible]@atituderep.com.br **Porto Alegre** Escritório: tel. (51) 3327-2850, fax (51) 3327-2855, Representante: Print Sul Veículos de Comunicação Ltda., telefax (51) 3328-1344/3023-4954, e-mail ricardo@printsul.com.br **Recife** MultiRevistas Publicidade Ltda., telefax (81) 3327-1597, e-mail multirevistas@uol.com.br **Ribeirão Preto** Gnottos Mídia Representações Comerciais, tel. (16) 3911-3025, e-mail gnottos@gnottosmidia.com.br **Rio de Janeiro** tel. (21) 2546-8282, fax (21) 2546-8253 **Salvador** AGMN Consultoria Public. e Representação, tel. (71) 3311-4999, fax (71) 3311-4960, e-mail [illegible] **Vitória** ZMR — Zambra Marketing Representações, tel. (27) 3315-6952, e-mail [illegible]

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL: Veja: Veja, Veja São Paulo, Veja Rio, Vejas Regionais **Núcleo Negócios:** Exame, Exame PME, Você S/A **Núcleo Tecnologia:** Info, Info Corporate **Núcleo Informação:** Revista da Semana **Núcleo Consumo:** Boa Forma, Elle, Estilo, Manequim, Manequim Noiva, Revista A **Núcleo Comportamento:** Claudia, Gloss, Nova **Núcleo Semanais de Comportamento:** Ana Maria, Sou Mais Eu!, Viva Mais! **Núcleo Bem-Estar:** Bons Fluidos, Saúde!, Vida Simples **Núcleo Jovem:** Almanaque Abril, Aventuras na História, Bizz, Capricho, Guia do Estudante, Loveteen, Mundo Estranho, Superinteressante **Núcleo Infantil:** Atividades, Disney, Recreio **Núcleo Homem:** Men's Health, Playboy, Vip **Núcleo Casa e Construção:** Arquitetura e Construção, Casa Claudia **Núcleo Celebridades:** Bravo!, Contigo!, Minha Novela, Tititi **Núcleo Motor Esportes:** Frota S/A, Placar, Quatro Rodas **Núcleo Turismo:** Guias Quatro Rodas, National Geographic, Viagem e Turismo **Fundação Victor Civita:** Nova Escola

VEJA 2 053 (ISSN 0100-7122), ano 41, nº 12. Veja é uma publicação semanal da Editora Abril S/A. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **VEJA** não admite publicidade redacional.

INTERNATIONAL ADVERTISING SALES REPRESENTATIVE COORDINATOR FOR INTERNATIONAL ADVERTISING: UNITED STATES Global Advertising, Inc. 218 Olive Hill Lane, Woodside, California 94062; World Media, 19 West 36th Street, New York, New York 10018, tel. 1-212-244-5610, fax 1-212-21[illegible]; Charney/Palacios & Co., 5201 Blue Lagoon Drive, Suite 200, Miami, Florida 33126, tel. 1-786-388-6340, fax 1-786-388-9113 **JAPAN** Shinano International, Inc. Akasaka Kyowa Bldg. 2F 1-6-14, Akasaka, Minato-Ku, Tokyo 107-0052, tel. 81-3-3584-6420, fax 81-3-3505-5628 **TAIWAN** Lewis Int'l Media Service Co. Ltd. Floor 11-14 Nº 46, Sec. 2 Tun Hua South Road, Taipei, tel. 02-707-5519, fax 02-709-8348
VEJA is published weekly by EDITORA ABRIL S/A (av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, CEP 02909-900, Brazil). A Yearly subscription abroad costs US$ 280. Except for Asia the subscription costs US$ 380. To subscribe call: 55-11-5087-2112, or write to: av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, CEP 02909-900, Brazil

Serviço ao Assinante: Grande São Paulo: 5087-2112. Demais localidades: 0800-775-2112. www.abrilsac.com
Para Assinar: Grande São Paulo: 3347-2121. Demais localidades: 0800-775-2828. www.assineabril.com.br

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, CEP 02909-900, Freguesia do Ó, São Paulo, SP

IVC FIPP ANER

Abril

Presidente do Conselho de Administração: Roberto Civita
Presidente Executivo: Giancarlo Civita
Vice-Presidentes: Arnaldo Tibyriçá, Douglas Duran, Marcio Ogliara, Sidnei Basile
www.abril.com.br

QUEM IMAGINARIA QUE GORDURA PODERIA FAZER BEM PARA SEU CORAÇÃO?

FELIZMENTE, A GENTE.

Becel
AME SEU CORAÇÃO

Hugo Penteado
Economista-Chefe da Asset Management do Banco Real
ANBID
Reinvente
Vem com a gente
SAC – Serviço de Apoio ao Cliente:
Ouvidoria: 0800 285 8787

Serviços Van Gogh.
A competência do
atendimento preferencial
com a consciência
do Banco Real.

Para nós, sucesso
é dar certo fazendo
a coisa certa
do jeito certo.

Fundo Floresta Real

Nossas decisões são tomadas considerando aspectos econômicos, sociais e ambientais.
O que nos ajuda a acertar mais e correr menos riscos.
E dar certo fazendo a coisa certa do jeito certo, com produtos como o Fundo Floresta Real,
um fundo de investimento de renda fixa pioneiro e inovador, com benefícios
socioambientais. Com o Fundo Floresta Real, você rentabiliza seu investimento e ainda
tem direito a receber o valor financeiro referente aos Créditos de Carbono* originados pelo
Programa Floresta Real. Este programa é uma iniciativa do Banco Real que visa contribuir
para a preservação do meio ambiente por meio da compensação de emissões de gases do efeito estufa.
Este é o jeito de fazer negócios do Banco Real.

TALENT

Conheça o Programa Floresta Real no site do fundo: www.bancoreal.com.br fundofloresta real

O banco da sua vida

BANCO REAL

A Mantecorp é parceira de um dos maiores
laboratórios de biotecnologia do mundo.
Isso não é apenas pensar no futuro.
É fazê-lo chegar mais rápido.

Mantecorp

Stephen Kanitz

Amor e lealdade

Seu filho e sua filha de 12 anos mostram enorme interesse em assistir ao filme baseado em um livro que eles estão lendo na escola. Você descobre que o lançamento será daqui a quatro sábados e promete que vai levá-los já na pré-estréia. Será uma tarde muito especial, só vocês. Você ganhou pontos como pai, fez um golaço e tanto. Melhor ainda, agora eles serão os primeiros a contar para os colegas de escola como o filme se desenrola, serão o centro da roda e heróis por um dia, graças a você. E eles começam a sonhar com o grande dia. Três semanas se passam e na quinta-feira anterior à pré-estréia seus colegas de trabalho o convidam para um jogo de futebol seguido de churrasco. Seu chefe vai estar lá, jogando com a turma. Um amigo se prontifica a buscá-lo às 10 horas do sábado. Você aceita sem pestanejar. Ser convidado para jogar com o chefe é muito importante para a sua carreira, que por sinal não anda muito bem. Seria uma boa oportunidade para fazer média. Você nem se lembrou do compromisso anterior com os filhos.

No sábado, às 10 horas em ponto, seu amigo está à porta, quando seu filho, absolutamente estarrecido, lhe pergunta: "Pai, você esqueceu o nosso filme?".

O que você faz numa situação dessas?

1. Você diz que não irá ao futebol. Pede mil desculpas ao amigo, diz que não poderá jogar conforme o prometido, pede que ele explique o ocorrido ao seu chefe, e fim de papo.

2. Você pede mil desculpas aos seus filhos, explica a situação, diz que o chefe vai estar lá, que você os levará no sábado que vem, com direito a pipoca em dobro. E tudo se resolverá a contento, sem prejuízo de ninguém.

Qual das duas opções você escolhe? Se respondeu que é a primeira, lamento dizer que você está mentindo. Todo mundo escolhe a segunda opção. Afinal, é sua carreira que poderia estar em jogo. Você bem que podia se tornar mais amigo da turma do trabalho, você está inseguro. Aliás, quem não está?

O que quero discutir aqui é a razão por trás da sua escolha, o raciocínio que determinou a decisão de postergar o cinema com os filhos. Você fez essa opção porque no fundo sabe que seus filhos o amam. E, porque o amam, eles entenderão. Sem dúvida, eles ficarão desapontados, mas não para sempre. Afinal, você conseguiu conciliar a agenda de cada um, só vai demorar mais um pouquinho.

Porém, com esse tipo de raciocínio, você acaba colocando as pessoas que o amam para trás. Justamente as pessoas que nos amam é que acabamos decepcionando, vítimas dos nossos erros do dia-a-dia. Que recompensa é essa que dispensamos àqueles que nos amam e que nos são leais? Por quanto tempo eles continuarão nos amando diante de atitudes assim?

"Se acha que ninguém o ama ou que não é amado o suficiente, talvez isso ocorra porque você não tem sido leal com as pessoas a quem ama"

Eu não tenho a menor dúvida de que você escolheu jogar futebol porque sabe muito bem que seu chefe não o ama. Muito pelo contrário, ele não está nem aí para você. Ele pode substituí-lo na hora que quiser, sem um pingo de remorso. Você aceitou jogar com os colegas para que eles gostem um pouco mais de você. E com os seus filhos, que já o adoram, você aproveitou para negociar. Eles não vão dizer nada, vão entender, mas sentirão calados uma punhalada nas costas.

A lógica diz que deveríamos ser leais com as pessoas que nos amam, mas na prática fazemos justamente o contrário.

Se acha que ninguém o ama ou que não é amado o suficiente, talvez isso ocorra porque você não tem sido leal com as pessoas a quem ama. Achar que elas serão sempre compreensivas e razoáveis é seguramente o caminho para o desastre. Seus filhos acreditarão em você na próxima vez que lhes fizer uma promessa? Eles aprenderão o significado da palavra lealdade?

Seu chefe vai esquecê-lo totalmente um mês depois de você se aposentar, bem como os seus colegas de trabalho. Os únicos que jamais vão esquecê-lo são seus filhos, pela sua lealdade ou pelas pequenas decepções e infidelidades cometidas por você ao longo da vida.

Stephen Kanitz *é administrador (www.kanitz.com.br)*

ILUSTRACAO ATOMICA STUDIO

Você acredita que o meu banco
me dá tudo de que eu preciso com uma
das melhores tarifas do mercado?

Conheça melhor a CAIXA.
Abra sua conta no banco que acredita nas pessoas.

baixa.com.br

ACREDITE

Tudo que você espera de um banco a CAIXA tem.
E até aquilo que você nem esperava.

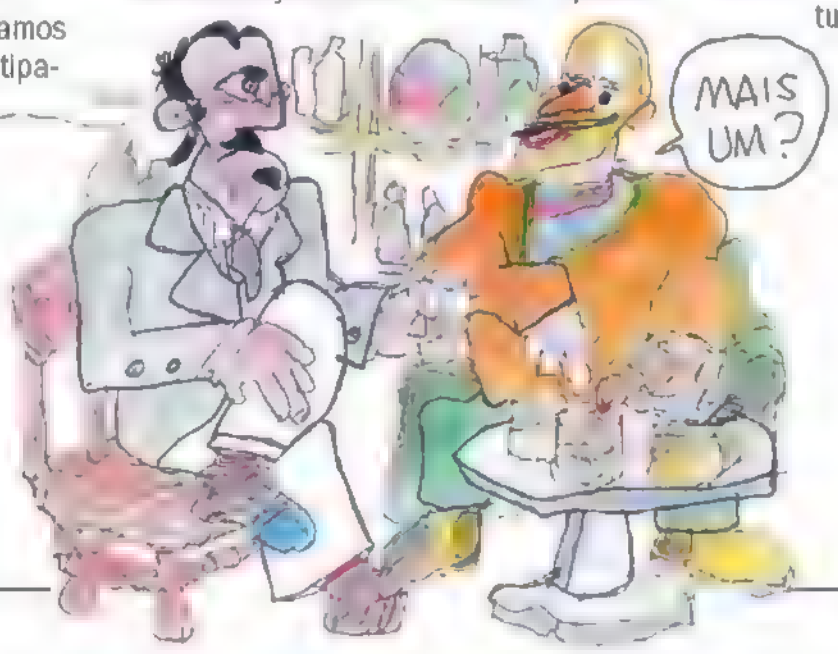
CAIXA

Quem baixa 93 MPs mantém o controle do desastre

Enquanto isso entre os otimistas

Millôr

Não temos de que nos queixar. Desde que elegemos democraticamente o Jânio, o Geisel, o Collor, o Sarney e o FhC, aumentamos o número de nossos corruptos, ultrapassando países do primeiro mundo, nisso e na violência, que, felizmente, já é incontrolável. Pois já temos gente entre nós perto de produzir bombas atômicas domésticas. Estamos ampliando as favelas e a favelização das mentalidades, incrementamos o turismo desenfreado, já temos, no noroeste, várias "fronteiras móveis", conseguimos aumento em nossa exploração socioeconômica pela grande máfia internacional industrial-militar e, em São Paulo, comemoramos 100 anos de Conspiração Amarela para Dominar a Raça Branca, modernissimos chegamos à poluição dos plásticos, ao envenenamento da água, do ar, da luz, e do sexo normal, a nossa moral anda nua e as roupas imorais, as marabuntas africanas chegaram disfarçadas em exércitos de dengues, temos amplo neonazismo, o neofascismo governa, ninguém relaxa e ninguém goza mais do que nós com a Conspiração Internacional para a Extinção Sistemática da Flora e da Fauna. Metade de nosso PIB financia Incorporações Imobiliárias, importamos da Austrália bumerangues eletrônicos que explodem a baixa altitude, nossos canibais seqüestram na ponte aérea Rio–São Paulo, as ligações do gás doméstico soltam raios manta e raios panda, apoiamos a implantação nacional do sistema de castas, é admirável nossa vacina para inocular elefantíase, estamos jogando ateus, hereges, antipapistas e outros fanáticos anti-religiosos para solidificar a Nova Igreja (a que distingue dinheiro Bom de Dinheiro demoníaco), o intestino de todos os oposicionistas está sendo atacado pela vingança de Montezuma, vulcões não tão extintos eruptam no Rio Grande, uma liga Nacional de Porcos Chovinistas ataca surubas de gays, nossa mão negra luta contra a nossa máfia, temos cada vez mais pintores primitivos, mais tempestades de areia, vias de tráfego com três e quatro andares, degelo em todo o nordeste, homossexuais tomam o Poder, monstros na Lagoa Rodrigo de Freitas imitam o do Lago Ness, temos milhões de sedutores de menores, fomentamos o **boom** da impotência, formamos Panteras Negras, Capitalistas Negros, a Lei e a Ordem, a especulação da Bolsa, a especulação no comércio de obras de arte, apoiamos a Conspiração Internacional da Chatice Organizada, a sodomia, a legalização das drogas, a superpopulação, os estranhos movimentos na vizinhança, as manobras suspeitas na Bahia, as explosões solares, os adoradores de beterraba, a revolta dos jogadores de bingo, os delatores e dedos-duros, as orgias no andar de cima, as bacanais no andar de baixo, os mosquitos gigantescos, as nanomoscas, jigabós e telêmacos, maníaco-depressivos armados, *aquele* som, baianos elétricos, gaúchos radiativos, materialistas com Deus. Enfim, estamos com tudo, apoiamos tudo: a volta da febre amarela, o voodoo!, magia negra, macumba e maçonaria, monossódio de hexacloreto de coentro, cobras venenosas, jornais sem revisão, imprensa com censura, os horrores indescritíveis no **underground** do **establishment,** missionários santimoniosos, virgens profissionais, prostituição de menores, ladrões de cachorros, nuvens de baratas vindas do Paraguai, mulatos liberais, barbados analfabetos, a Conspiração Internacional dos Ratos de Sacristia, Conspiração Internacional das Agências de Publicidade, epidemia de tiques nervosos, Conspiração Internacional dos Motoristas Cegos, Conspiração Internacional de Psicanalistas Ávidos de Lucros, ostras envenenadas, arteriosclerose, caçadores de cabeças, puritanos à solta, ciganos em desespero, cursilhos, auto-de-fé, alcoólatras chatos e além disso anônimos, adoradores do câncer, **camping,** bombas atômicas extraviadas, extra-viados, mau hálito generalizado, solitários ameaçadores, explosão da primeira bomba atômica do Haiti, gota, catarata, rompimentos de gigantescos interceptores de esgotos, conclaves de estupradores de domésticas, terremotos, maremotos, falsos orientais, a maldição do sangue de pantera, doença do sono, falta de sono, trocadilhistas, donas-de-casa incompetentes dando uma de emancipadas, navios navegando sob a bandeira da Libéria, antropólogos, peixes contaminados, psicologismo, muros com cacos de vidro, vitiligo, pelagra, cães hidrófobos, violação de correspondência, velhotas **topless,** divorciadas doidonas, incêndios, enchentes, terapia de grupo, sexo grupal de impotentes, apoiamos tudo e tudo o mais que é o et cetera.



Na Fast Shop você encontra o seu próprio cinema, com qualidade de som e imagem.

FAST SHOP

www.fastshop.com.br

TV Digital | Saiba tudo e compre melhor na FAST | A Fast Shop instala sua TV Digital* ensina e você só aproveita | FULL HD 1080p

TV Monitor LCD 52" Full HD

A Full HD possui a máxima qualidade de imagem com uma resolução de 1.920 x 1.080p. Conta com entradas HDMI e contraste dinâmico de 10 000:1, garantindo cenas mais nítidas e perfeitas num tempo de resposta ultra-rápido de 6 ms. Preço à vista: R$ 8.999,00 ou 10x de R$ 899,90 sem juros no cartão.

Design Art Home Theater

Com um design diferenciado da linha Design Art, esse aparelho apresenta caixas acústicas no formato taça de champanhe. O sistema de som Virtual Sound Matrix que simula um som de 10.1 canais e a conexão HDMI com up-convertion para 1.080p de altíssima resolução Full HD são os grandes destaques desse modelo. Conexão USB Plus para áudio e vídeo. Preço à vista: R$ 2.199,00 ou 10x de R$ 219,90 sem juros no cartão.

LG Life's Good

Serviços Fast Shop:

Instalação e Orientação de Uso[1]
Um serviço da mais alta qualidade na hora de instalar o seu produto.

Garantia Estendida[1]
Quando a garantia do fabricante acaba, a garantia da Fast Shop continua.

Entrega com Hora Marcada[1]
Você escolhe a melhor hora para a Fast Shop entregar e instalar a sua compra

LOJAS FAST SHOP: São Paulo • Barueri • Belo Horizonte • Campinas • Curitiba • Santo André • Guarulhos • Mogi das Cruzes • Niterói • Osasco • Ribeirão Preto • Rio de Janeiro • Salvador
Televendas: (11) 3232-3100

Garantimos a quantidade mínima de 10 unidades dos produtos ou até o término do estoque. Ofertas válidas somente para a data de hoje. Cartões de crédito aceitos: American Express, Aura, Credicard, Diners Club, Fast Shop Aura e Visa. Não aceitamos a forma de pagamento em cheque. Sujeito a análise e aprovação de crédito. Consulte nossa equipe de vendas sobre preços e disponibilidades dos serviços Fast Shop: Instalação e Orientação de Uso, Garantia Estendida e Entrega com Hora Marcada. Para obter máxima qualidade de imagem sem distorção é necessário sinal digital de alta qualidade em formato widescreen e uso de conversor/decodificador de sinal. As imagens reproduzidas por DVDs também são digitais, garantindo a máxima qualidade na reprodução. * Instalamos e conectamos sua TV, conversor, home theater e outros produtos com os serviços de responsabilidade profissional Fast Shop. Fotos meramente ilustrativas. Ficam reservadas eventuais retificações das ofertas aqui veiculadas.

dentsu

Seja BEM-VINDO
ao MUNDO que
NÃO está PRONTO.

a gente
muda
o mundo
muda
KUAT
KUAT
Coca-Cola

BIGFRAL
LÍDER ABSOLUTA
PORQUE OFERECE MAIS
CONFORTO, MAIS SEGURANÇA,
MAIS ABSORÇÃO E MAIS
QUALIDADE DE VIDA.

www.pompom.com.br • Sac: (11) 6412.3707

Cartas

Sexo

Sobre a reportagem "A vida sem muito sexo" (19 de março), acho que as mulheres, principalmente as casadas, estão cansadas de mentiras, mau desempenho sexual, traição, fingimento, desculpas esfarrapadas. Tenho várias amigas que reclamam do parceiro na vida sexual. A maioria deles deixa a desejar, mas diz no mercado que são os melhores. Por isso, o número de separações entre casais tem aumentado a cada ano.

Lucia Nunes
Por e-mail

Acredito que muitos casais pensarão duas vezes antes de responder às pesquisas e não ficarão frustrados com índices consideravelmente altos de atividade sexual.

Isabela Juliato Spadaccia
São Paulo, SP

Marcílio Marques Moreira

VEJA surpreende e encanta novamente com textos de primeiríssima qualidade, como na edição 2 052, na qual o embaixador Marcílio Marques Moreira expõe, de forma clara e abrangente, as complexidades do comportamento ético dos indivíduos em geral e, particularmente, da classe política (Amarelas, 19 de março). A certeza da impunidade levou ao descambo da consciência legal dos indivíduos, desenhando-se uma imagem do país segundo a qual as instituições caminham para a falência geral.

Mauricio de Queiroz
Caçapava, SP

Por um momento, sinceramente pensei que seria eu o errado por achar gravíssimo parar o carro na vaga do deficiente, sair dele na cara-de-pau e ainda ficar bravo quando alguém reclama. Num país que só sabe fazer leis, mas não fazer cumpri-las, é de esperar que o povo aja dessa maneira. Somos assim porque merecemos sê-lo.

Robertson Correia Bernardo
Recife, PE

Lúcida, didática, explicativa. É assim que defino a entrevista com o ex-ministro Marcílio Marques Moreira. De suas lições se extrai uma conclusão: o Brasil ainda está muito longe de ter uma sociedade verdadeiramente comprometida com os valores da retidão, da ética e da seriedade.

Rubem Azevedo Jacundá
Guará II, DF

"Em sexo, tudo é questão de tempo e lógica. Entre um casal, quando o fogo se apaga, o vazio é preenchido pelo amor e pelo companheirismo."

Sergio Dias Nunes
São Caetano do Sul, SP

Lendo a entrevista com o embaixador Marcílio Marques Moreira, concluí que, no Brasil, em todas as esferas, estão sobrando espertos e faltando otários.

Eduardo Augusto de Campos
Indaiatuba, SP

Reparação injusta

O governo está se especializando em dar dinheiro a ONGs, sindicatos e, agora, a terroristas, como o Lamarca. A opção pela resistência armada contra a ditadura é vista pelo governo como uma defesa dos ideais de liberdade e cidadania. As pessoas se esquecem de que o uso de violência não pode ser justificado como forma de buscar a democracia. O resultado são absurdos como esse que vimos na reportagem "Terror premiado" (19 de março). Se vivêssemos num país sério e justo, o senhor Diógenes Oliveira deveria pagar uma indenização pelo resto da vida ao rapaz que teve a perna amputada, e não receber do povo brasileiro um prêmio pela sua "luta" contra o regime militar.

Bruno Pimentel
Belo Horizonte, MG

Convivi com Orlando Lovecchio Filho, na década de 1960, em Santos. Era um jovem de bem com a vida, cuja maior paixão eram a aviação e sua futura carreira como piloto comercial. Após o estúpido e covarde ato terrorista, que ceifou sua perna e todos os seus sonhos, passou a ser considerado suspeito do atentado: pecha que o perseguiu por vários anos. Entretanto, o que mais indigna é a postura cínica e revoltante do terrorista: "A lei nem sempre é justa". Aproveitando a oportunidade, seria bom lembrar dos pais idosos daquele jovem recruta (Mário Kozel Filho) também covardemente assassinado por essa gangue, agora premiada.

Luiz Antonio Alves de Souza
São Paulo, SP

A Dell recomenda o Windows Vista® Business.

GERENCIE A SUA EMPRESA COM AGILIDADE E SEGURANÇA.

intel Core 2 Duo

Do More

Dell Vostro™ 1400
- Processador Intel® Celeron® 540
- Windows Vista® Home Basic original
- 512 MB de memória
- Disco rígido de 80 GB
- Gravador de DVD
- 1 ano de garantia
BRH7734 - VJ1

6X R$ 316,50
VALORES COM FRETE NÃO INCLUSO

R$ 1.899*
À VISTA
COM GRAVADOR DE DVD

GRÁTIS:
Troque 512 MB de memória por 1 GB(2)

Desktop Dell Vostro™ 200s
- Processador Intel® Core™2 Duo E4500
- Windows Vista® Home Basic original
- Monitor Dell Flat Panel (LCD) de 17"
- 2 GB de memória • Disco rígido de 160 GB
- Gravador de DVD • 1 ano de garantia
- 15 meses de McAfee SecurityCenter
BRH7782-VJ1

6X R$ 333,16
VALORES COM FRETE NÃO INCLUSO

R$ 1.999*
À VISTA
COM 2 GB DE MEMÓRIA

APROVEITE:
Troque Monitor LCD de 17" por um de 19" por apenas R$ 150*(2)

Ligue e confira também Servidores a partir de R$ 1.299*

Ligue agora e compre seu Dell do seu jeito: 0800 722 3465

Das 8h às 20h. Ou acesse www.dell.com.br/vj

DELL

Para quem adora uma novidade, aqui vão duas.

LANÇAMENTO
LG KF600
• Menu interativo, touch screen
• MP3 player
• Câmera de 3.0 com flash e autofoco
• Rádio FM
• Incluso cartão de 512 MB
R$749,00
Válido no Plano TIM Brasil 120

LANÇAMENTO
LG KP215
• MP3 player
• Câmera digital
• Memória expansível
• Display externo
• Fone de ouvido estéreo
R$99,00
Válido no Plano TIM Brasil 120

Ganhe 500 minutos locais com Tarifa Zero para falar com qualquer TIM.

LG Life's Good

TIM Viver sem fronteiras

Cartas

Etanol

Com a reportagem "70 questões para entender o etanol" (19 de março), VEJA deu uma enorme contribuição para que a população entenda melhor esse combustível, que, apesar de ser usado no Brasil há mais de trinta anos, continua desconhecido em seus vários aspectos técnicos. Nesse sentido, gostaria de fazer uma pequena complementação aos itens 8 e 9, que tratam do etanol de celulose. Nas pesquisas já realizadas no Brasil, já se conseguiu produzir 240 litros de etanol com 1 tonelada de palhas e bagaço de cana (ricos em celulose), três vezes mais que os 80 litros conseguidos com a simples moagem, ou seja, podemos triplicar a nossa produção com a mesma área plantada. Os americanos, por sua vez, estão investindo 385 milhões de dólares para construir seis instalações industriais experimentais utilizando a hidrólise a fim de produzir 130 milhões de galões de etanol celulósico a partir da palha e do sabugo de milho. O objetivo é atingir a meta do plano Bush — "vinte anos em dez" — de produzir 35 bilhões de galões de etanol em 2017. Como bem informou VEJA, é uma questão de tempo para que os primeiros litros cheguem ao mercado.

Humberto Viana Guimarães
Engenheiro civil e consultor
Salvador, BA

Excelente trabalho jornalístico; é o melhor manual de defesa do combustível "verde-amarelo". Pena, apenas, que, das 51 plantas autorizadas pela ANP, 31 já deixaram de funcionar. Entre elas, as três que foram inauguradas com muito barulho pelo presidente Lula. Equívocos como o da mamona como fonte de matéria-prima (é inviável economicamente e não atende sequer às normas da própria ANP) e a utilização da agricultura familiar, além de trapalhadas da Petrobras, estão inviabilizando a produção "verde-amarela" de biodiesel. O mercado do biodiesel é estimado em quatro vezes o mercado do etanol.

Ronaldo Knack
Ribeirão Preto, SP

Bem elaboradas as perguntas contidas na reportagem "70 questões para entender o etanol". É muito importante que a população tenha conhecimento das fontes de energia alternativa. Embora a produção de etanol a partir da cana-de-açúcar tenha se iniciado na década de 70, a maioria das pessoas ainda não conhece o bastante outra fonte de energia que não seja o petróleo.

Géssica Lutetá Rabelo
Montes Claros, MG

Cartas

O artigo de VEJA é um dos mais bem escritos para entender o papel do álcool de cana. Explica com muitos dados a contribuição brasileira para o combate ao aquecimento global e para a sustentabilidade da civilização do automóvel. Todavia não é simples explicar o que está nos compêndios modernos de biologia e química, que engenheiros e até políticos e economistas deviam entender. Para usar hidrogênio precisamos produzi-lo, gastando energia. As plantas fazem isso usando a energia do sol. Podemos utilizar diretamente a energia do sol, mas esse processo ainda não está pronto para o emprego em grande escala. É mais fácil usar a cana e outras plantas. Podemos utilizar eletricidade ou calor para decompor a água ou o metanol para produzir hidrogênio. Não existe hidrogênio livre. Dizer que o hidrogênio é o combustível é o mesmo que dizer que o fio elétrico produz energia elétrica. O fio, como o hidrogênio, é o transportador da energia que deve ser produzida.

Isaias Raw
Instituto Butantan
São Paulo, SP

Herdeiros de ACM

Parabéns, VEJA, pela forma como relatou os fatos que envolvem a partilha de bens da família do senador ACM ("A herança maldita de ACM", 19 de março). O que o leitor precisa saber é tão-somente o que aconteceu e o que está acontecendo para depois, querendo, tirar as próprias conclusões, a fim de opinar sobre a briga interna na família ou sobre as nuances políticas envolvidas no caso. Dessa forma, a revista ganha os parabéns pela completa isenção ao narrar os fatos. Muito obrigada!

Cláudia Lobo
Por e-mail

Fanatismo na novela

Já está mais do que comprovado que não basta ter um bom elenco ou uma boa direção se estivermos diante de um texto capenga, totalmente inverossímil, com personagens sem sustentação e escopo, caindo no patético. É o que podemos ver na telinha em *Duas Caras*. Marcelo Marthe acertou em cheio ao falar da personagem Edivânia, que deu um show de intolerância na novela ao exorcizar um colchão king-size ("Fogueira santa", 19 de março).

Ruvin Ber Jose Singal
São Paulo, SP

Concordo que as novelas exageram quando querem chamar atenção para algum tema, mas no caso dos evangélicos sou forçada a reconhecer que até hoje todos os que conheci tentaram me "converter". Costumam ser intolerantes, fanáticos e parecem usar uma viseira que os impede de perceber que Deus é único e o que muda, de uma religião para outra, é apenas a forma de louvá-lo.

Claudia R.V. de Mello
Brasília, DF

Quando é criada uma personagem caricata de uma beata católica, nenhum evangélico diz nada. Não me lembro de tanta polêmica com relação à Perpétua (interpretada por Joana Fomm) de *Tieta* e a muitos outros personagens de católicos fanáticos que praticavam o mal. Para que tanta hipocrisia?

Marcelo Jorge Leão de Lima
São Paulo, SP

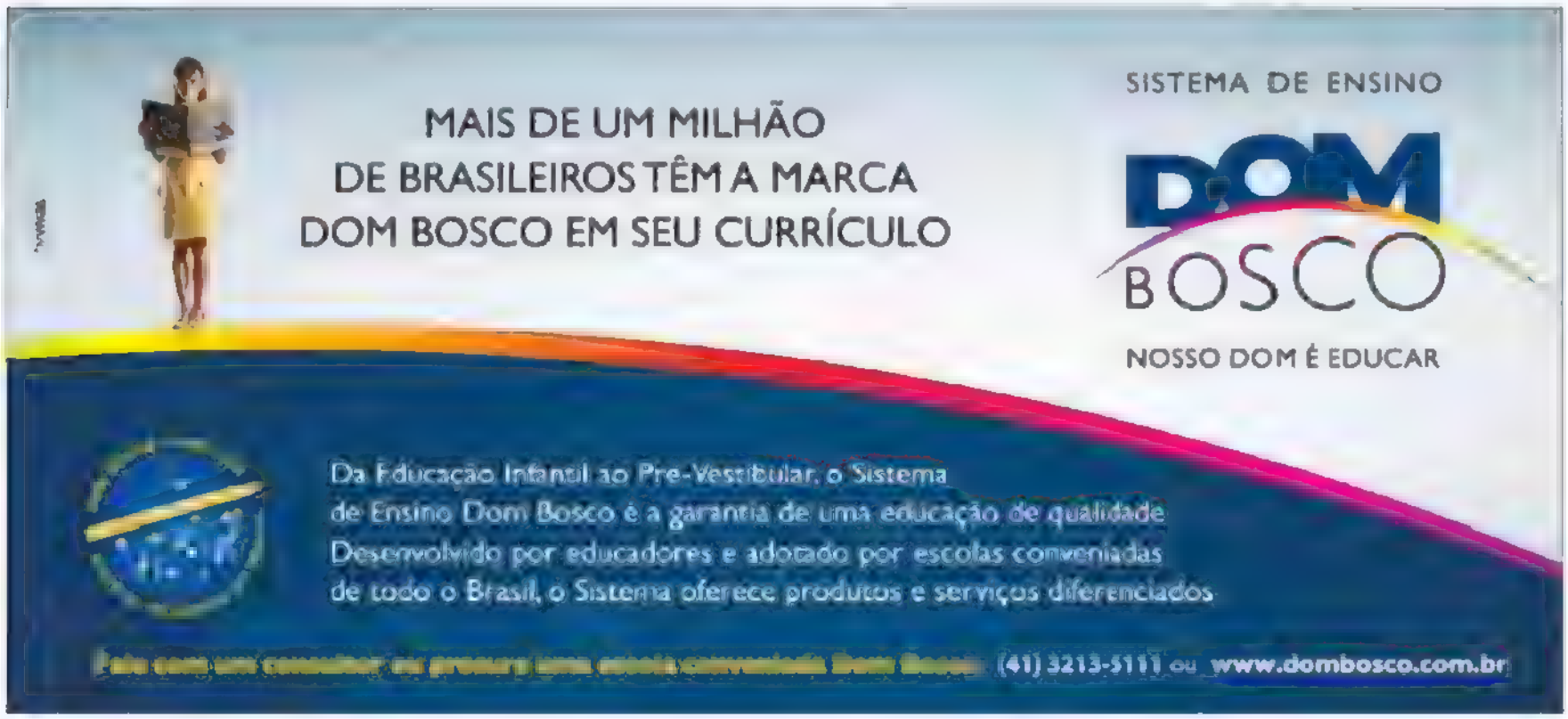
Vida das noivas

Cumprimento a jornalista Sandra Brasil pela reportagem "A maratona para o 'sim'" (19 de março). O casamento é o momento mais esperado pelas mulheres brasileiras. Umas sonham desde criança com tal dia. Antigamente, era só chegar à data, maquiar-se, pentear-se, vestir-se e ir para o local. Atualmente, não. Os preparativos demoram meses e até anos. Só tenho interesse em saber por que tanto tempo assim. Fazer plásticas, corrigir o rosto, emagrecer 10 quilos e fazer peeling para o casamento é realmente uma desculpa perfeita para lidar com antigos complexos. O melhor é fazer o simples, que com certeza ficará natural e mais bonito, do que o complicado, que poderá dar errado. Enfim, parabéns pela reportagem.

Marcella Valverde
Itatiba, SP

Imigração

Na Espanha, como em qualquer outro país, a questão da imigração é complexa. Não se esgota numa discussão úni-



EM ABRIL
2008
Faça o Curso
COMUNICAÇÃO
Aprenda a falar
em Público e mais:
- Motivação
- Use a mente a seu favor
- Perca o medo e a timidez
- Monte um projeto de vida
- Descubra sua missão na Terra
- Melhore e potencialize sua comunicação na empresa, faculdade ou família
- Monte seu negócio próprio
- Aumente as vendas
- Atenda melhor seu cliente
- Telemarketing
Quer mais motivação?
Acesse: waltersandro.com.br
Primeira Aula Grátis
Ligue já e reserve sua primeira aula gratuíta em uma das 27 Capitais do Brasil!
(11)2273-5560
(11)3791-6177
walter@waltersandro.com.br
mail.com

Cartas

ca. As palavras são pequenas para descrever a dor exposta no rosto sem identidade dos imigrantes. Olhar de dor, muita dor. Não são fugitivos de guerra. Não são criminosos em fuga. Para os especialistas em mudança climática, essas crianças e jovens, homens e mulheres de idade indefinida são as vítimas mais visíveis do aquecimento global da Terra ("Globalização de populações", 19 de março).

Maria das Graças Targino
Teresina, PI

Sou uma brasileira que acaba de voltar da Espanha após mais de dois anos naquele país, onde fiz um mestrado e trabalhei. Além de todos os problemas e oportunidades citados na reportagem, os espanhóis realmente demonstraram ser xenófobos. Viver na Espanha é viver como cidadão de segunda categoria e sentir diariamente que você não faz parte da sociedade espanhola. Espero que a imagem do espanhol como povo alegre e receptivo esteja caindo por terra.

Candice Borges
Fortaleza, CE

OS NÚMEROS

Correspondência da semana

E-mails	1051
Cartas	40
Fax	10
Total	1101

Assuntos mais comentados

Etanol	28
Marcílio Marques Moreira (Amarelas)	26
Fanatismo religioso na novela	25
Indenização a terrorista	22
Globalização dos imigrantes	18

J.R. Guzzo

Em *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, Sancho Pança, o fiel escudeiro, acolhe seu antigo vizinho, o mouro Ricote, que estava proibido de retornar à Espanha. Cervantes mostra que a decisão do banimento de Ricote era contrária ao sentimento popular. Alheios à burocracia oficial, Sancho e Ricote comemoraram o reencontro comendo e bebendo, como amigos que eram. Em outro episódio, Dom Quixote espeta com sua lança os guardas que conduziam prisioneiros condenados. Esse amante da liberdade e inimigo de todas as formas de opressão precisa retornar urgentemente à Espanha ("O guarda do aeroporto", 19 de março).

Mário Amora Ramos
Salvador, BA

Hipertensão

É salutar a evolução dos anti-hipertensivos, porém, como sinal de alerta, gostaria de deixar registrado o meu caso. Como médico aposentado, aos 61 anos de idade, fui surpreendido ao constatar que os meus níveis de tensão arterial estavam em 14 por 9. Sem fazer uso de medicamentos, comecei a caminhar durante 45 minutos três vezes por semana, restringi o sal e passei a usar adoçante dietético no lugar do açúcar. Ao cabo de dois meses, tinha perdido 3 quilos do peso corporal, e a pressão arterial havia baixado para 11 por 7. Infelizmente, a ausência de simples medidas preventivas, como as que tomei quando a hipertensão ainda era leve, tem levado muitos à incapacidade física ou à morte por acidentes vasculares cerebrais ("12 por 8, a missão", 19 de março).

Levi Bronzeado dos Santos
Guarabira, PB

Holofote

A respeito da nota "Colombo ameaça renunciar à CPI" (Holofote, 19 de março), causa-me estranheza o fato de ter sido atribuída ao relator da CPI das ONGs a responsabilidade pela inclusão de requerimentos na pauta da comissão. Não creio que tal informação tenha sido transmitida à coluna pelo senador Colombo, uma vez que o próprio regimento interno do Senado determina que a competência para o ordenamento e a direção dos trabalhos de qualquer comissão da Casa cabe a seu presidente.

Inácio Arruda
Senador (PCdoB-CE)
Brasília, DF

VEJA.com

Hoje, preocupado com a crise no mercado mundial, pela primeira vez acessei o site de VEJA (www.veja.com.br) e fiquei surpreso e entusiasmado com o que vi. Um site limpo, atraente e noticiando os fatos de uma forma clara, precisa e gostosa de ler. Parabéns por estar sempre na ponta do jornalismo brasileiro. Já está na hora de vocês criarem uma empresa de TV. Seria sensacional.

Marcio Bogado
Por e-mail

CORREÇÃO: *A onça troy, usada como medida do ouro, equivale a 31,1 gramas, e não 28,35 gramas, como informou a reportagem "Pacote sem maldades" (19 de março).* ■ *Na nota "Cresce a exportação de bois vivos" (Contexto, 12 de março), sobre o abate de animais segundo preceitos muçulmanos, o animal é degolado com um único golpe atingindo jugular, traquéia, esôfago e carótida, e não aorta.*

NOKIA

Nokia 5310 XpressMusic

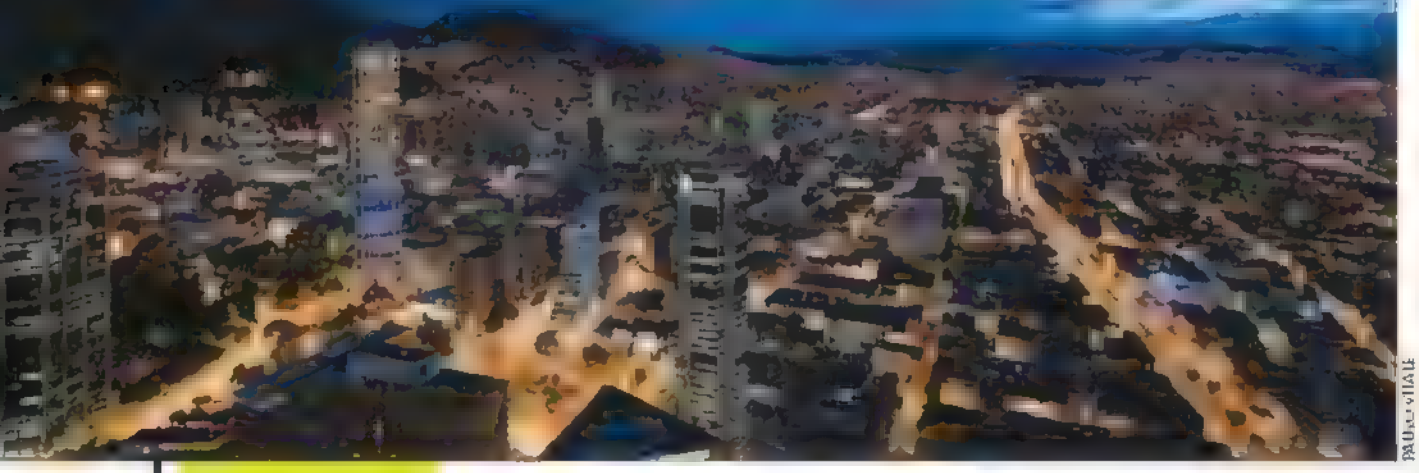
- Design exclusiv[illegible]
- Tecla dedicada de musica co[illegible]
rápido para até 2 000 musicas*
- Câmera de 2MPixels

Todo poder à música.

nokia.com.br/musica

veja.com

COLÔMBIA CONTRA O MEDO



A recente crise política entre países da América Latina revelou ao mundo uma Colômbia disposta a apagar o passado de medo e violência. Ao envolver-se no incidente diplomático com Equador e Venezuela, o governo colombiano mostrou determinação em jogar pesado contra o narcotráfico e o terrorismo exercido pelas Farc. Para entender melhor as transformações na sociedade colombiana desde o início do governo de Alvaro Uribe, seus aspectos econômicos e culturais, acesse a seção **Conheça o País**. Em www.veja.com/mt_paises

CINEMA
Trailer do filme *A Família Savage*, com Philip Seymour Hoffman.

DIVULGAÇÃO

EDUCAÇÃO E ATIVIDADE FÍSICA

A produção de vídeos de VEJA.com tem por objetivo oferecer informações capazes de melhorar o dia-a-dia das pessoas em diferentes áreas de sua vida. Nesta semana, novos temas foram abordados com essa meta. No primeiro vídeo, a educadora Maria Angela Barbato explica por que a brincadeira ao ar livre é importante para as crianças. No segundo, o professor de educação física e colunista do site de VEJA Renato Dutra ensina alongamentos para prevenir e tratar lesões comuns. www.veja.com.br/chegada

GETTY IMAGES

WHITE PACKERT/GETTY IMAGES

IMPOSTO DE RENDA 2008

O serviço para esclarecer dúvidas sobre o IR 2008 já recebeu por volta de 900 e-mails. As respostas selecionadas estão em . Novas questões podem ser enviadas até o fim de abril.

LEITURA
Trecho do livro *O Sol do Brasil*, da historiadora Lilia Moritz Schwarcz.

GLOBAL CHITRAKAR/REUTERS

CONFLITOS NO TIBETE

Nas últimas semanas, o mundo voltou a olhar com apreensão para o Tibete, território controlado pela China. Uma manifestação de monges contra o domínio chinês ganhou em poucos dias toques de violência e dramaticidade. O governo da China acusou o Tibete de planejar a situação para criar embaraços a Pequim às vésperas da Olimpíada. Entenda, na seção **Perguntas e Respostas**, o que está em jogo na região e por que os chineses querem o Tibete.

Ainda, o papel do Dalai Lama, que ameaçou renunciar à sua função de líder espiritual diante dos conflitos. Como os lamas são escolhidos? Eles podem renunciar? Em www.veja.com.br/pergunta

COLUNISTAS

BLOG
Reinaldo Azevedo comenta a diferença entre a "moral" da esquerda e a não-revolucionária.

CONSULTÓRIO SENTIMENTAL
Betty Milan explica à leitora que uma relação em que não há confiança não pode ser boa.

RADAR ON-LINE
Lauro Jardim escreve sobre a Vale e sua estratégia de contra-atacar o MST.

Patrocínio HSBC

HOMO OBESUS
Geraldo Medeiros explica por que a falta de sono pode levar à obesidade.

DUBITANDUM
Gustavo Ioschpe lembra da luta de Maguila contra Holyfield ao analisar o Brasil diante da crise econômica mundial.

CINEMA
Isabela Boscov comenta o filme *As Crônicas de Spiderwick*, uma aventura familiar.

PODCAST
Diogo Mainardi fala sobre o papel do jiu-jítsu no fato de David Mamet ter ido da esquerda para a direita.

NOKIA

Nokia 5610 XpressMusic com Tecnologia 3G.

- Armazena até 1.000 musicas*
- Alta velocidade de download de música**
- Tecla dedicada de música com comando deslizante Music Slider
- Câmera de 3.2MPixels

Todo poder à música.

nokia.com.br/musica

Holofote

Felipe Patury

CORREIO DA BAHIA

QUEREM DEFENESTRAR O DONO DA OAS

O próximo palco da briga entre os herdeiros de Antonio Carlos Magalhães será o grupo Rede Bahia, a holding da família. O senador Antonio Carlos Magalhães Júnior e o empresário Luís Eduardo Magalhães Filho, o Duquinha, pretendem alijar seu sócio, o empreiteiro **Cesar Mata Pires,** dono da OAS, das decisões da empresa. Eles consideram que sua relação com Mata Pires se tornou insustentável e esperam que o isolamento convença o empreiteiro a vender-lhes sua participação na holding.

DIVULGAÇÃO

SINAL FRACO

São crescentes as pressões da Telecom Italia para que o presidente da TIM no Brasil, **Mario Cesar de Araújo,** melhore os resultados da empresa. A matriz quer que ele conclua este trimestre com lucros 25% superiores aos do ano passado. Araújo expandiu sua base de clientes, mas não a lucratividade no ritmo esperado pelos italianos. Em janeiro e fevereiro, a taxa obtida por Araújo ficou em 17%. Ele luta para atingir 23% em março, para entregar um resultado próximo a 20% no trimestre.

ALDO SAMPAIO/AE

COM JANENE, NÃO

A bancada do PP na Câmara exigiu que seu líder, Mário Negromonte, dissesse a todos os indicados do partido no governo para não mais atender aos pedidos do ex-deputado mensaleiro **José Janene.** O recado foi dado com ênfase especial ao diretor da Petrobras, Paulo Roberto Costa, muito íntimo de Janene e de seu amigão, o também mensaleiro João Cláudio Genu. Agora, quem atender Janene o estará fazendo por sua conta e risco.

DESENHO APAGADO

O lançamento da candidatura de Chico Alencar a prefeito do Rio pelo PSOL atrapalhou os planos do cartunista **Ziraldo.** Filiado ao partido, ele sonhava conseguir uma vaga na disputa majoritária. Não como cabeça de chapa, mas na condição de vice do deputado verde Fernando Gabeira. Há dez dias, Ziraldo telefonou para Gabeira e ofereceu seu nome. E ainda deu um prazo de três dias para receber uma resposta.

FABIO MOTTA/AE

MENOS "GATOS" NA TV A CABO

A proporção de conexões piratas feitas nas ligações de TVs a cabo caiu desde 2005. A informação consta de pesquisa do Sindicato das Empresas de TV por Assinatura

ANO			
DOMICÍLIOS CONECTADOS	2 500 000	2 800 000	3 300 000
CONEXÕES ILEGAIS	340 000	377 000	400 000
PROPORÇÃO DE CONEXÕES ILEGAIS	14%	13%	13%

Fonte: *Sindicato das Empresas de TV por Assinatura*

"SÓ ESTOU FAZENDO MEU TRABALHO"

O consultor de teledramaturgia da Rede Record, **Tiago Santiago**, ganhou um desafeto na emissora. O autor Lauro César Muniz não gostou das considerações feitas por ele sobre a sinopse de sua próxima novela e, em resposta, declarou que não segue o maniqueísmo defendido pelo consultor há tempos. Tiago conversou com a repórter Heloisa Joly

Veja – *Quais são suas considerações sobre a sinopse de Lauro César Muniz?*

Santiago – Só estou fazendo meu trabalho, e não vou falar sobre essa polêmica, não quero alimentá-la. Fiz considerações, como a necessidade de haver um protagonista herói, mas isso é um assunto interno.

Veja – *Suas novelas são maniqueístas?*

Santiago – Não, nas minhas novelas há o herói e o vilão, mas tem gente de todo tipo no meio deles. Minha obra não é retrógrada nem mexicana.

Veja – *É isso que atrai o público?*

Santiago – Querida, isso está na psique humana. Tenho respeito pela obra do Lauro, mas, com essa fórmula, conseguimos 20 pontos de audiência. É preciso atenção para que esse sucesso continue. Ajudei a construir esse núcleo de teledramaturgia.

Veja – *O que você faz como consultor?*

Santiago – Leio sinopses e faço considerações sobre elas. Ajudei também a intermediar a vinda do Lauro e de outros autores para cá.

Veja – *Obrigada pela atenção!*

Santiago – Não quero ficar mal com o Lauro nem com os outros, sabe? Não me deixe mal com o Lauro, por favor.

FOTO ALEXANDRE CAMPBELL/FOLHA IMAGEM

Santiago: para a Record, ele é o herói. Para Muniz, ele é o vilão

Com reportagem de Heloisa Joly, Mariana Amaro e Victor De Martino

Faltam pesquisadores nas empresas brasileiras

A maior parte dos cientistas dos países ricos trabalha em empresas privadas. No Brasil, a situação se inverte. Eles se concentram nas universidades, a maioria delas mantida com dinheiro público. Um estudo feito pela Universidade de Brasília concluiu que esse fato atrapalha a inovação e traz prejuízos à competitividade das empresas brasileiras

ONDE TRABALHAM OS CIENTISTAS

	Empresas	Universidades	Outros
ESTADOS UNIDOS	80%	13%	7%
CORÉIA DO SUL	77%	16%	7%
ALEMANHA	61%	24%	15%
RÚSSIA	51%	15%	34%
ESPANHA	32%	50%	18%
BRASIL	27%	66%	7%
ARGENTINA	12%	45%	43%

Cientista da UFRJ: no Brasil, a pesquisa é paga pelo governo e não se traduz em inovação para as empresas

FOTO ALAOR FILHO AE

Fonte: *Universidade de Brasília*

GOVERNO

A farra das MPs

Lula andou dizendo que é "humanamente impossível governar sem medidas provisórias". Pois é, nestes cinco anos e três meses de governo, Lula editou 319 MPs. Uma a cada seis dias. Ou seja, se há algo que Lula fez religiosamente todas as semanas foi mandar uma dessas medidas para o Congresso.

A caminho da milésima

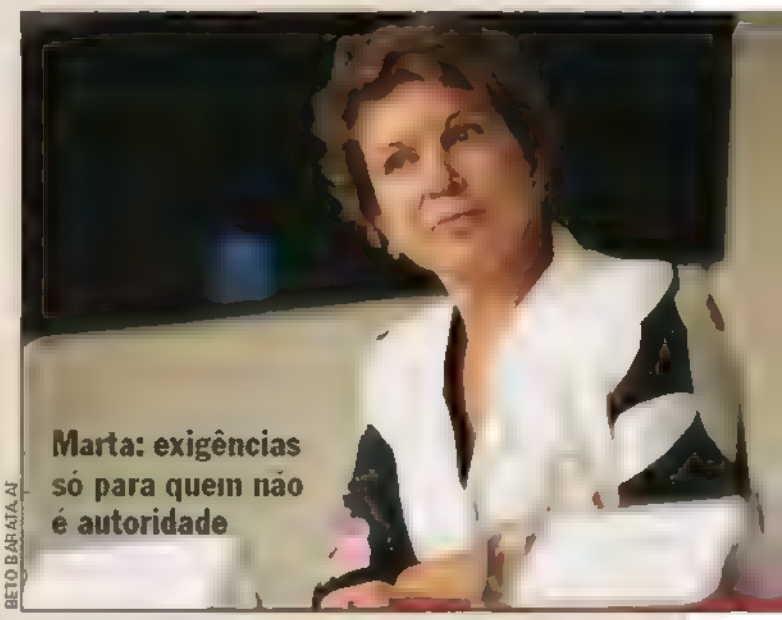
Aliás, faltam somente 16 MPs para que Lula alcance a marca de FHC. Em números absolutos, pois em números relativos está dando um banho em FHC. No governo passado, a velocidade da edição de medidas provisórias era de uma a cada nove dias. Mas, antes disso, Lula bate outra marca — a da milésima MP. Faltam apenas dez. "Nunca antes neste país...".

Bolsa fria

O bolsa-geladeira começou a andar. Para deslanchar a idéia, Patrus Ananias e Edison Lobão decidiram nomear na semana passada uma comissão com representantes do varejo, da indústria, do Instituto Brasileiro de Siderurgia e, claro, dos ministérios do Desenvolvimento Social e de Minas e Energia. Para quem não sabe, o projeto pretende trocar todas as geladeiras das famílias pobres por refrigeradores novos para economizar energia. O governo financiaria a troca. E a geladeira velha seria deixada nas lojas e vendida às siderúrgicas.

Marta "relaxou" no vôo 455 para Paris

Não foi exatamente tranquilo o início do vôo 455 da Air France que na terça-feira passada decolou de São Paulo para Paris. A responsável pela trepidação foi Marta Suplicy, que ia para a China, com escala em Paris. Ao embarcar, o casal Marta e Luis Favre relaxou e decidiu não passar pela revista de bagagem de mão feita por raios X. Os Favre furaram a fila da Polícia Federal. Vários passageiros se revoltaram. Marta respondeu que, no Brasil, para as autoridades não valem as exigências que recaem sobre os brasileiros comuns. Os passageiros não relaxaram com a explicação. Continuaram a reclamar, mesmo com todos já embarcados. Deu-se, então, o inusitado: o comandante do Boeing 777 saiu do avião, chamou a segurança e disse que não decolaria até que todos os passageiros passassem suas bagagens de mão pelo raio X. Marta Suplicy deixou seu assento na primeira classe (Favre estava na executiva) e dignou-se fazer o que o comandante pediu. Nesse instante, os passageiros "relaxaram e gozaram".



BETO BARATA/AE

Marta: exigências só para quem não é autoridade

Diários do poder

Márcio Thomaz Bastos já sabe o que fazer com os seus diários do poder — os dezessete cadernos em que ele anotou suas impressões sobre o que viu nos quatro anos e dois meses em que foi ministro da Justiça de Lula. Resolveu seguir uma sugestão de um amigo e mandar tudo para o Arquivo Nacional. Terá o cuidado de embargar o material por, no mínimo, cinqüenta anos.

ELEIÇÕES 2008

O ultimato de Alckmin

Geraldo Alckmin deu um ultimato à direção nacional do PSDB na segunda-feira, numa conversa com Sérgio Guerra, o presidente do partido. Quer o apoio de verdade à sua candidatura a prefeito de São Paulo. Exige que a cúpula tucana desça do muro (ainda que ele seja alto) e dê declarações peremptórias a seu favor.

SUA VOZ É INCONFUNDÍVEL.
MAS COMO ANÚNCIO
NÃO TEM SOM
A GENTE CONTA QUEM É.

SEAL
SÃO PAULO – 26 e 27/3 – HSBC Brasil – 21h30
RIO DE JANEIRO – 29/3 – HSBC Arena – 22h
CURITIBA – 1/4 – Teatro Positivo (Grande Auditorio) – 21h
PORTO ALEGRE – 3/4 – Pepsi On Stage – 21h

Realização
Dançar Marketing & Comunicações
www.dancarmarketing.com.br

Clientes do HSBC têm 20% de desconto (não cumulativo com meia-entrada)
Consulte limite de ingressos e locais de venda no site www.hsbc.com.br

HSBC
No Brasil e no mundo, HSBC

Será mesmo?

Na quarta-feira passada, o marqueteiro de Lula e Marta Suplicy, João Santana, levou para o presidente as primeiras pesquisas qualitativas e quantitativas que mandou fazer sobre as eleições de São Paulo. Por essas pesquisas que Santana mostrou a Lula no Palácio do Planalto, Marta ganharia em qualquer cenário.

ELEIÇÕES 2010

Virou romaria

Agora é a vez de o ministro do PDT, ou melhor, do Trabalho, Carlos Lupi, ir encontrar-se com Aécio Neves, continuando a romaria que só fez aumentar desde o início do mês. A conversa está marcada para a semana que vem.

CÂMARA

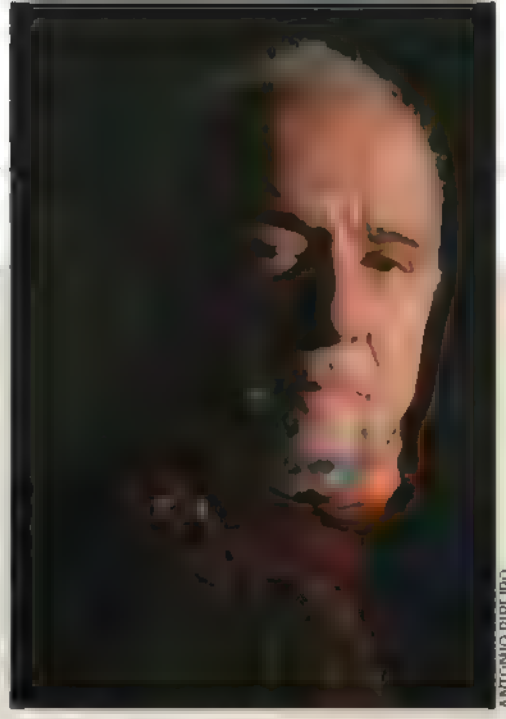
A bancada do Cunha

A influência e o poder recém-adquiridos por Eduardo Cunha (PMDB-RJ) na Câmara é maior do que se imagina. Ele também é dono de uma bancada de 27 deputados, mais do que muito partido por aí. É basicamente uma turma que ele herdou de Anthony Garotinho.

ECONOMIA

Fora dos trilhos

Virou uma batalha judicial a aventura de Jorge Paulo Lemann, Beto Sicupira e Marcel Telles na CSX, a terceira maior ferrovia americana. Em dezembro, a 3G (pertencente ao trio) comprou 8,3% do capital da empresa. Pagou 1,5 bilhão de dólares pelo quinhão. Agora, a 3G está sendo processada pela CSX. É acusada de comprar lotes adicionais de ações por meio de operações com derivativos. O objetivo seria acumular uma posição na companhia maior do que o informado oficialmente e, eventualmente, tomar o controle da CSX.



ANTONIO RIBEIRO

Coelho: do mandarim ao vietnamita

Coelho em 67 línguas

Paulo Coelho vai estar na edição de 2009 do *Guinness*, o livro dos recordes, numa categoria que o colocará ao lado de William Shakespeare. Antes que comecem as comparações entre os dois, eis o motivo: o dramaturgo e poeta inglês é o autor mais traduzido de todos os tempos e Coelho, o escritor vivo mais traduzido do mundo. De acordo com as contas do *Guinness*, *O Alquimista* já foi publicado em 67 línguas.

BAHIA

O coronel e o general

Diálogo recente entre os aliados Geddel Vieira Lima (PMDB) e Jaques Wagner (PT), a propósito de alguns comentários de que o ministro é o novo coronel baiano, assumindo a patente que foi por décadas de ACM: "Coronel Geddel?", perguntou ironicamente Wagner. "Se eu sou coronel, deixa eu bater continência para o meu general...", respondeu o ministro de bate-pronto.

PROPAGANDA

Leitte e guaraná

O Guaraná Antarctica terá uma nova garota-propaganda pelos próximos três anos — Claudia Leitte, a rival de Ivete Sangalo, acaba de ser contratada.

MÚSICA

O negócio é baixar

O país do samba não anda fazendo feio no consumo de música clássica. Duvida? O Brasil é o terceiro lugar entre os países que mais downloads fizeram na loja virtual da Deutsche Grammophon, o maior selo do gênero no mundo. À frente do Brasil, somente os EUA e a Alemanha. A explicação mais provável para esse desempenho é a carência de boas lojas especializadas por aqui.

e-mail: jardim@abril.com.br

Notas diárias em www.veja.com.br — acesso livre

SOBE

ÁLCOOL
Segundo a ANP, o consumo de álcool vai superar o de gasolina em abril.

CELULARES
Foi habilitado 1,2 milhão de novas linhas em fevereiro — é o melhor fevereiro da história da telefonia celular no país.

ADOÇANTES
A Anvisa aprovou o uso de três novos adoçantes no país: a taumatina, o eritritol e o neotame, que adoça cerca de 8 000 vezes mais que o açúcar.

DESCE

SAÚDE NO RIO
O Rio de Janeiro vive uma epidemia de dengue, com quase 1 100 casos por dia.

JOÃO PEDRO STEDILE
Garantiu que não respeitará a liminar da Justiça que o proíbe (e ao MST) de invadir instalações da Vale e paralisar suas atividades.

ADOÇANTES
A Anvisa reduziu a quantidade máxima permitida de sacarina e de ciclamato em refrigerantes, iogurtes e outros alimentos.

Capa: *montagem com fotos de Fernanda Preto e Pedro Rubens*

Linha Inox

em até **10x** sem juros no cartão*

BOSCH
Refrigerador 2 portas
Frost Free Bosch 403 litros
Prateleiras de vidro

0+10 R$ 269,90 sem juros no cartão
ou R$ 2.699,00 à vista

BOSCH
Fogão Style Bosch
4 bocas
Prateleiras deslizantes

0+10 R$ 89,90 sem juros no cartão
ou R$ 899,00 à vista

GE
Forno Microondas
GE 31 litros
Autodefrost 110V

0+10 R$ 49,90 sem juros no cartão
ou R$ 499,00 à vista

Aceitamos cartões de crédito/débito

Ofertas válidas de 22/3/2008 até sexta-feira, 28/3/2008, ou enquanto durarem os estoques. Após esta data, os preços voltam ao normal. Formas de pagamento: à vista, a prazo no cartão de crédito em 10 parcelas sem juros com 1º pagamento no vencimento do cartão e os demais de 30 em 30 dias. Consulte a loja mais próxima sobre outras condições de pagamento. Não cobramos taxa de abertura de crédito. Nenhuma despesa adicional. Nas compras a prazo, o cliente fica sujeito à aprovação de crédito. Não vendemos por atacado. O estoque central garante o mínimo de 100 peças para cada produto anunciado. Ofertas excepcionais podem concorrer eventualmente no mesmo período com diferenças em sua comercialização, consulte a loja diante de dúvidas. Nossas lojas abrem aos domingos e em horários extraordinários nas cidades autorizadas. *Exceto produtos HP, Sony e telefonia celular, consulte a loja sobre os produtos disponíveis, exclui-se da condição o Cartão Casas Bahia.

Refrigerador
2 portas Frost Free
Titanium GE
Nem no guia de restaurantes
você vai encontrar cozinhas
tão elegantes e econômicas.

0+10 R$ 199,90 sem juros no cartão
R$ 1.999,00 a vista
BRASTEMP
Fogao Ative
Brastemp 5 bocas
Timer, prateleiras deslizantes.

Panasonic
Forno
Microondas
Panasonic
27 litros
0+10 R$ 49,90 sem juros no cartão
R$ 499,00 a vista

0+10 R$ 239,90 sem juros no cartão
R$ 2.399,00 a vista
CASAS BAHIA
DEDICAÇÃO TOTAL A VOCÊ
www.casasbahia.com.br

Veja essa

RAIMUNDO PACCO/FOLHA IMAGEM

"Quando você joga contra o Brasil, você faz tudo para ganhar. Sim, eu me motivava mais para jogar contra o Brasil. Vencer o Brasil não é duas vezes melhor, é mil vezes melhor. Porque é o Brasil."

Zinedine Zidane, o craque francês que venceu o Brasil em duas Copas, em visita a São Paulo, onde inaugurou uma quadra esportiva na favela de Heliópolis

"Eu acredito que tem fila na política e que as pessoas têm de esperar a sua hora. A dela chegará, tenho absoluta certeza."

Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil (na fila para suceder a Lula), antes da votação em que a deputada federal Maria do Rosário venceu Miguel Rossetto, o preferido da ministra, nas prévias do PT que escolheram o candidato à prefeitura de Porto Alegre

"Ainda bem que em Porto Alegre temos a Lei da Fila, para não permitir que ninguém fique muito tempo esperando."

Maria do Rosário, vitoriosa, gozando a ministra

"Qualquer deputado ou senador sabe que é humanamente impossível você governar se não tiver medida provisória."

Do presidente Lula

"Não adianta o Congresso mudar o rito de tramitação de medidas provisórias porque este governo não precisa do Legislativo. E sabe que, se precisar, é só jogar alpiste que a base vota."

Demóstenes Torres, senador (DEM-GO)

"O Fed age agressivamente. Demonstra estar no comando da situação, o que deveria gerar uma sensação de conforto. Mas gera o pavor. Se o Fed está fazendo isso, imagine o que ele sabe que a gente não sabe?"

Carlos Alberto Sardenberg, jornalista de economia, no G1, site do portal Globo.com

"O holocausto envergonha os alemães. Curvo-me diante de suas vítimas, de seus sobreviventes e daqueles que os ajudaram a sobreviver."

Angela Merkel, chanceler alemã, em discurso no Parlamento israelense

SEBASTIAN SCHEINER/REUTERS

A DISPUTA PELOS VOTOS DOS ITALIANOS QUE MORAM NO EXTERIOR

Os eleitores italianos que moram no Brasil receberam uma carta do ex-primeiro-ministro Silvio Berlusconi pedindo seu voto na eleição parlamentar marcada para abril. Em 2006, o líder conservador deu pouca atenção aos *oriundi* e foi derrotado graças a eles. Agora, lança-lhes um apelo para voltar ao poder na Itália

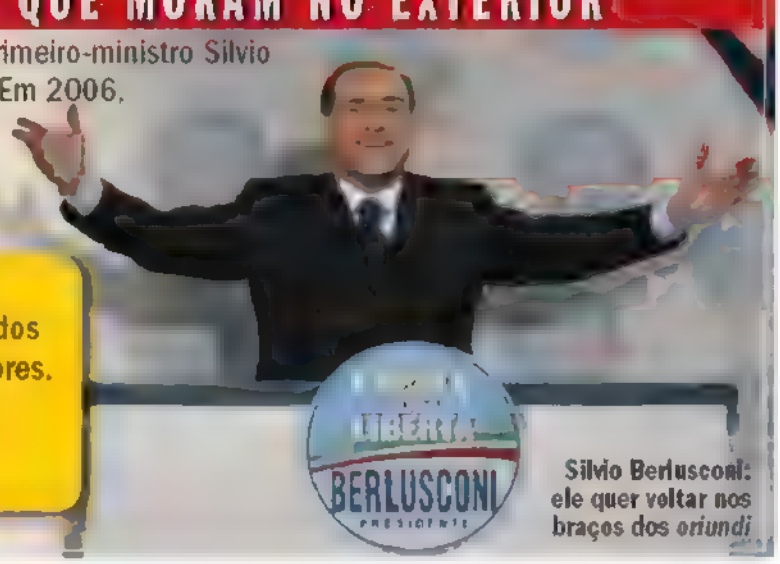
O PESO ELEITORAL DOS *ORIUNDI*

60 milhões de italianos moram fora da Itália. Desses, **3 milhões** têm o título de eleitor

A Argentina, onde moram **443 000** eleitores italianos, e o Brasil, com **193 000**, são as principais zonas eleitorais da Itália fora da Europa

Os *oriundi* elegerão **doze** dos **630** deputados e **seis** dos **314** senadores. **Cinco** dessas vagas serão preenchidas por sul-americanos

Fontes: *Comitê de Campanha de Fabio Porta e Ministério do Interior da Itália*



Silvio Berlusconi: ele quer voltar nos braços dos *oriundi*

FOTO ALESSANDRO GAROFALO/REUTERS

"Sabemos que estamos em forte desaceleração."

Henry Paulson, secretário do Tesouro dos Estados Unidos

"Os bancos correm riscos altos para obter lucros altos, então é justo que sofram um pouco quando há uma crise."

John Williamson, economista do Peterson Institute for International Economics, no jornal O Globo

TRINITY UNITED CHURCH OF CHRIST THE NEW YORK TIMES

"O governo dá drogas aos negros, constrói grandes prisões e depois quer que cantemos *Deus Abençoe a América*. Não, não, não, Deus amaldiçoe a América!"

Frase do reverendo ***Jeremiah Wright****, mentor de Barack Obama, cujo radicalismo abalou a popularidade do pré-candidato democrata*

"As únicas prostitutas que eu conheço são os lobistas."

David Paterson, ao tomar posse como governador do estado de Nova York em substituição a Eliot Spitzer, que renunciou depois da revelação de que ele utilizava os serviços de uma rede de prostituição

"Uma nação com uma antiga herança cultural está em perigo. A nação tibetana está morrendo. De modo proposital ou não, um genocídio cultural está acontecendo."

Dalai-Lama, líder espiritual do Tibete, comentando os conflitos dos tibetanos com o governo chinês

"Quando se olha para o passado, os mitos crescem. *(O mito Senna)* não aconteceria com uma pessoa viva. Não aconteceu com Schumacher, embora ele tenha conquistado sete títulos mundiais. Ele teria de ganhar sete campeonatos e morrer em sua última corrida para isso acontecer com ele."

Alain Prost, em entrevista à revista Motor Sport

MARCOS DE PAULA/AE

"Essa crise é trinta vezes mais forte do que a da Malásia, porque é na maior economia do mundo (...). E até agora não aconteceu nada com nosso querido Brasil."

Do presidente ***Lula****, otimista diante da crise americana*

Editado por Julio Cesar de Barros

e-mail: jbarros@abril.com.br

RUBINHO É BRASILEIRO E NÃO DESISTE NUNCA

O piloto Rubens Barrichello deve tornar-se neste ano o recordista de provas disputadas na Fórmula 1. O atual líder desse ranking é o italiano Ricardo Patrese, que correu 257 vezes. Rubinho deve ultrapassá-lo em maio, no Grande Prêmio da Turquia

PILOTO	NACIONALIDADE	PROVAS NA F1	VITÓRIAS
Ricardo Patrese	Italiano	257	6
RUBENS BARRICHELLO	Brasileiro	254	9
Michael Schumacher	Alemão	250	91
David Coulthard	Escocês	230	13
Michele Alboreto	Italiano	215	5

Fonte: Federação Internacional de Automobilismo (FIA)

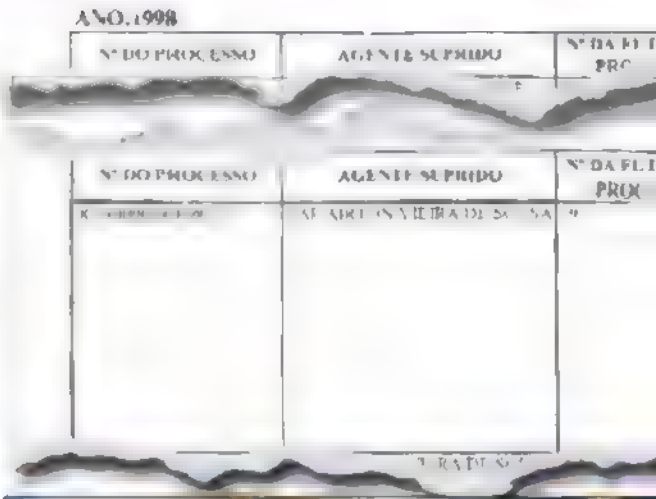
CLAUS MEYER/BIBA

UM DOSSIÊ FEITO PARA CHANTAGEAR

Para intimidar a oposição, o Planalto usa documentos com informações sigilosas sobre as despesas do ex-presidente FHC

Alexandre Oltramari

A CPI que investiga o uso dos cartões corporativos do governo começou a ouvir depoimentos na semana passada num falso clima de cordialidade. Comandada pelo PT e pelo PSDB, a comissão não analisou os pedidos de quebra de sigilo nem os requerimentos de convocação de ministros, mas chamou atenção pelo tom desafiador de algumas declarações de representantes do governo. O ministro Jorge Hage, chefe da Controladoria-Geral da União, depois de minimizar a importância das denúncias investigadas, disse aos parlamentares que "é possível que surjam coisas mais graves do que as que já foram descobertas até ago-


ANO: 1998

Nº DO PROCESSO	AGENTE SUPRIDO	Nº DA FL. PROC

Nº DO PROCESSO	AGENTE SUPRIDO	Nº DA FL. PROC

ALEJANDRO PAGNI/AFP

RELATORIO DE SUPRIMENTO DE FUNDOS

DATA	N.NF	EMPRESA	VALOR	SERVIÇO BEM ADQUIRIDO	OBSERVAÇÕES
[illegible] 12 1998	13546	[illegible] COMERCIAL IMPORTADORA E EXPORTADORA LTDA	[illegible]	[illegible] CHAMPANHA CHANDON BRUT	[illegible]

ARMAÇÃO OFICIAL

O dossiê lista centenas de compras realizadas principalmente no segundo mandato do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Elaborado dentro do Palácio do Planalto, detalha gastos pessoais da família presidencial — informações consideradas pelo próprio governo como sigilosas. A intenção é mostrar que o governo Lula não inovou ao usar os cartões corporativos para quitar despesas como bebidas caras, hotéis de luxo e produtos de higiene. O documento sugere que houve promiscuidade entre o dinheiro público e a campanha eleitoral dos tucanos *(ao lado)*, e foi usado por governistas para mandar recados aos adversarios *(abaixo)*.

FOLHA DE S.PAULO

[illegible] DE 2008 ★ A4

Guerra Fria

Embora prefiram não ter de usar o arsenal, os governistas envolvidos na criação da CPI dos cartões corporativos já armazenaram dados sobre gastos realizados por autoridades na gestão FHC. Descobriram, por exemplo, que um ministro da era tucana tinha por hábito passar os fins de semana no Rio de Janeiro —não raro saindo de Brasília na sexta e voltando apenas na segunda ou terça— e lançar todas as suas despesas numa conta "tipo B". A fatura apresentada incluía hotel de primeira linha, carro com motorista (sob a rubrica "transporte executivo") e até mesmo as [illegible] consumidas durante os dias de descanso. "Se abrir isso, nem a Matilde vira uma freira franciscana", afirma um líder da base aliada.

Lula e Fernando Henrique: os gastos do atual presidente são mantidos em sigilo, mas os de FHC foram parar no Congresso

PAULO VITALE

RELATÓRIO DE SUPRIMENTO DE FUNDOS

.O 2001

Nº DO PROCESSO	AGENTE SUPRIDO	Nº DA FL. DO PROC.	DATA	Nº NF	EMPRESA	VALOR	SERVIÇO / BEM ADQUIRIDO	OBSERVAÇÕES
00[illegible]	AMERICO JOSE SOUTO	34	15/08/2001	262	INTERPRICE LOCADORA	1.460,46	LOCACAO DE VEICULOS	DONA RUTH
		47	21/08/2001	284	INTERPRICE LOCADORA	210,15	LOCACAO DE VEICULOS	DONA RUTH
		52	21/08/2001	285	INTERPRICE LOCADORA	621,72	LOCACAO DE VEICULOS	DONA RUTH
		77	31/08/2001	1485	FULL TIME LOCADORA	1.755,70	LOCACAO DE VEICULOS	DONA RUTH
		89	05/09/2001	1491	FULL TIME LOCADORA	1.487,38	LOCACAO DE VEICULOS	DONA RUTH
		107	03/09/2001	269	INTERPRICE	201,01	LOCACAO DE VEICULOS	DONA RUTH

Os gastos da ex-primeira-dama Ruth Cardoso aparecem em destaque no dossiê. Sao 23 referências a despesas com aluguel de veículos, hospedagem, bilhetes para peças de teatro no exterior e presente oficial

NILTON FUKUDA AE

BRUNO MIRANDA/FOLHA IMAGEM

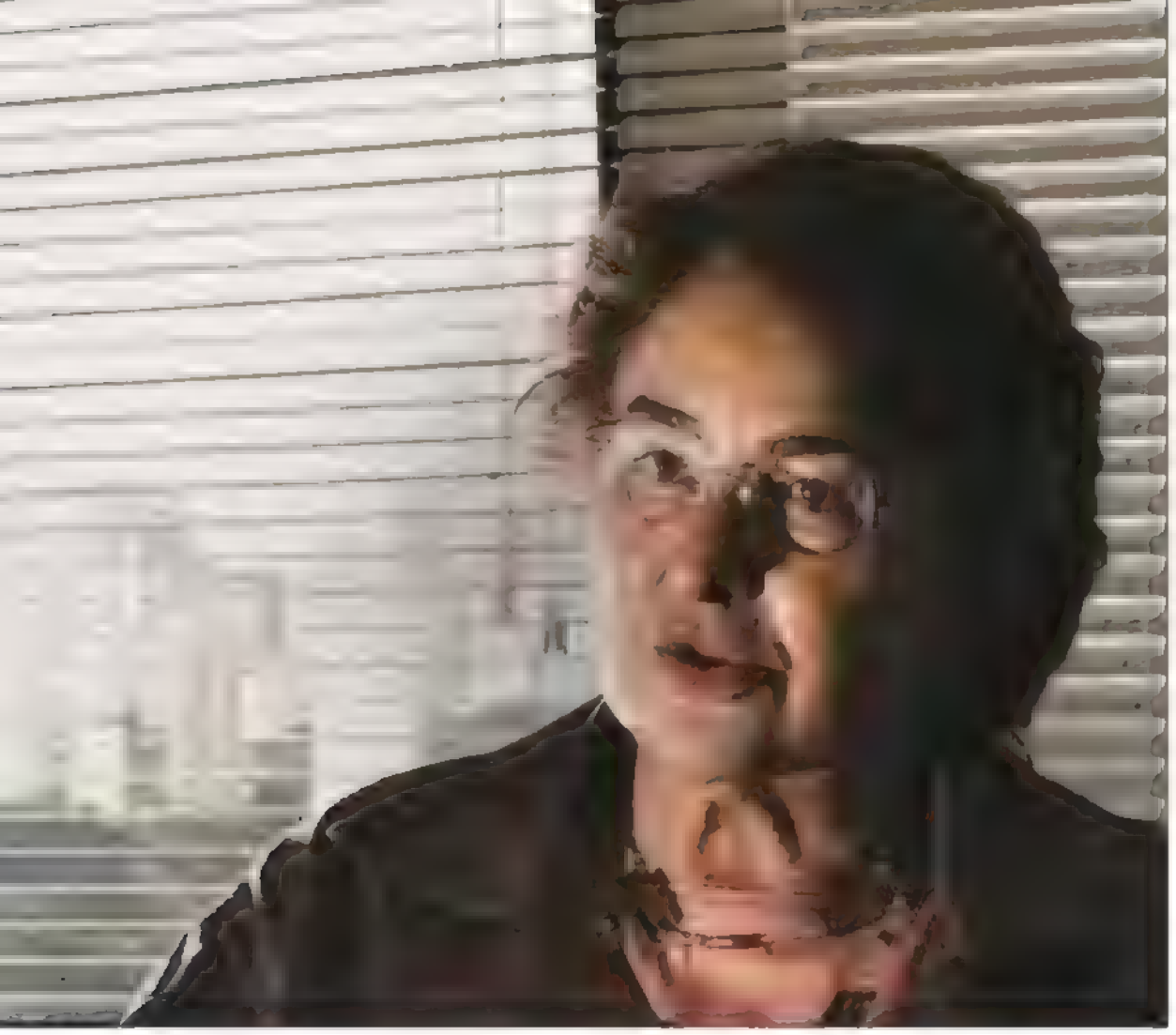
O ex-ministro Aloysio Nunes Ferreira é personagem oculto de uma nota publicada nos jornais por meio da qual o governo pretendia mandar recados à oposiçao: ele diz que viajou a trabalho

							BEBIDAS ALCOOLICAS	
00[illegible]	AMERICO JOSE SOUTO	29	17/05/2001	77118	COPACABANA PALACE HOTEL	1.231,00	HOSPEDAGEM	MINISTRO ALOYSIO NUNES FERREIRA FILHO
		389	16/05/2001	1389	FULL TIME LOCADORA	3.256,59	LOCACAO DE VEICULOS	DONA RUTH
		397	16/05/2001	1393	FULL TIME LOCADORA	1.845,00	LOCACAO DE VEICULOS	DONA

ra". O quê? Ele não revelou. Mais explícito, o ministro Paulo Bernardo, do Planejamento, sugeriu que a comissão se dedicasse ao exame das chamadas contas tipo B, um fundo de despesas que antecedeu a criação dos cartões. Por quê? Ele também não revelou. Os dois ministros do governo Lula, na verdade, foram usados como porta-vozes de uma tentativa de intimidação. O Palácio do Planalto mandou fazer um dossiê sobre os gastos do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso em seus últimos cinco anos de governo — e ameaça divulgá-lo para tentar constranger os oposicionistas que insistem em investigar o presidente Lula.

VEJA teve acesso a parte do dossiê. Elaborado com base em dados considerados sigilosos pelo próprio governo, o material reúne detalhes das despesas do ex-presidente Fernando Henrique, de sua mulher, Ruth Cardoso, e de assessores próximos nos anos de 1998, 2000 e 2001 nas chamadas contas tipo B — aquelas a que o ministro Paulo Bernardo se referiu. O documento lista centenas de compras realizadas pelo gabinete do ex-presidente, desce a insignificâncias, como pagamento de gorjetas e aquisição de material de higiene pessoal, e faz insinuações potencialmente graves, se verídicas, sobre a mistura de recursos públicos com despesas de campanha eleitoral. Estão também discriminados compras de bebidas, alimentos e aluguel de carros. As planilhas ainda revelam as iniciais de quatro agentes da Agência Brasileira de Inteligência (JCS, PSWR, SLCC e JCSB), seus CPFs e os valores que eles sacaram em dinheiro, 1,6 milhão de reais em 2002, usando as chamadas "despesas secretas". Uma simples consulta ao site da Receita Federal permite a identificação dos agentes. Os autores do dossiê queriam mostrar que no governo passado também houve abuso nos gastos secretos.

É grave saber que informações de estado, algumas sigilosas por lei, estão sendo usadas para chantagear políticos de oposição. Mais grave ainda saber que a estrutura funcional do estado está sendo utilizada para montar um dossiê contra adversários — e, o que é mais espantoso, dentro do Palácio do Planalto, na vizinhança do gabinete do presidente Lula. Com o início da crise dos cartões, um grupo de funcionários da Casa Civil da Presidência da República se debruçou, durante semanas, sobre uma imensa pilha de processos, notas fiscais e relatórios de viagem. Oficialmente, fazia



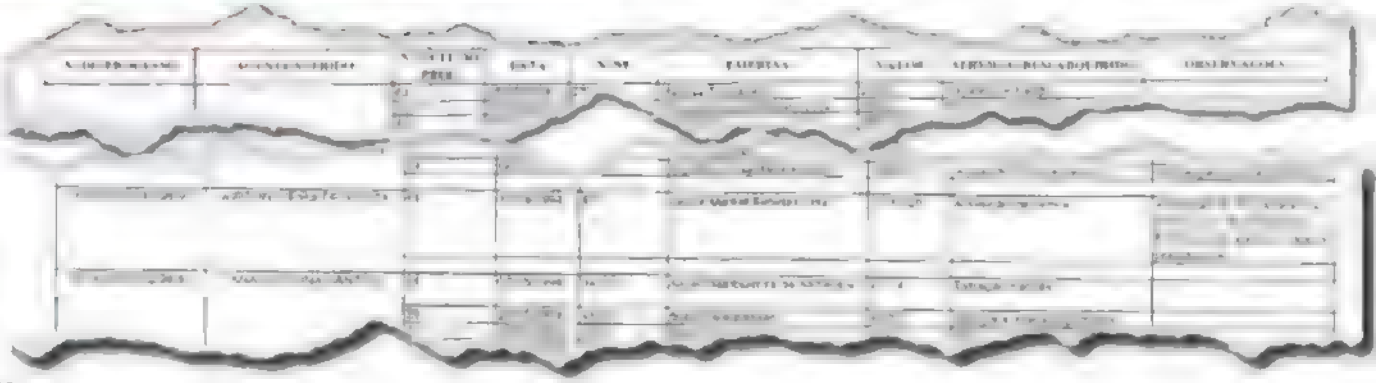
nes raras e até caviar foram compilados da documentação armazenada na Presidência da República e reproduzidos no dossiê. O levantamento tem o objetivo de mostrar que a equipe do presidente Lula não inovou ao usar as contas tipo B e os cartões corporativos para bancar despesas exóticas. Seus autores chegam a insinuar que dinheiro público usado para a compra de garrafas de champanhe teria sido desviado para a campanha eleitoral que reelegeu FHC em 1998.

Produzido com base em dados disponíveis na Secretaria de Controle Interno da Presidência da República, órgão responsável pela fiscalização dos gastos palacianos e subordinado à ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, o dossiê começou a circular parcialmente pelo Congresso Nacional em meados do mês passado, logo após o deputado Carlos Sampaio, do PSDB de São Paulo, anunciar que tinha em mãos as assina-

FOLHA DE S.PAULO
TERÇA-FEIRA, 26 DE FEVEREIRO DE 2008 ★ A4

Protecionista. Pepe Vargas (PT-RS) enviou ao relator da CPI mista dos Cartões, Luiz Sérgio (PT-RJ), requerimento sobre os gastos do Planalto, via contas "tipo B" e cartões corporativos, com vinhos importados. Além de mirar o governo FHC, o deputado está interessado na economia desta base eleitoral, na região de Caxias do Sul, maior produtora nacional.

A nota relata que o petista Pepe Vargas quer investigar os gastos com a compra de vinhos durante o governo FHC. Coincidência: o dossiê fala de vinhos



um levantamento administrativo de rotina sobre todas as despesas realizadas pelo gabinete do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Extra-oficialmente, a missão tinha outro objetivo: juntar material para ser usado, se necessário, numa operação para neutralizar a ação dos parlamentares da oposição no Congresso. Milhares de transações de 1998 a 2002 foram analisadas, e separadas apenas as que continham despesas pessoais do presidente, da primeira-dama e de seus auxiliares mais próximos. Todas foram selecionadas em uma planilha que identifica o número do processo, o servidor que efetuou a despesa, a empresa beneficiada, a data de execução e o número da nota fiscal referente ao desembolso. Além de listar valores, o documento descreve o serviço e o beneficiário do gasto.

O dossiê construído dentro do Palácio do Planalto, usado pelos assessores do presidente na CPI em tom de ameaça e vazado pelos petistas como estratégia de intimidação, contém informações consideradas sigilosas e iguais às que o governo Lula briga para manter longe dos olhos da opinião pública. De um universo de gastos de 408 milhões de reais, os funcionários do Planalto pinçaram 295 transações em três anos, num total de 612 000 reais. A ex-primeira-dama Ruth Cardoso é mencionada 23 vezes como beneficiária de despesas com locação de carros, hospedagem em hotéis, compra de ingressos para peças de teatro no exterior e até como ordenadora da compra de um porta-retratos, no valor de 100 dólares, para presentear um oficial da Colômbia designado para acompanhá-la durante visita ao país. Gastos com vinhos importados, champanhes franceses, carturas suficientes para a criação da CPI dos Cartões. Os tucanos dizem ter tomado conhecimento da existência do documento apenas na semana passada, embora admitam que muitas das informações contidas nele já vinham sendo divulgadas de maneira cifrada.

Foi dentro desse clima de intimidação que a CPI dos Cartões foi criada e começou a funcionar. Um fato: o discurso oposicionista que levou à instalação da comissão foi se abrandando à medida que o governo mandava sinais de que tinha munição contra políticos que integraram o governo FHC. No início de fevereiro, em um acordo de bastidores que acabou se tornando público, emissários do PSDB e do PT combinaram que a CPI seria instalada, mas pouparia os gastos pessoais de Lula, FHC e seus familiares e também dos principais dirigentes dos dois partidos. O acerto previu também a divisão dos principais cargos da comissão. A senadora tucana Marisa Serrano, com o aval dos petistas, ficou com a presidência e o deputado petista

Luiz Sérgio, com o aval dos tucanos, garantiu a relatoria.

A disputa subterrânea entre PT e PSDB pela abrangência das investigações, no entanto, continuou intensa, com parlamentares da oposição ameaçando não cumprir o acordo. Críticas às dificuldades criadas pelo governo para investigar passaram a ser imediatamente respondidas por petistas que invocavam a divulgação das contas tipo B. A guerra nos bastidores ganhou, por fim, as páginas dos jornais. Algumas notas publicadas apresentam uma incrível simetria com as informações do dossiê produzido dentro do Planalto. Uma delas informou, em 15 de fevereiro, que o governo armazenava dados sobre gastos na gestão de FHC. Dizia também que um ministro tucano costumava passar os fins de semana no Rio de Janeiro e que sua fatura incluía a hospedagem em um hotel de luxo. A nota terminava reproduzindo a declaração de um líder do governo no Congresso, mantido sob anonimato. "Se abrir esse baú, a Matilde (ex-ministra que perdeu o cargo por fazer compras em um free shop com o cartão do governo) vira uma freira franciscana." Analisando o dossiê, descobre-se que o ministro em questão pode ser Aloysio Nunes Ferreira, que ocupou a Pasta da Justiça durante o governo de FHC. No dia 17 de maio de 2001, ele ficou hospedado no Hotel Copacabana Palace, no Rio de Janeiro. A fatura custou 1 231 reais, segundo o dossiê. "Essa concepção detetivesca é vil. Estive no Rio a trabalho e, de fato, fiquei hospedado no Copacabana Palace. Se havia alguma irregularidade, em vez de produzir um dossiê, o governo deveria ter encaminhado o caso para o Ministério Público", afirma Nunes Ferreira.

Em entrevista a VEJA, o ex-presidente Fernando Henrique disse que já sabia que as contas de seu governo vinham sendo bisbilhotadas no Palácio do Planalto, mas que só foi informado da existência do dossiê na semana passada, ainda assim por comentários de alguns aliados. "Isso é um absurdo. É uma chantagem feita a partir do Palácio do Planalto. Uma tentativa de intimidar e de desmoralizar que eu nunca vi em um regime democrático", afirma Fernando Henrique. O líder do PSDB no Senado, Arthur Virgílio, também se mostrou in-

Dilma Rousseff, da Casa Civil, informou que os gastos da Presidência são auditados, inclusive os do governo passado

NADOR GOULART AE

DIDA SAMPAIO AE

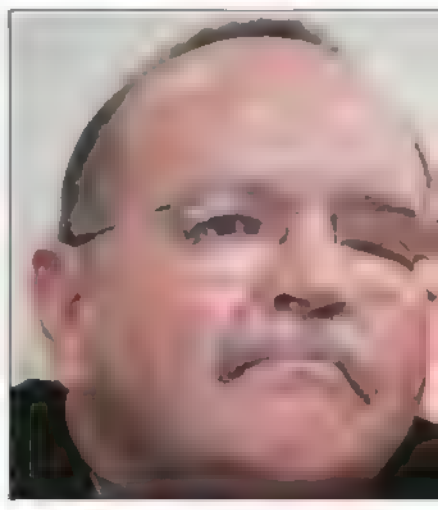
Ricardo Berzoini chefiava a campanha de Lula quando seus subordinados foram presos comprando um dossiê contra José Serra

LULA MARQUES FOLHA IMAGEM

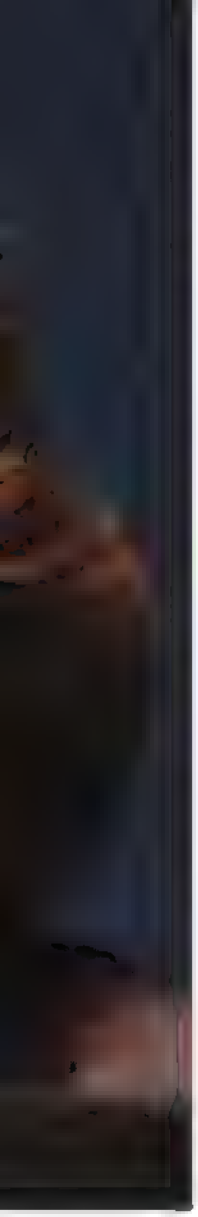
Hamilton Lacerda, um dos "aloprados", foi filmado carregando uma mala de dinheiro, mas ainda assim negou seu envolvimento

CELSO JUNIOR AE

Gedimar Passos foi preso com dólares e reais para comprar o dossiê contra os tucanos: ele envolveu o Planalto e, depois, disse que foi coagido

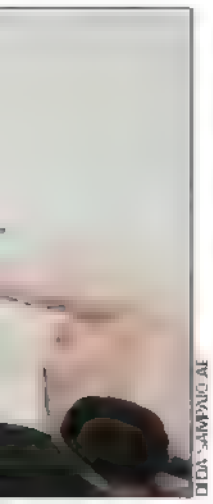


Jorge Lorenzetti, conhecido como o churrasqueiro do presidente Lula, era um dos coordenadores da campanha e também da operação de 2006



dignado com a produção do dossiê oficial. "Informações sobre as contas do governo passado circulavam no Congresso na base da fumaça. Era uma coisa nojenta, chantagista, mas nunca imaginamos que chegariam ao ponto de produzir um dossiê com base em dados que o próprio governo considera secretos", diz Virgílio. Em nota, a Casa Civil informa que os gastos da Presidência são sistematicamente auditados pela Secretaria de Controle Interno e que as eventuais irregularidades são sanadas e encaminhadas ao Tribunal de Contas da União.

A produção de dossiês para intimidar e chantagear adversários políticos não é uma novidade na política brasileira, muito menos em sua fração petista. Na última eleição presidencial, um membro do comitê de campanha do presidente Lula foi preso tentando comprar um dossiê fajuto com o qual o PT pretendia constranger José Serra, então candidato à Presidência da República. Ninguém foi punido até hoje, mas a investigação revelou que a trama foi planejada e executada com o conhecimento, a participação e o aval da cúpula de campanha do presidente Lula. No topo da cadeia de comando estava o presidente do PT, Ricardo Berzoini, que chegou a ser afastado do cargo, mas nem sequer foi indiciado pela polícia. Na ocasião, o presidente Lula reprovou a ação dos companheiros publicamente, chamando-os de "aloprados". O dossiê dos gastos guarda uma série de semelhanças com a armação da campanha eleitoral, mas tem uma grande diferença: a ação de 2006 foi executada por pessoas próximas ao presidente. A de agora foi produzida dentro do Palácio do Planalto. O que os aloprados de hoje não entendem é que, por uma questão de simetria político-jurídica, a divulgação dos gastos secretos do então presidente Fernando Henrique Cardoso implica necessariamente a divulgação dos gastos secretos do atual presidente, Lula. Popularmente, isso tem um nome: tiro pela culatra. ■



DIDA SAMPAIO/AE

ANDRÉ PETRY

Resistindo à verdade

É um exercício de desmascaramento comparar os discursos que o presidente George W. Bush fez nos cinco aniversários da invasão do Iraque, anunciada, com firmeza e pompa, na noite de 19 de março de 2003. Naquela ocasião, a guerra custaria entre 50 e 60 bilhões de dólares e, no segundo semestre de 2003, a maioria das tropas americanas já estaria sendo desmobilizada. A coleção dos discursos é uma aula sobre como a retórica oficial oculta a verdade, como troca de objetivos com sutileza e, sobretudo, como resiste bravamente à realidade. Confira:

■ Março de 2004, primeiro aniversário: Bush disse que o destino de Saddam Hussein era coisa do passado (o homem fora capturado dentro de um buraco em dezembro do ano anterior) e que o desafio naquele momento era implantar a paz e a democracia no Oriente Médio. "Não há meio-termo entre o bem e o mal, a liberdade e a escravidão, a vida e a morte", disse. Bush estava triunfante, mas teve de silenciar sobre o argumento central da invasão: a suspeita de que Saddam tinha armas de destruição em massa e perseguia a bomba atômica. A lista de americanos mortos no Iraque era de 571.

"Na quarta-feira, dia do quinto aniversário da invasão do Iraque, o Departamento de Defesa identificou a 3 982ª vítima fatal americana do conflito. Seu nome era Lerando J. Brown. Tinha 27 anos"

■ Março de 2005, segundo aniversário: Bush disse que a questão não era ganhar e ir embora. Saddam Hussein estava liquidado (o homem seria enforcado em dezembro do ano seguinte), o Iraque elegera uma Assembléia Nacional e uma nova Constituição seria escrita. "Há dois anos", disse, "fomos desarmar um regime brutal, libertar seu povo e defender o mundo de um grave perigo." A missão foi cumprida, disse. "A liberdade está criando raízes no Iraque e o povo americano está mais seguro."

■ Março de 2006, terceiro aniversário: a data caiu num domingo, Bush não fez discurso, mas deu uma entrevista de dois minutos. Limitou-se a dizer que estava "animado com os progressos" e não se deteve em fazer comentários sobre paz, democracia ou armas de destruição em massa. Tampouco sobre deixar rapidamente o Iraque. Naquela altura, 2313 americanos haviam morrido no Iraque e 7912 tinham sofrido ferimentos que os incapacitaram para os combates.

■ Março de 2007, quarto aniversário: Bush fez um discurso em que pediu paciência e alertou contra a tentação de "fazer as malas e voltar para casa". Nem se falava mais na tal vitória rápida. Bush também não disse nada sobre democracia no Oriente Médio. Tampouco lembrou que, quatro anos atrás, previra que, por essa época, a presença militar americana no país seria meramente simbólica. Disse apenas que uma retirada precipitada poderia engolfar o país, e mais tarde a região, numa onda de violência.

■ Semana passada, quinto aniversário: Bush disse estar convencido de que a invasão do Iraque melhorou o mundo e deixou os Estados Unidos mais seguros — e, sem condições de prometer sequer um fim para o conflito, fez um apelo à perseverança. Admitiu, enfim, que a guerra está custando em dinheiro e em vidas mais do que calculara no início.

Falar em erro de cálculo é um eufemismo grotesco.

Pelas contas oficiais, o custo do conflito já passou de 600 bilhões de dólares. Um valor igual ao da metade do PIB do Canadá, oitavo país mais rico do mundo.

Na quarta-feira, dia do quinto aniversário da invasão no Iraque, o Departamento de Defesa identificou a 3982ª vítima fatal americana do conflito. Chamava-se Lerando J. Brown. Tinha 27 anos.

Escreva para o autor no endereço colunadopetry@abril.com.br

Economia

SOB O IMPACTO DE 1929

Ben Bernanke é estudioso da Grande Depressão, quando o Fed errou por omissão. Ele pode estar errando por ativismo agora?

Giuliano Guandalini

Desde a eclosão da crise nos Estados Unidos, há sete meses, uma onda de desconfiança encharcou as principais praias financeiras do globo. Aplicações tidas como sólidas revelaram-se frágeis como castelos de areia. Dezenas de fundos de investimento já foram liquidados. A maior queda até o momento foi a do Bear Stearns, o quinto maior banco americano de investimento. Fundado em 1923, o Bear teve seu valor de mercado destruído em um único fim de semana — o preço de cada ação, de 30 dólares, caiu para 2 dólares. Exposto até a medula aos créditos hipotecários podres, o banco não encontrou mais quem financiasse suas operações. Para não fechar as portas, acabou sendo comprado a toque de caixa pelo JP Morgan após uma mobilização de emergência feita pelo Federal Reserve (o Fed, banco central americano). No centro desse furacão, Ben Bernanke, presidente do Fed desde 2006, tem um incentivo extra para solucionar essa turbulência cujas causas e natureza ainda são objeto de intenso debate. Acadêmico brilhante de Princeton, ele dedicou boa parte de seus estudos ao crash de 1929. É considerado por muitos de seus pares o maior especialista vivo no assunto. Sua tese: a crise de oito décadas atrás foi potencializada por uma barbeiragem das autoridades monetárias, que enxugaram o crédito em vez de dar alívio monetário às empresas e consumidores.

Bernanke não corre o risco de repetir o erro histórico que estudou à exaustão. Pode estar cometendo o erro oposto, o do ativismo exagerado? Ele vem executando a mais agressiva redução na taxa de juros em duas décadas. Sob seu comando, o Fed já reduziu seis vezes a taxa básica de juros dos Estados Unidos: ao todo, ela caiu de 5,25% ao ano, no início de setembro, para 2,25%, na semana passada. Essa taxa serve de referência para o custo do dinheiro que os bancos tomam emprestado uns dos outros. Quando essa taxa cai, os bancos têm acesso a dinheiro mais barato — e assim podem emprestar a pessoas e a empresas a juros menores. Com isso, o

JUSTIN LANE/EPA/CORBIS LATIN STOCK

ALTA VOLATILIDADE

Os efeitos da crise econômica nos Estados Unidos e da tentativa do Fed de contê-la produzem oscilações bruscas no mercado de ações ao redor do mundo. Bolsas de valores registram recordes de valorização em um dia e de perda logo depois

21 DE JANEIRO

– 5,33%

A maior queda desde os atentados de 11 de setembro de 2001

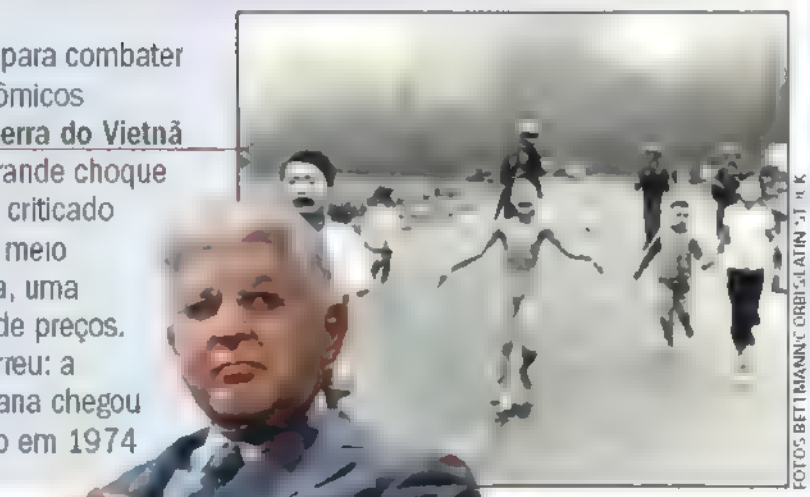
ONDE
Bolsas europeias

RAZÃO
O temor de recessão se intensifica

Eles nunca estão certos

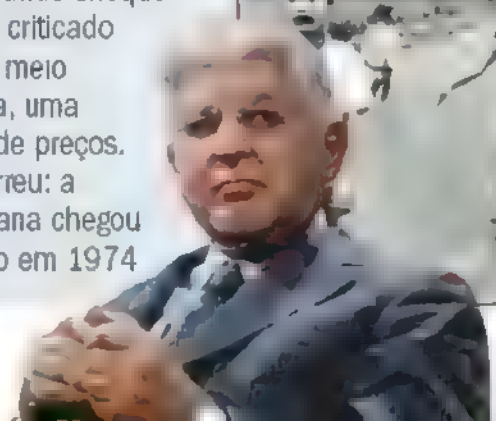
Por mais correta ou desastrosa que a gestão deles se revele com o tempo, os presidentes do Fed, o banco central americano, são duramente criticados enquanto tentam debelar crises ou estimular o crescimento

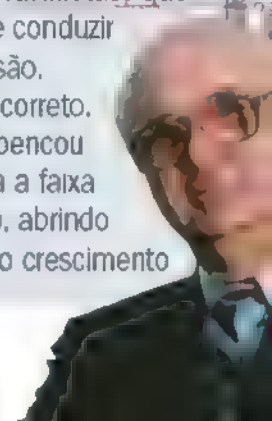
ARTHUR FRANK BURNS
(1970-1978)
Baixou os juros para combater os efeitos econômicos adversos da Guerra do Vietnã e do primeiro grande choque do petróleo. Foi criticado por montar, por meio dessa estratégia, uma bomba-relógio de preços. E foi o que ocorreu: a inflação americana chegou a 12,3% ao ano em 1974



FOTOS BETTMANN/CORBIS/LATIN STOCK

PAUL VOLCKER
(1979-1987)
Elevou os juros de 10,9% para 19,1% ao ano para combater a inflação. Sofreu violentos protestos dos ruralistas, que o acusaram de conduzir o país à recessão. Volcker estava correto. A inflação despencou de 13,5% para a faixa de 3,% ao ano, abrindo caminho para o crescimento





Teoria na prática: maior estudioso vivo da crise de 1929, Bernanke comanda a ação do Fed para deter a recessão

O BANCO QUE SUMIU EM UM FIM DE SEMANA

Uma das vítimas da crise econômica americana, o Bear Stearns, o quinto maior banco de investimento dos EUA, perdeu 93% de seu valor em três dias

Na sexta-feira (14 de março), seu valor de mercado era de	Na segunda-feira (17 de março), foi comprado pelo JP Morgan por
3,5 bilhões de dólares	236 milhões de dólares

Fed pretende evitar um colapso do consumo, o principal motor da economia do país, e debelar o risco de uma recessão prolongada. Mas essa não foi a única medida tomada por Bernanke. O Fed também estendeu suas linhas de financiamento diretamente para *hedge funds* (fundos de investimentos agressivos) e também para corretoras e financeiras — tradicionalmente, o Fed emprestava apenas a bancos. Além disso, a instituição decidiu recomprar títulos lastreados em hipotecas que haviam virado mico, limpando a carteira dos bancos e corretoras, que obtêm fôlego extra para seguir adiante.

Mas essa estratégia de Bernanke lhe rendeu críticas de um grupo de economistas que não vê sentido em torrar dinheiro do contribuinte americano para resgatar meia dúzia de banqueiros imprevidentes. A esta altura do jogo, no entanto, esse tipo de comentário não se justificaria se a opção fosse simplesmente deixar o sistema financeiro ruir, dando origem a uma depressão, como nos Estados Unidos na década de 30, ou a uma prolongada estagnação, à maneira do Japão nos anos 90. A exemplo de seus antecessores no cargo (*veja o quadro abaixo*), Bernanke será criticado seja qual for a estratégia que adotar. Nesse contexto, é melhor que use sua experiência acadêmica e permita ao mundo escapar da armadilha monetária que esmiuçou durante toda a sua vida acadêmica. ■

22 DE JANEIRO

+ 4,45%
A maior alta em dez meses

ONDE
Bovespa

RAZÃO
O Fed reduz os juros de 4,25% para 3,5%

5 DE FEVEREIRO

– 2,93%
A maior queda em um ano

ONDE
Dow Jones

RAZÃO
O governo americano divulga índices econômicos frágeis

18 DE MARÇO

+ 3,51%
A maior alta em quatro anos

ONDE
Dow Jones

RAZÃO
O Fed reduz os juros para 2,25%

FOTOS WALLY MCNAMEE/CORBIS/LATIN STOCK

ALAN GREENSPAN

(1987-2006)

Imaginou que, com a produtividade em alta e os importados baratos, seria possível expandir a economia mais rapidamente sem inflação. Reduziu os juros, o que lhe rendeu ataques por supostamente estimular a formação de bolhas. Foi vingado pelo tempo: o mundo cresceu sem inflação e com juros baixos por quase duas décadas

RICHARD A. BLOOM/CORBIS/LATIN STOCK

CORBIS SYGMA/LATIN STOCK

Economia

É GUERRA

Com o sucesso do crédito consignado, até lojas e indústrias querem ser banco

O crédito com desconto em folha de pagamento para aposentados e trabalhadores, o chamado consignado, gestado pelo presidente Lula, representa a melhor inovação do setor financeiro desde 2003 — além de ser uma das causas mais palpáveis do bom momento da economia brasileira. A criação do consignado também foi um dos negócios mais nebulosos dos primeiros anos do governo. O BMG, banco que se enrolou até o pescoço no escândalo do mensalão, recebeu autorização para realizar operações de consignado três meses antes da concorrência, em circunstâncias que ainda hoje levantam suspeitas. Além disso, a instituição mineira foi acusada de favorecimento na regulamentação do uso do cartão de crédito dos empréstimos consignados no começo de 2005. O BMG despontou no cenário financeiro brasileiro graças ao crédito consignado e desde então está na mira dos concorrentes que ficaram para trás.

Tanta cobiça se deve às vantagens dessa modalidade de crédito, que são inúmeras. Como o dinheiro para honrar as prestações não passa pela mão do cliente, saindo direto do salário ou da aposentadoria recebidos por ele, o risco de calote é praticamente nulo. Bom para o freguês, que consegue financiamentos em melhores condições — as taxas cobradas ficam entre 2,5% e 4% ao mês, inferiores às do cheque especial ou do cartão de crédito, cujos juros podem superar 10%. Melhor ainda para os bancos, que, com o consignado, praticamente não correm riscos — a não ser no caso de demissão do cliente, hipótese que nem existe nos empréstimos a funcionários públicos e aposentados. Compreende-se, portanto, o motivo pelo qual esse mercado tem atraído novos participantes. Tome-se o exemplo da americana General Electric, uma das maiores companhias do mundo, que tradicionalmente opera no setor de equipamentos elétricos. Metade da carteira de crédito de seu braço financeiro no Brasil, a GE Money, já vem do consignado. Outro caso: a C&A, multinacional holandesa do varejo de roupas, também aderiu ao crédito consignado, por meio de seu banco, o Ibi, que antes financiava o consumo na rede de lojas. Nessa mesma trilha ingressou o Banco Volkswagen, criado originalmente para financiar a compra de carros.

Nos últimos cinco anos, dobraram os pedidos ao Banco Central para a criação de instituições financeiras *(veja o quadro abaixo)*. A maioria só quer saber do crédito com desconto em folha. Para assegurarem seu lugar ao sol, alguns novos competidores querem destronar os líderes de mercado. ■

Julia Duailibi

TODOS QUEREM SER BANCO

Nos últimos cinco anos, o Banco Central recebeu mais de 100 pedidos de abertura de bancos

APOSENTADORIA DO RISCO

O filé mignon do mercado de crédito são os empréstimos consignados para aposentados do INSS, a modalidade que mais cresce

	2004	2007
Empréstimos em aberto	2,2 bilhões de reais	30,6 bilhões de reais
Bancos credenciados no INSS	7	56

8 BOLSAS FAMÍLIA

■ Pessoas físicas receberam **80 bilhões de reais** a mais em empréstimos no ano passado — o equivalente a **8 vezes** o Bolsa Família

■ O crédito impulsionou a alta de **6,5%** no consumo das famílias em 2007, o principal responsável pelo crescimento de **5,4%** do PIB

Fontes: Banco Central e INSS

ILUSTRAÇÃO SOBRE FOTO DE RICHARD CUMMINS/CORBIS/LATIN STOCK

Nova York

3, 4 e 7 noites – voando *TAM*

Todos os dias por apenas 10x R$ 232, Aproveite.

Somente em abril. Não perca esta oportunidade.

Nova York é um dos mais fascinantes destinos turísticos do mundo. Uma cidade onde você encontra os melhores restaurantes, chefs consagrados, centenas de museus, galerias de arte, teatros e os mais famosos espetáculos. Além disso, possui bairros charmosos, praças e pontos turísticos que agradam tanto aos turistas quanto aos nova-iorquinos. Paraíso das compras, a cidade tem milhares de lojas, desde as marcas mais famosas e luxuosas, até pequenas lojinhas a serem descobertas e exploradas. Há muito para ver, sentir, viver e comprar em Nova York. A capital do mundo vai encantar você.

Neste preço está incluso: passagem aérea voando TAM Classe (W) turística e vôos diurnos – 3 noites no excelente

HOTEL RADISSON MARTINIQUE: ótima localização.
Próximo ao Madison Square Garden e Empire State Building.

Serviços adicionais:
Traslados aeroporto/hotel/aeroporto • Assistência diária e guias CVC durante toda a viagem • Tour pelos principais pontos turísticos • Ingressos para shows • Noites adicionais • Seguro viagem • Compras em outlets • Consulte hospedagem em outros hotéis

A cidade que não dorme a preços que não tiram o seu sono.

Para todo mundo, existe uma CVC.

Visite uma loja CVC nos melhores shoppings do Brasil ou, se preferir, ligue: São Paulo 11 2146-7011/2103-1222 – Santo André 11 2191-8700 – São Bernardo 11 2191-3500 São Caetano 11 3636-3450 – Mauá 11 4519-4700 – Diadema 11 4043-2928 – Osasco 11 3699-9909 – Campinas 19 2117-3500 – Mogi das Cruzes 11 4799-2166 – Suzano 11 2148-4600 Guarulhos 11 6425-0533 – Santos 13 3257-7000 – Jundiaí 11 4522-3088 – Bauru 14 2106-9494 – São José dos Campos 12 3878-7000 – Araraquara 16 3331-3858 – Araçatuba 18 3608-4080 – Alphaville 11 4191-9198 – Guarujá 13 3347-7000 – Marília 14 2105-3888 – Valinhos 19 3929-7700 – Bragança Paulista 11 4034-3020 – Limeira 19 3404-8899 Presidente Prudente 18 3903-9100 – Sorocaba 15 3414-1000 – Piracicaba 19 3413-5557 – São Carlos 16 3307-8686 – Ribeirão Preto 16 2101-0048 – Rio Preto 17 2137-5910 Porto Alegre 51 2121-1621 – Florianópolis 48 2108-2525 – Curitiba 41 2109-9300 – Londrina 43 3326-5656 – Rio de Janeiro 21 2142-9900 – Poços de Caldas 35 2101-8100 Belo Horizonte 31 3286-1620 – Uberlândia 34 2101-5200 – Vitória 27 2122-8222 – Brasília 61 3234-0446 – Goiânia 62 4005-8900 – Campo Grande 67 3323-5100 – Cuiabá 65 3316-4600 Salvador 71 2103-5666 – Aracaju 79 2107-8999 – Maceió 82 2123-1870 – Recife 81 3059-5600 – João Pessoa 83 2106-6221 – Natal 84 3615-1740 – Fortaleza 85 3462-1700 São Luís 98 4009-2800 – Teresina 86 2106-3400 – Belém 91 3184-8484 – Manaus 91 2123-1100 – Porto Velho 69 3026-5353 – Macapá 96 2101-6600 – Rio Branco 68 3223-0001

Prezado cliente: preço por pessoa, com hospedagem em apartamento duplo (não inclui café da manhã), saindo de São Paulo, sem taxas de embarque e exceto períodos de feriados. Preços, datas de saída e condições de pagamento sujeitos a reajuste e mudança sem aviso prévio. Valor calculado com base no preço total de US$ 1.298, ao câmbio do dia 12/3/2008, US$ 1,00 = R$ 1,79, total de R$ 2.320, parcelados sem juros, sujeito a aprovação de crédito. Sujeito a variações e serão recalculados no dia da data da compra. Oferta de lugares limitada e reservas sujeitas a confirmação. Parcelamento em 10x iguais e sem juros. Ofertas válidas para compras até 1 dia após esta publicação.

www.cvc.com.br ou consulte seu agente de viagens.

CVC

**Sonhe com o mundo.
A gente leva você.**

Internacional

A DÍVIDA ETERNA DA ALEMANHA

SEBASTIAN SCHEINER/GETTY IMAGES

Angela Merkel fala no Knesset em alemão — e se compromete com a segurança do estado judeu

"A Alemanha e Israel são e permanecerão, para sempre, ligados de maneira especial pela lembrança do holocausto", disse a primeira-ministra alemã Angela Merkel, na semana passada, ao Parlamento israelense, em Jerusalém. Merkel discursou em sua língua materna, com algumas frases em hebraico, e se disse envergonhada, como alemã, pelos 6 milhões de judeus mortos pelos nazistas durante a II Guerra Mundial e pelo sofrimento dos sobreviventes do holocausto. Cinco deputados israelenses se sentiram ofendidos com o fato de que a "língua do assassino" seria ouvida na sede do legislativo do estado judeu. Eles boicotaram a sessão. O restante de seus colegas aplaudiu de pé as palavras da chanceler. A visita de três dias de Merkel a Israel, a terceira em seu governo, iniciou um novo estágio nas relações entre os dois países. Merkel é a primeira chefe de governo da Alemanha a falar no Knesset. A honra já havia sido concedida a dois presidentes alemães. Por isso, o ineditismo do discurso de Merkel está principalmente em seu conteúdo. Nunca antes um presidente ou chanceler alemão foi tão longe em seu compromisso com a segurança de Israel. Depois de listar o que considera as principais ameaças ao estado judeu (a ambição atômica do Irã, a influência síria no Líbano e o terrorismo do Hamas), Merkel disse que a existência de Israel é parte da razão de estado da Alemanha, ou seja, é inegociável. Essa foi a forma que a Alemanha encontrou para reparar o genocídio dos judeus promovido pelos nazistas. É a reafirmação da realidade indiscutível do holocausto — cuja existência ainda é contestada aqui e ali por mentes doentias.

CORBIS/LATINSTOCK

Merkel fala aos deputados de Israel e, ao lado, soldado da SS executa judeu na Polônia, em 1942: vergonha

A aproximação entre Israel e Alemanha começou sete anos após o fim da guerra, quando o chanceler alemão Konrad Adenauer negociou a indenização de 3 bilhões de marcos paga a Israel pelo holocausto. Desde então, adotou-se o mais eficiente dos instrumentos de normalização nas relações entre dois povos: o comércio. Já em 1957, Israel exportava suas submetralhadoras Uzi para o Exército alemão, e hoje a Alemanha é o maior parceiro comercial dos israelenses, depois dos Estados Unidos. Na semana passada, pela primeira vez, oito ministros alemães fizeram uma reunião conjunta com seus colegas israelenses. Com todo o comércio e cooperação, no entanto, Merkel demonstrou, em seu discurso de vergonha e humildade no Knesset, que normal, mesmo, a relação entre os dois países nunca será. A dívida moral da Alemanha é eterna: Merkel nem sequer era nascida quando os nazistas cometeram seus crimes. ■

Diogo Schelp

vivo

Vivo Zap: a banda larga móvel mais rápida do mercado com uma oferta imperdível.

DPZ

Planos	Mensalidade
• 250 MB	R$ 39,90
• 1 GB	R$ 69,90
• Ilimitado	R$ 99,90

Modem por R$10
no Plano Ilimitado

vivo ZAP
A Internet Móvel em Banda Larga.

A banda larga móvel da Vivo é a mais rápida e mais estável segundo a avaliação da revista Info (janeiro/2008)*.

Fomos pioneiros em internet móvel de alta velocidade quando, em 2001, lançamos o Vivo Zap. Desde então, você pode fazer downloads de arquivos, acessar seus sites preferidos e e-mails de qualquer lugar. Aproveite esta oferta especial.

Para saber mais: [illegible]

vivo Sinal de qualidade.

Preço de equipamento válido de 15/3/2008 a 30/4/2008 (limitado aos estoques), para o pen-modem USB, placas PCMCIA e Express Card no Plano Vivo Zap Ilimitado, sujeito à permanência mínima de 12 meses (conforme condições contratuais). Os valores dos Planos são promocionais e válidos para novas aquisições de pessoas físicas, realizadas até 30/4/2008. Ofertas sujeitas a análise de crédito e alteração ou prorrogação, a critério da Vivo, nos termos da regulamentação vigente. ISP Vivo promocionalmente gratuito (valor mensal: R$ 19,90). Vivo Zap é um serviço de acesso portátil à internet disponível nas áreas de cobertura CDMA EVDO e CDMA 1xRTT da Vivo. Nas regiões com a tecnologia EVDO, a velocidade média de conexão do serviço é de 300 a 700 Kbps, e nas regiões com a tecnologia CDMA 1xRTT, de 64 a 100 Kbps. A velocidade de transmissão dependerá da disponibilidade de cobertura e condições topográficas da região. Consulte informações sobre o funcionamento do serviço, área de cobertura, preços e condições de uso no site www.vivo.com.br. Imagem meramente ilustrativa. *Avaliação feita pela revista Info, considerando velocidade de download e estabilidade de conexão.

REUTERS

BRIAN SOKO THE NEW YORK TIME

Soldados chineses defendem-se de pedras jogadas por tibetanos, em Lhasa, e monge ferido no Nepal

A prova dos monges

Para o Tibete, a Olimpíada de Pequim já começou e seu esporte é a pedrada

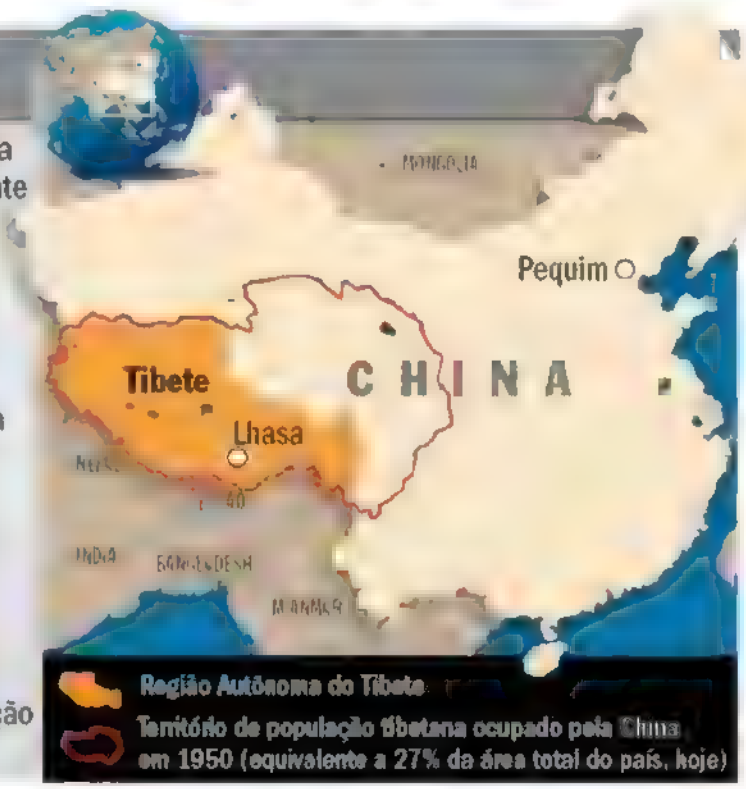
Os tibetanos não se rendem facilmente. Há duas décadas, a China alicia o Tibete com todo tipo de agrado econômico. Construiu ferrovias, aeroportos, estradas, escolas e prédios públicos em uma província que, na primeira metade do século passado, ainda tinha padrão de vida medieval. Pouco adiantou. Nos últimos dez dias, os tibetanos foram às ruas para dizer que sua identidade não está à venda. No aniversário de 49 anos do maior levante contra a invasão chinesa, ocorrida em 1950, cerca de 300 monges budistas fizeram uma passeata pacífica pedindo o retorno do Dalai-Lama, o líder espiritual máximo do budismo tibetano, exilado na Índia. A manifestação foi reprimida com violência pela polícia e dezenas de monges foram presos. Nos dias que se seguiram, tibetanos de outras províncias e de países vizinhos se rebelaram. Lojas de chineses, carros e agências do Banco da China foram destruídos. Nos conflitos, quase 100 pessoas morreram. Em Lhasa, a capital do Tibete, mais de 900 foram presas.

Para o mundo não testemunhar a brutalidade, isolou-se completamente a região. Barricadas foram montadas nas estradas e jornalistas estrangeiros, expulsos. Para o regime chinês, é uma questão de segurança nacional. A China considera que o Tibete sempre lhe pertenceu e teme que a independência da região leve ao esfacelamento de seu território. A verdade é que, antes de ser invadido, em 1950, o Tibete era um país independente com status reconhecido por outras nações. Do exílio, o Dalai-Lama disse que não almeja a independência, apenas mais autonomia. Os tibetanos querem ensinar a própria língua nas escolas e adorar os seus líderes religiosos. Desde setembro do ano passado, uma lei chinesa estabelece que um religioso precisa do aval do Partido Comunista Chinês para ser considerado reencarnação de Buda. Em um mundo em que até os albaneses da Sérvia se viram, no mês passado, no direito de ter um estado independente, o Kosovo, fica difícil negar o mesmo ao Tibete. E a proximidade da Olimpíada de Pequim torna mais visível a luta dos tibetanos. ■

À sombra do gigante

O Tibete, ainda que represente uma parcela significativa do território chinês, é irrelevante em termos econômicos e populacionais

- **ÁREA: 1,2 milhão de quilômetros quadrados,** ou 13% do território da China
- **PIB ANUAL: 4,5 bilhões de dólares,** o equivalente a 0,14% da economia chinesa
- **POPULAÇÃO: 2,6 milhões,** apenas 0,2% do total de habitantes da China
- **ETNIA: 92%** da população é tibetana. Na China, predomina a etnia han (92% da população)
- **EDUCAÇÃO: 13%** dos tibetanos têm educação secundária, contra 50% dos chineses



O trio de estudantes americanos exibe seus "zon dollars": eles valem como dinheiro numa loja dentro da escola

GILBERTO TADDAY

DIVULGAÇÃO

Educação

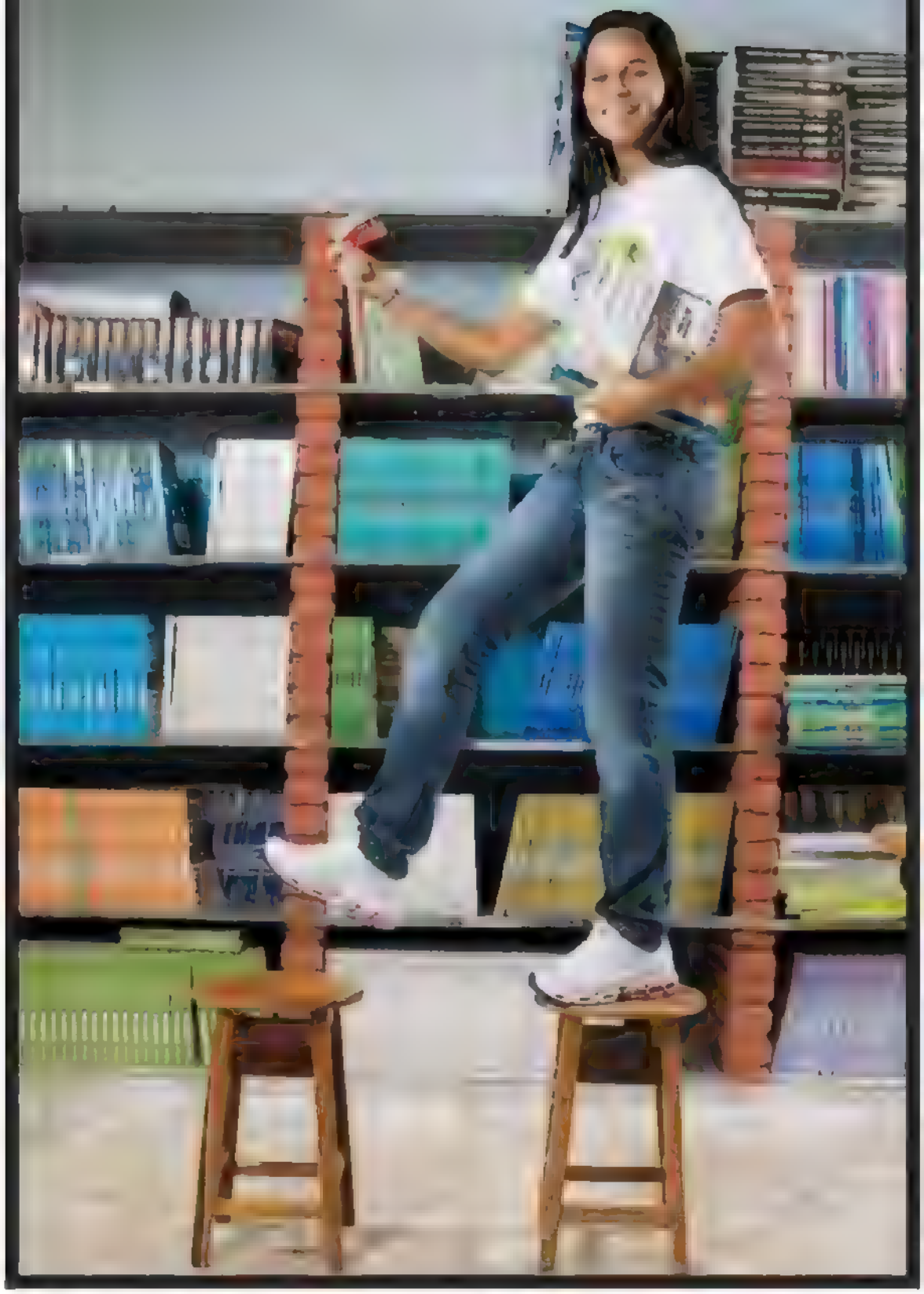
VÁ À ESCOLA, GANHE ESTE CELULAR

Programa em Nova York chama atenção para uma discussão polêmica: até onde premiar os bons alunos

Camila Pereira

Quais são as chances de uma criança receber algum dinheiro no fim do mês, vales para gastar no que bem entenda ou ainda um celular com direito a crédito ilimitado — sem que essas regalias sejam custeadas pelos pais? Em geral, zero. Na cidade de Nova York, as chances são bastante altas. O fato surpreende — a explicação, mais ainda. As crianças estão ganhando tais prêmios em escolas públicas. Só as mais brilhantes e esforçadas têm direito a eles. O programa faz parte de uma nova política do governo para incentivar os alunos a estudar mais. O princípio de recompensar bons estudantes não é um conceito novo, mas até então ele se restringia, basicamente, à distribuição de medalhas. A novidade está justamente nos benefícios financeiros, sistema sobre o qual os educadores do mundo todo vêm discutindo — e, em alguns casos, começam a implantar em suas escolas. O exemplo brasileiro mais próximo disso vem de Minas Gerais, onde o governo do estado passou a conceder 3 000 reais aos estudantes de escolas públicas, sob a condição de completarem o ensino médio. O objetivo é fornecer um estímulo para que não abandonem a sala de aula para arranjar emprego. Esse programa, tal qual o de Nova York e outros nos Estados Unidos, tem um caráter experimental. Isso porque seus efeitos ainda não foram mensurados. Há, no entanto, indícios de que eles funcionam, com base na experiência. Diz a diretora Virginia Connelly, à frente de uma escola de Nova York: "Os estudantes reagem na hora a estímulos tão concretos e imediatos".

Celulares e "zon dollars" (moeda que, em Nova York, vale como dinheiro em lojas instaladas junto das salas de aula) causam certa polêmica entre os especialistas. Eles concordam, porém, num ponto central: é preciso resgatar a imagem positiva dos bons alunos — e premiá-los de modo tão concreto pode ser um caminho para lhes conferir algum status. No geral, os melhores estudantes são vistos como seres bitolados e desinteressantes, e não como exemplos a ser seguidos. Essa distorção foi flagrada numa recente pesquisa conduzida pela prefeitura de Nova York. A metade dos alunos de lá afirma que os mais estudiosos da turma são alvo freqüente de desrespeito justamente quando se destacam em relação aos demais. Os novos prêmios, de algum modo, já começaram a mudar esse cenário — e a



MELLO RODRIGUES/PLANO

A mineira Yasmin receberá 3000 reais se tiver bom desempenho na escola: o avanço em relação a programas como o Bolsa Família *(à dir.)* é o foco na qualidade do ensino

vida de estudantes como a americana Ashley Pimentel, de 13 anos. A menina abarrotou a carteira com os tais "zon dollars", pela postura exemplar na escola, também recompensada, e ainda levou mais 200 dólares (estes de verdade) por sair-se bem numa maratona de provas. Resume Ashley, uma ótima aluna: "Depois que passei a receber dinheiro quando tiro uma nota alta, ninguém mais ri de mim. Eles agora querem é ser como eu".

No geral, a experiência revela, de fato, algum progresso nas escolas de Nova York onde tais medidas foram implantadas — mas, ainda assim, suscitam críticas por razões mais teóricas. Quem as desaprova diz, basicamente, que tornar-se alguém mais instruído e culto precisa ser uma motivação por si só e que, quando se dá dinheiro por isso, a mensagem transmitida pelas escolas é justamente a inversa. Equivaleria a pagar a um neto para cuidar de um avô doente, dizem os críticos. Tanto a educação quanto o afeto incondicional, ambos valores nobres, deveriam prescindir de qualquer estímulo de natureza financeira. Em teoria, parece razoável a muita gente. Predomina, no entanto, uma visão mais pragmática do assunto, segundo a qual os estudantes demonstram claro desinteresse pela escola — e benefícios tão palpáveis quanto um celular podem ajudar a melhorar o cenário. A psicóloga Ceres Araujo, que aprova o modelo de premiação financeira nas escolas, faz uma ressalva: "O essencial é mostrar à criança por que exatamente ela está recebendo essa recompensa".

Outro argumento favorável à distribuição de tais prêmios em escolas públicas diz respeito a uma questão bem mais básica: para certos alunos, o dinheiro é determinante para que eles não deixem os estudos para arranjar trabalho antes do tempo. Isso vale para muitas das escolas de Nova York e, não há dúvida, para a realidade brasileira. Em Minas Gerais, a estudante Yasmin Aleixo, de 16 anos, traduz o clima entre seus colegas, todos matriculados no 2º ano do ensino médio. Eles estão às vésperas de resgatar a primeira parcela do benefício prometido pelo governo: "Sem o dinheiro no bolso, poucos conseguiriam se formar". O programa mineiro é um avanço em relação a outros semelhantes no Brasil porque exige um bom desempenho dos estudantes em troca do dinheiro — e não apenas sua presença em sala de aula, como ocorre, por exemplo, com o Bolsa Família, do governo federal. Pela primeira vez, o foco é na qualidade do ensino. Diz o especialista Claudio de Moura Castro: "Não há dúvida de que as crianças estão precisando de um incentivo a mais para encarar os estudos. E não adianta enfrentar o problema com puritanismo". O fato é que os programas de Minas, Nova York e outros do gênero surgem num contexto em que, na educação, já se tentou de tudo — e quase nada funcionou. Diante disso, a visível animação entre os estudantes de escolas como a da americana Ashley Pimentel e a da mineira Yasmin Aleixo é um sinal de que esse pode, afinal, ser um bom caminho. ■

ANDERSON SCHNEIDER

NA FOTO TEM

2.418

ASAS COR-DE-ROSA.

www.mitsubishimotors.com.br SAC 0800 702 0404

os estoques (2 unidades de cada versão). *Valor à vista de tabela de veículo Pajero Full HPE 3.8 gasolina 5p automático ano 2007/modelo 2008 R$ 179.990,00 exceto para Zona Franca de Manaus. R$ 172.781,52 e Goiás R$ 168.434,55 (frete inclusoi. **Valor à vista de tabela de veículo Pajero Full GLS 3.8 gasolina 5p automático ano 2007/modelo 2008 R$ 152.990,00 exceto para Zona Franca de Manaus R$ 146.862,93 e Goiás R$ 153.412,91 (frete inclusoi. Imagem ilustrativa da versão HPE.

Preços vál dos enquanto durarem os est
5p automático ano 2007/modelo 2008
(frete inclusoi. **Valor à vista de tabela
exceto para Zona Franca de Manaus

Mits

PAJERO FULL

PAJERO FULL HPE R$ 179.990,* À VISTA (FRETE INCLUSO)

PAJERO FULL GLS R$ 152.990,** À VISTA (FRETE INCLUSO)

EXCETO PARA GOIÁS E ZONA FRANCA DE MANAUS.
IMAGEM ILUSTRATIVA DA VERSÃO HPE

PAJERO FULL 4 4 MITSUBISHI

PAJERO FULL 2008.

SÓ QUEM É APAIXONADO

PELO MUNDO 4X4

PODERIA FAZER

UM LEGÍTIMO 4X4.

A MITSUBISHI USA É RECONHECIDA LUBRIFICANTES Castrol

THE 4X4. THE LEGEND.

MITSUBISHI MOTORS

DOR DE CABEÇA PERSISTENTE

A indústria farmacêutica enfrenta a perda da patente de seus super-remédios e a falta de substitutos à altura deles

Laboratório farmacêutico: os genéricos podem sair até 60% mais barato

Anna Paula Buchalla

Ao longo de duas décadas, a indústria farmacêutica figurou entre os segmentos de melhor rentabilidade — fruto do sucesso de remédios como Prozac, Viagra e Topamax, entre outros. Mas os medicamentos blockbuster, ou "arrasa-quarteirão", que rendem bilhões de dólares aos fabricantes, estão para perder (ou já perderam) suas patentes — e, na maioria dos casos, não foram encontrados substitutos que representem um avanço em relação a eles. Num relatório do fim do ano passado, a Moody's Investors Service, agência internacional de avaliação de risco, alertou: "Nos próximos quatro anos, o setor farmacêutico enfrentará um período difícil. Para algumas empresas, o fim das patentes reduzirá em até 40% seus lucros atuais". Veja-se o exemplo do Lípitor, que lidera o mercado de estatinas, com 12,7 bilhões de dólares de faturamento somente no ano passado. Sua patente vence em 2010 e, até agora, não há sinal de que ele terá um sucessor. "Será difícil superar os avanços obtidos nos últimos anos", reconhece Mariano Garcia-Valiño, diretor da unidade de negócios cardiovascular do laboratório Pfizer.

No mercado americano de remédios, responsável por quase 45% dos 643 bilhões de dólares movimentados anualmente no mundo pelo setor, as perdas já são dolorosas. Em 2007, ele registrou seu pior desempenho desde 1961. Segundo o relatório da consultoria internacional IMS Health, a venda de medicamentos nos Estados Unidos aumentou apenas 3,8% no ano passado. É menos da metade dos 8% de crescimento registrados em 2006. O desempenho relativamente ruim nada tem a ver com a atual desaceleração da economia americana. É fruto exclusivo do que os especialistas chamam de "gargalo tecnológico" — ou seja, a falta de reposição no nicho dos super-remédios. "Obviamente, novos blockbusters continuarão a surgir, mas num ritmo mais lento", diz o economista Francisco Teixeira, especialista em indústria farmacêutica. "O que, diga-se, é completamente esperado: depois de um período de extrema fertilidade, como foram as décadas de 80 e 90, volta-se ao padrão de normalidade no que se refere ao lançamento de novos remédios."

A validade da patente de um medicamento é de vinte anos. Durante esse período, o fabricante tem exclusividade para a sua produção e comercialização. Na prática, o tempo para desfrutar esses lucros é bem menor, já que a patente começa a contar desde o registro da criação da molécula que dá origem ao medicamento. Como um remédio

A REFORMA DE PNEUS VIPAL PRESERVA SEU DINHEIRO E O MEIO AMBIENTE.

NOVAS GERAÇÕES

A tecnologia Vipal para reforma de pneus traz benefícios econômicos e ecológicos. Para as futuras gerações, a reforma de pneus é a certeza de um planeta muito melhor.

ESPERANÇA PARA O PLANETA

A reforma de pneus diminui a geração de resíduos sólidos na natureza, minimizando até mesmo o aquecimento global. Anualmente, um volume superior a 342 milhões de litros de petróleo é economizado com a reforma.

REFORMA QUALIFICADA E GARANTIDA VIPAL

É a garantia de qualidade e durabilidade dos pneus reformados na Rede Autorizada Vipal, para o motorista ter total segurança ao dirigir.

PROCESSO DE RECUPERAÇÃO

Com alta tecnologia e muito investimento em pesquisa é possível a restauração de partes danificadas do pneu e correção de suas imperfeições, garantindo o excelente padrão de desempenho e segurança.

VIDA NOVA AO PNEU

Um pneu reformado atende às mesmas exigências de segurança de um pneu novo.
Só em 2007 foram mais de 6 milhões de pneus recuperados rodando com total desempenho e segurança no Brasil.

A Borrachas Vipal reafirma seu compromisso de aliar economia com ecologia no Brasil e em todos os continentes.

ECONOMIAECOLOGIA

www.vipal.com.br

VIPAL®

RENOVANDO A QUALIDADE DO SEU PNEU

leva em média doze anos para chegar às farmácias, isso significa que o fabricante tem, em média, oito anos para lucrar o máximo possível. Vencida a patente, o caminho está aberto para a produção de genéricos. Os medicamentos cujas patentes vencerão nos próximos cinco anos representam um mercado da ordem de 40 a 60 bilhões de dólares. Não apenas a patente do Lípitor, mas também a do antidepressivo Efexor XR vence em 2010. A do Viagra, em 2011. Em 2012, o laboratório Merck Sharp & Dohme vai enfrentar competição de genéricos para dois de seus remédios mais vendidos: o Singulair, para asma, e o anti-hipertensivo Cozaar. Para a população, quanto mais genéricos, melhor — trata-se de uma garantia de acesso a remédios até 60% mais baratos. Mas, sem os resultados financeiros dos produtos desenvolvidos por eles, os laboratórios empregam menos dinheiro em pesquisas — o que não é bom para ninguém.

Um laboratório consome cerca de 900 milhões de dólares para que um novo remédio chegue às farmácias. Esse custo explica a movimentação de alguns fabricantes para dificultar a aprovação dos genéricos. "A fim de driblar o vencimento das patentes, os laboratórios promovem batalhas judiciais na tentativa de estendê-las por mais tempo", diz o diretor executivo da Associação Brasileira das Indústrias de Medicamentos Genéricos (Pró Genéricos), Odnir Finotti. A outra estratégia dos laboratórios é pleitear novas versões e indicações para remédios que têm patentes próximas do vencimento. Na iminência de perder a exclusividade do antidepressivo mais vendido no mundo, o Efexor, seu fabricante, o laboratório Wyeth, lançou uma versão mais potente dele, o Efexor XR. No início do mês, o laboratório recebeu aval da FDA, a agência americana de controle de medicamentos, para comercializar o sucessor do Efexor: o Pristiq. Analistas estimam que o êxito comercial será apenas razoável. ■

AS PERDAS DOS LABORATÓRIOS

As vendas de um remédio blockbuster chegam a cair até 80% no primeiro ano depois da entrada de seu genérico no mercado. Na tentativa de compensar essas perdas, a indústria costuma lançar outras versões para o mesmo medicamento

As patentes vencidas

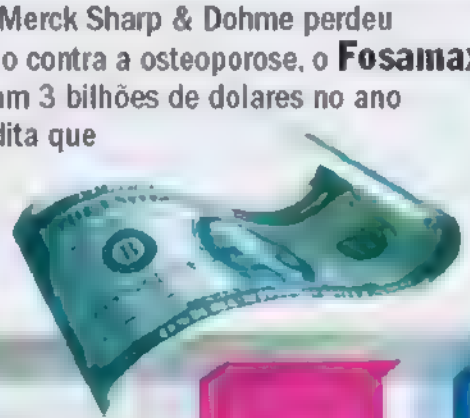
★ Em 2003, quando chegou ao mercado o genérico do antidepressivo **Aropax**, o laboratório GlaxoSmithKline lançou uma versão mais potente do mesmo medicamento. Mesmo assim, em 2004, o remédio vendeu apenas 172 milhões de dólares, um quinto do que faturou o genérico

★ O **Prozac**, da Eli Lilly, perdeu a patente em 2001. A companhia criou a versão semanal. A empresa totalizou, em 2004, 182 milhões de dólares em vendas nos Estados Unidos, menos de um terço de seu equivalente genérico, a fluoxetina

★ Há quatro anos, a Pfizer lançou o **Caduet**, um remédio que reúne em uma única drágea o Lípitor, contra o colesterol alto, e o Norvasc, o anti-hipertensivo-estrela, que já perdeu a patente. Em 2006, o Lípitor rendeu quase 13 bilhões de dólares e o Norvasc, 5 bilhões. O Caduet totalizou somente 370 milhões de dólares no mesmo ano

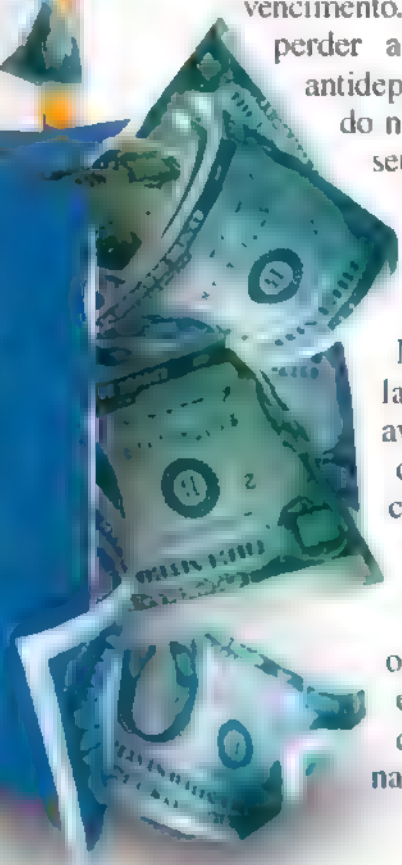
★ A patente do redutor de colesterol **Zocor**, da Merck Sharp & Dohme, expirou em 2006, e, com isso, o faturamento do medicamento neste ano deve cair 82% em relação aos 4,4 bilhões de dólares de 2005

★ Em fevereiro deste ano, a Merck Sharp & Dohme perdeu a exclusividade de seu remédio contra a osteoporose, o **Fosamax**. As vendas do remedio somaram 3 bilhões de dolares no ano passado e a companhia acredita que esse valor cairá para menos da metade em 2008



As patentes que estão para vencer

Remédio		Quanto vendeu em 2007 (em dólares)	Vencimento da patente
VIAGRA	contra a impotência	1,7 bilhão	2011
LÍPITOR	redutor de colesterol	12,7 bilhões	2010
EFEXOR XR	antidepressivo	3,8 bilhões	2010
DIOVAN	anti-hipertensivo	1,1 bilhão	2012



TV é ter guia eletrônico de programação na tela.

Só na SKY você vem à tela para ligar a TV e tem o guia dos programas para você ligar!

- TV E ADESÃO DO PONTO ADICIONAL GRÁTIS*
- TV E EQUIPAMENTO 100% DIGITAL SEM CUSTO*

4004-1111

PARA CAPITAIS E REGIÕES METROPOLITANAS
PARA OUTRAS LOCALIDADES LIGUE 4000 11 4004-1111*
ACESSE WWW.SKY.COM.BR OU PROCURE
O REVENDEDOR AUTORIZADO NA SUA REGIÃO

SKY
TV É ISSO

* Promoção válida de 1/4/2006 a 30/4/2006. 1 Acesso gratuito apenas para a primeira conexão. Demais conexões serão cobradas de acordo com a tabela vigente. Consulte valores para outras localidades. Para ativação, é preciso ligar para o SAC após a instalação.

1 ANO
DE COMBUSTÍVEL
PARA QUEM GOSTA DE DIRIGIR.

OU

TAXA DE
0,59%
PARA QUEM GOSTA DE DIVIDIR

NISSAN SENTRA 07/08

- Motor 2.0 16V com 142 cv
- Ar-condicionado e alarme
- Freios ABS e airbag duplo
- Piloto automático
- CD player com entrada para MP3
- Direção elétrica

CÂMBIO AUTOMÁTICO XTRONIC® CVT
Você acelera e nem sente a troca de marcha.
Venha fazer um test-drive

A PARTIR DE	TAXA DE	OU	1 ANO DE COMBUSTÍVEL*
R$ 58.695,00**	0,59% a.m.		LIMITADO A R$ 2.500,00
	50% DE ENTRADA +SALDO EM 24 MESES		

0800 011 1090 www.nissan.com.br

Este veículo está em conformidade com o PROCONVE – Programa de Controle de Poluição do Ar por Veículos Automotores.

SENTRA

MELHOR COMPRA
2007
MENOR CUSTO DE REPAROS DA CATEGORIA
Cesvi Brasil
3 ANOS DE GARANTIA

NISSAN

Auto-retrato

MELANIE BETANCOURT

HARTMANN CHRISTIAN/SIPA PRESS

A dor de um seqüestro é devastadora — e a mesma sensação é experimentada pelas famílias dos reféns. A estudante francesa Melanie Betancourt carrega há seis anos esse sofrimento. É filha da ex-deputada e candidata à Presidência da Colômbia Ingrid Betancourt, que permanece em poder das Farc. Melanie, 22 anos, falou ao repórter Ronaldo Soares sobre o seu medo de que a mãe morra antes de reencontrá-la.

COMO TEM SIDO VIVER SEM SUA MÃE DURANTE TANTOS ANOS? Esses seis anos têm sido muito, muito difíceis. A ausência dela é bastante pesada para mim e para meu irmão. Sempre fomos muito próximas. Mesmo quando tivemos de nos separar, por questões de segurança, nós nos falávamos todos os dias pelo telefone ou pela internet. Agradeço aos céus por ter a mãe que tenho. Ainda que estejamos passando por momentos tão difíceis, sei que tenho muita sorte de ser filha dela.

SENDO UMA MULHER OCUPADA E COM UMA CARREIRA EM ASCENSÃO, ELA TINHA TEMPO PARA OS FILHOS? Ela sempre trabalhou bastante, mas nunca deixou de nos dar atenção. Quando trabalhava até muito tarde, fazia questão de acordar de manhã cedo para tomar café com a gente e nos levar à escola. Mesmo quando chegava exausta, sentava-se ao lado do meu irmão, que é três anos mais novo do que eu, para ajudá-lo a fazer o dever de casa. Ela sempre foi assim.

VOCÊ ACREDITA NA SUA LIBERTAÇÃO? Claro. Acho que não temos o direito de fraquejar. O que minha mãe e os reféns estão passando naquela selva é realmente assustador. Quando penso nisso, repito para mim mesma que não tenho o direito de desanimar. Tiro forças do amor que tenho por ela. Da imensa vontade de reencontrá-la. Cabe a nós, que estamos livres, ser fortes. Os reféns precisam de nosso apoio, para que sejam libertados logo.

QUAL FOI O PIOR MOMENTO NESSA ESPERA? Todos. Hoje, a diferença é que temos certeza de que minha mãe está viva, apesar das más condições em que se encontra. Ela está muito doente, com sério risco de morrer. Não temos muito tempo pela frente. É isso que me assusta. Hoje, tenho realmente esperança de tirá-la de lá, só que isso tem de ser feito urgentemente. Nas condições a que está submetida, ela não vai suportar muito tempo mais. É preciso tirá-la imediatamente de lá, na próxima semana ou, no máximo, no mês que vem; caso contrário ela vai morrer.

EXISTE UMA DATA EM QUE A DOR AUMENTA? O aniversário dela, que cai justamente no Natal. É uma coincidência que torna ainda mais doloroso tudo o que já é difícil todos os dias.

JÁ LHE PASSOU PELA CABEÇA QUE SERIA MELHOR ESTAR NO LUGAR DELA? Sei que minha avó responderia "claro que sim", se essa pergunta fosse feita a ela. Eu quero muito que minha mãe volte, mas quero viver também. Ninguém deve estar naquela situação. Agora, se pudesse ir lá buscá-la, eu iria. Isso sim é algo que me passa pela cabeça. Se fosse possível, colocaria minha mochila nas costas e entraria na selva para pegá-la pela mão e trazê-la de volta.

VOCÊ CONSIDERA SUA MÃE UMA ESPÉCIE DE JOANA D'ARC DOS TEMPOS MODERNOS, COMO CHEGOU A SER DITO A RESPEITO DELA? Penso que minha mãe prescinde desse tipo de comparação. Ela é uma pessoa extraordinária. E acho que está nos provando isso pela força e determinação que tem mantido.

COMO VOCÊ VÊ AS FARC? SÃO UM GRUPO TERRORISTA OU POLÍTICO? Como elas praticam seqüestros, não podem ser consideradas um grupo político. Somente se começarem a libertar todos os reféns, se se comprometerem a não praticar mais seqüestros e se engajarem num esforço de paz na Colômbia, poderão ser vistas de outra forma.

"O QUE MINHA MÃE E OS REFÉNS ESTÃO PASSANDO É ASSUSTADOR"

O SALTO SUMIU

Na corrida pelo mais inusitado, estilista cria o sapato alto sem apoio para o calcanhar

Apoiada nos dedos, com o calcanhar nas alturas, a mulher caminha com o ar de poder e sensualidade que o salto alto lhe confere. Quem não usa, ou usa pouco, se pergunta como alguém se dispõe, por livre e espontânea vontade, a passar horas equilibrando-se em tão precária base. Pois os que consideram o salto agulha e as plataformas uma temeridade ainda não viram nada. Tendo nos acessórios a sua inesgotável fonte de renda, e sendo os sapatos um artigo ainda pouco explorado, o mundo da moda, nas últimas temporadas de desfile, tem ousado tanto na busca do inusitado que atingiu o impensável: o sapato alto sem salto. Isso mesmo: no grupo B dos estilistas que desfilam duas vezes por ano em Paris, o inglês Antonio Berardi, 39 anos, fez suas modelos caminhar na passarela em botas com o calcanhar pairando no ar, a 14 centímetros do solo. "Chegamos ao limite: o sapato que segura apenas o que precisa ser segurado", disse Berardi a VEJA, em tom de orgulho.

A idéia não é nova: já havia sido explorada por Jean Paul Gaultier e Marc Jacobs, ambos idealizadores de uma espécie de "salto ao contrário", que começa na frente e, no de Jacobs, nem chega até o calcanhar — o qual, nos dois casos, "flutua" sem apoio aparente. Mas Berardi foi mais longe, instalando o conceito do salto sem salto em todo tipo de calçado e colocando os modelos à venda (por preços astronômicos, diga-se). O segredo, diz ele, está

Modelo desfila a bota de Berardi: meio pé apoiado, meio pé no ar

KARL PROUSE/GETTY IMAGES

Saltos ornamentais: de frente para trás, na idéia original de Marc Jacobs, o duplo de inspiração oriental de McQueen e o agulha Yves Saint-Laurent apoiado em tira de metal no lugar de sola

FOTO MARCIO MACIEIRA

na plataforma mais longa, feita para acomodar toda a porção da planta que efetivamente sustenta o pé. "Estamos acostumados com o salto dando estabilidade ao sapato. Mas isso não é obrigatório. Ninguém precisa ter medo de experimentar minha proposta", assegura Berardi. Embora pareça ter sido milimetricamente calculada na prancheta, a fórmula do salto alto sem salto é fruto de tentativa e erro. "Fiz minha assistente calçar e caminhar com todo tipo de plataforma. Quando era muito difícil andar, aumentava um pouco; quando ficava muito fácil, diminuía. Assim foi até encontrar o ponto de equilíbrio, no meio do arco do pé", explica. De fato, tenha ou não salto, a estrutura da maioria dos sapatos se apóia mesmo no que os sapateiros chamam de "alma de aço", uma chapa metálica de 0,8 a 1,5 centímetro de comprimento, envolta em celulose de alta resistência, que é embutida na sola e garante o equilíbrio mesmo sobre grandes alturas. No sapato alto comum, essa estrutura vai até o calcanhar e é parafusada a um tubo de metal localizado no salto; no sapato de Berardi, fica no ar, presa apenas na parte da frente do calçado. "É preciso lembrar de pisar com o antepé primeiro, não com o calcanhar. E não dá para ficar muito tempo com os sapatos", ensina o inventor.

Os especialistas desconfiam. "A sola sustenta o pé, mas o salto tem papel importante no equilíbrio, evitando que se caia para trás", diz Jefferson Pereira, que há doze anos desenvolve sapatos para a marca Schutz, do Rio Grande do Sul. "A pessoa não deve andar do mesmo jeito que com um sapato com salto." Salto, simplesmente, porém, não é garantia de equilíbrio. Em seu último desfile em Paris, a platéia de outro inglês, Alexander McQueen — este do time A —, prendeu a respiração quando a oscilante modelo atravessou a passarela, evidentemente pouco à vontade, num sapato de dois saltos e inspiração oriental. Já no da Yves Saint Laurent, sapatos de salto agulha em que a sola era uma fina tira de metal (a tal "alma de aço" exposta ao público em sua mais reduzida versão) davam a impressão de que as moças andavam na corda bamba. Nina Ricci construiu saltos na forma de garras; Chloé criou triângulos invertidos, no formato do dente de tubarão dos desenhos animados. A diferença entre essas extravagâncias e o sapato alto sem salto de Berardi é que o dele já aceita encomendas e tem lista de espera de cinco semanas. O de couro preto custa 2 000 euros (5 300 reais); o de pele de cobra, 3 000 euros (8 000 reais), e Victoria Beckham já encomendou um par. ■

Passo certo

Tratando de assunto de interesse planetário, assim o Instituto de Física da Inglaterra definiu a fórmula do salto seguro:

$$A = Q \times \left(12 + \frac{3T}{8}\right)$$

A é a altura máxima do salto

T é o tamanho do sapato na numeração inglesa

Já o **Q**... bem, aí entra outra fórmula, que pede a definição de **I** (o impacto que o sapato vai causar, que pode ser 0 ou 1), de **N** (o número de anos que a mulher usa salto), de **L** (o preço, em libras — quanto mais caro, mais alto pode ser), de **M** (desde quando o modelo está na moda, sendo 0 o máximo: acabou de entrar) e de **B** (doses de álcool consumidas). A fórmula:

$$Q = \frac{I \times (N + 9) \times L}{(M+1) \times (B+1) \times (N+10) \times (L+20)}$$

Para exemplificar, o Instituto de Física apelou, muito apropriadamente, para **Carrie,** a personagem de **Sarah Jessica Parker em *Sex and the City.*** Considerou que seu numero é **6,** o sapato custa **300 libras** e ela usa salto ha **cinco anos**

CONCLUSÃO: Carrie pode usar salto de até 12,5 centímetros de altura, se não beber nada. Bastam seis doses para o máximo permitido cair para 2 centímetros

FOTO BILL DAVILA/RETNA

Crescimento com Sustentabilidade

2007, um ano de quebra de recordes

Em 2007 a Embraer prosseguiu em sua trajetória de crescimento acelerado: entregamos 169 aeronaves, número recorde e 30% superior ao de 2006.

Nossas receitas atingiram R$ 9,9 bilhões, um crescimento 21% superior em relação ao exercício anterior e outro recorde em nossa história.

Com uma carteira de pedidos firmes de US$ 18,8 bilhões ao final de 2007, conseguimos uma perspectiva de produção estável para os próximos anos.

Presença Consolidada na Aviação Comercial

Em setembro foi entregue o milésimo jato regional ERJ 145. Após 10 anos em operação, o ERJ 145 exibe excelentes níveis de desempenho e confiabilidade e o melhor histórico de segurança de sua categoria.

A frota mundial da família EMBRAER 170/190 atingiu 1,3 milhão de horas voadas, com uma despachabilidade que rapidamente se aproxima de 99%. Voando em 45 linhas aéreas de 30 países, nossos E-Jets desfrutam de aceitação crescente em todo o mundo.

Com as famílias ERJ 145 e EMBRAER 170/190, a Embraer detém participação de 47% no mercado de jatos comerciais de 30 a 120 assentos.

Crescendo na Aviação Executiva

Em 2007, avançamos firmes no fortalecimento de nossa participação na Aviação Executiva: em vendas – que atingiram quase US$ 5 bilhões –, no desenvolvimento de novos produtos e na infra-estrutura de centros de serviço e oficinas de suporte a nossos clientes. O sucesso do Legacy 600 refletiu-se em novo recorde de entregas: 35 unidades em 2007. Com uma frota de 130 aeronaves voando em 23 países, o Legacy 600 detém 15% de participação acumulada no mercado mundial da categoria super *mid-size*.

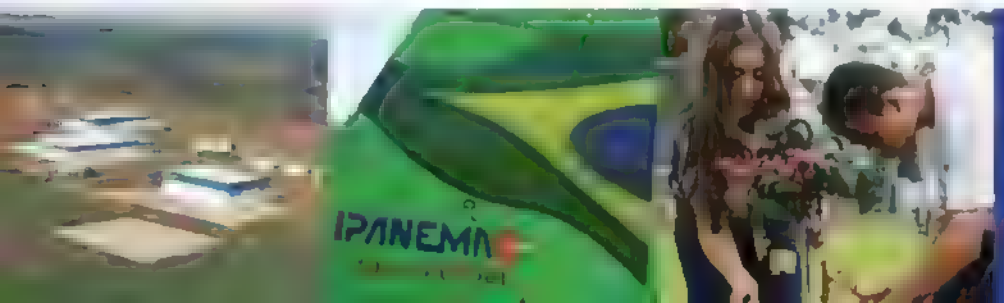
Os novos jatos Phenom 100 e Phenom 300 mantiveram sua extraordinária performance de vendas, acumulando mais de 700 unidades vendidas até o final de 2007.

Defesa

Uma nação livre e autônoma necessita de uma indústria aeronáutica plenamente capacitada para desenvolver e manter atualizadas suas aeronaves, sem dependência externa. Foi por isso que, ao final da década de 40, o Governo Brasileiro decidiu criar o CTA e o ITA, os quais, por sua vez, deram origem à Embraer cerca de 20 anos depois, em 1969.

Com mais de 70% da frota da FAB constituída por aeronaves de sua fabricação, a Embraer está indissoluvelmente ligada aos planos e estratégias do Ministério da Defesa e do Comando da Aeronáutica. Com orgulho, nos consideramos o braço industrial do Comando da Aeronáutica.

Em 2007 entregamos à FAB a 50ª aeronave Super Tucano e assinamos contrato para a revitalização de 55 caças AMX.

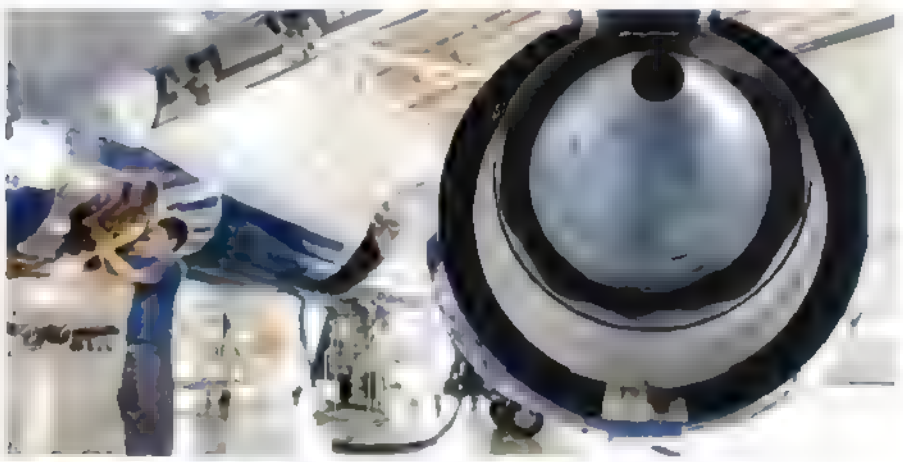


EMBRAER
www.embraer.com.br

Serviços Aeronáuticos

O ano de 2007 representou novo impulso para a área de Serviços Aeronáuticos da Embraer, reforçando sua importância para o apoio aos clientes. Nesse sentido, continuamos a expandir a estrutura global e a investir na oferta de serviços em manutenção de aeronaves, treinamento de pilotos e mecânicos, fornecimento de peças e logística, além de programas especiais de apoio pós-venda.

Alguns resultados mais visíveis desse crescimento são o início da construção de quatro centros de serviços exclusivos para a Aviação Executiva, um na Europa e três nos Estados Unidos, e a abertura de um novo Centro de Treinamento de clientes e de um Centro de Distribuição de peças de reposição, ambos em Cingapura, que passam a integrar a atual rede de serviços já estabelecida nos diferentes continentes.



Qualidade, Produtividade e Competitividade

Lançamos o Programa de Excelência Empresarial Embraer (P3E), voltado à busca da excelência de práticas e processos empresariais. Seus benefícios se fizeram sentir de imediato na área industrial e contribuíram positivamente para o resultado das entregas do ano.

Adicionalmente, o P3E endereça as iniciativas da Empresa nas áreas de desenvolvimento das lideranças, de agregação e motivação das pessoas e de desenvolvimento da cultura corporativa.

Investimos em um Plano de Desenvolvimento Tecnológico, cujos primeiros resultados já se revelam em testes e deverão brevemente se inserir em escala industrial. Resultam dessa iniciativa novos processos de fabricação de estruturas em materiais compostos e arquitetura de comandos de vôo *full fly-by-wire*.

Comprometida com o Meio Ambiente

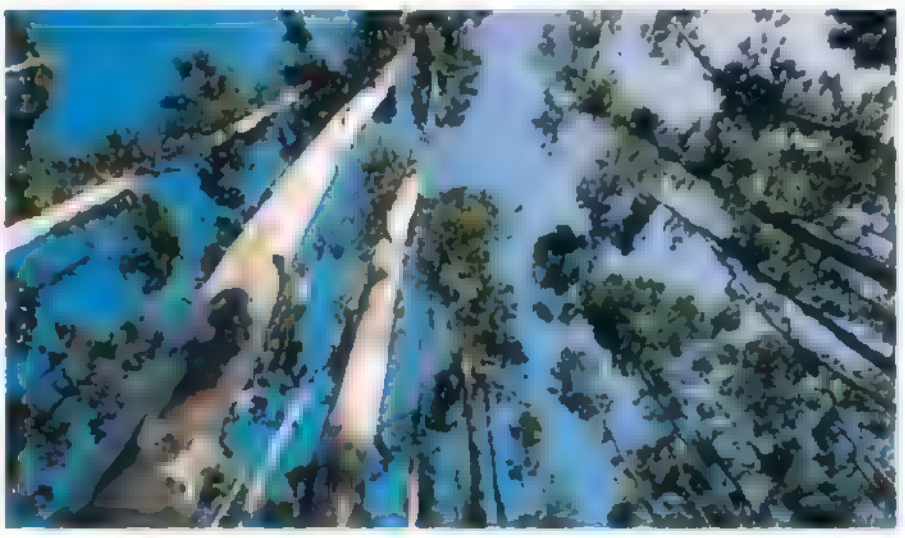
A Embraer cresce, gera empregos de alta qualificação e divisas para o país, distribuindo lucros sem nunca descuidar de sua responsabilidade com a preservação do meio ambiente e com o crescimento sustentável.

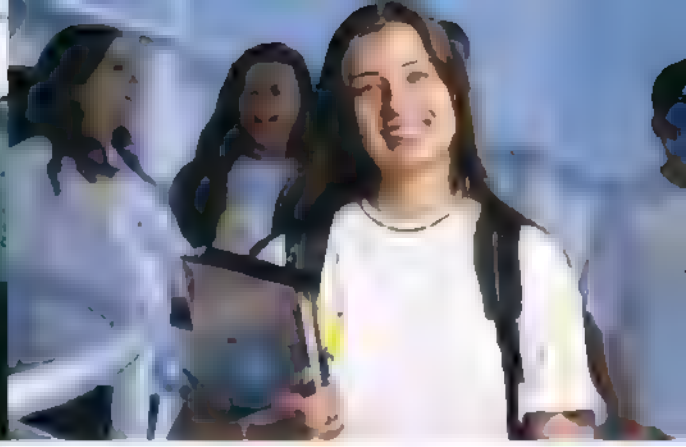
Em 2002 nos tornamos a primeira empresa aeronáutica no mundo a obter as certificações das normas ISO 14001 (Meio Ambiente) e OSHAS 18001 (Segurança e Saúde no Trabalho).

Desde então, vimos consistentemente aperfeiçoando processos industriais e atuando junto às comunidades nas quais estamos inseridos, sempre com foco na melhoria de nosso desempenho ambiental.

Para administrar todos os processos correlatos e assegurar a continuidade de nossas certificações, criamos o Sistema Integrado de Gestão do Meio Ambiente, Segurança, Saúde no Trabalho e Qualidade (SIG-MASSQ), que tem como objetivo facilitar o processo e congregar todas as ações de maneira global, envolvendo empresa, empregados, terceiros, parceiros, meio ambiente, saúde, segurança e qualidade.

Ciente de que desenvolve aviões para as futuras gerações, a Embraer reitera o compromisso de manter um impecável desempenho ambiental, através da diminuição do impacto das atividades de fabricação, da participação em programas socioambientais e do foco na redução das emissões dos produtos, atingido por meio da eficiência de consumo de combustível, da otimização do projeto aerodinâmico, de novos materiais e avanços tecnológicos, além da participação em programas socioambientais.



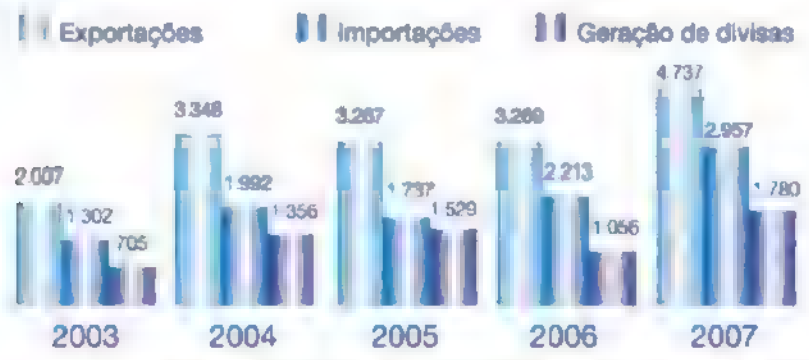


GERAÇÃO DE DIVISAS

Mais de US$ 11 bilhões de saldo desde a privatização

Em treze anos após a sua privatização, a Embraer exportou US$ 28,5 bilhões, contribuindo para o saldo da balança comercial do país em mais de US$ 11 bilhões. Isso significa riqueza efetivamente transferida para o país, fonte de recursos para a criação de novos produtos, geração de empregos e desenvolvimento econômico e bem-estar social.

US$ milhões

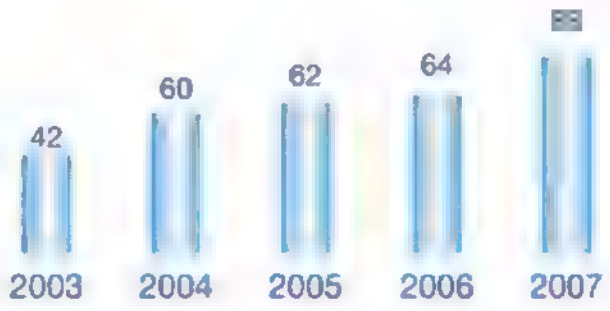


QUALIFICAÇÃO E TREINAMENTO

R$ 316 milhões investidos nos últimos cinco anos

O constante aperfeiçoamento de seu quadro de colaboradores constitui um dos pilares da ação empresarial da Embraer. Em 2007, superamos todos os recordes anteriores, investindo R$ 88 milhões e totalizando R$ 316 milhões investidos nos ultimos cinco anos

R$ milhões

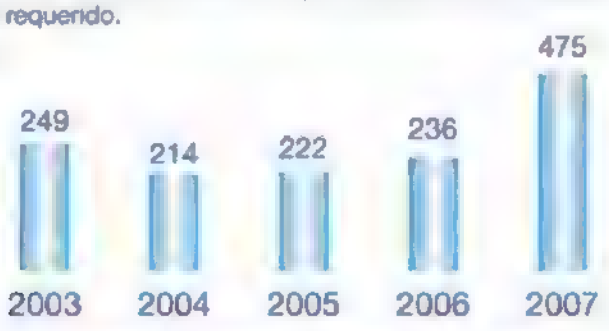


INVESTIMENTOS

Duplicados em 2007

De 1995 até a presente data, os investimentos da Embraer em novos produtos e na melhoria de processos totalizam cerca de US$ 2,2 bilhões. Em 2007 a Embraer aumentou em mais de 100% o valor alocado a investimentos, em relação a anos precedentes. A Embraer continuará investindo no lançamento de novos produtos e no aumento da sua presença nos segmentos em que atua, sempre com base em análises criteriosas de oportunidades de mercado e retorno do investimento requerido.

US$ milhões

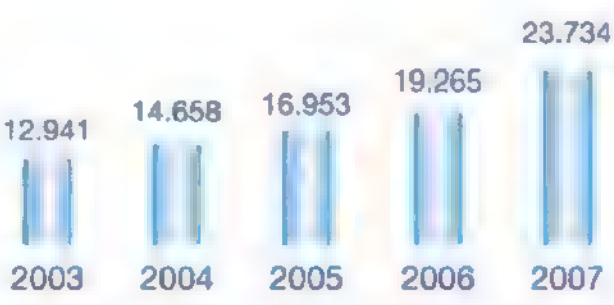


GERAÇÃO DE EMPREGOS

Mais de 20 mil novos empregos desde 1997

O quadro de empregados da Embraer tem crescido de forma ininterrupta desde 1997, ignorando as crises seguidas vividas pelo segmento aeronáutico. Somente em 2007 foram cerca de 4.500 novos empregos. Na Embraer, todos os empregados participam dos resultados. Essa parceria entre empregados, acionistas e a administração da empresa é uma das razões do sucesso da Embraer

Efetivo

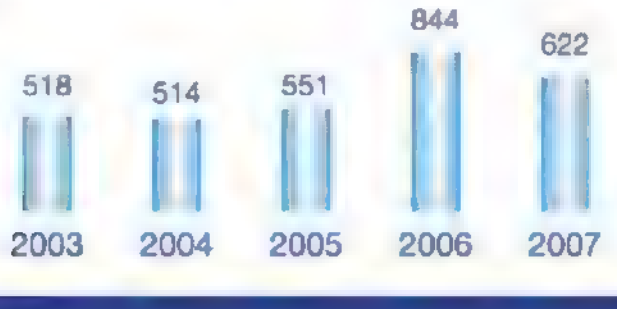


IMPOSTOS E CONTRIBUIÇÕES

R$ 3 bilhões nos últimos cinco anos

Além de criar riquezas e gerar empregos e divisas, a Embraer também contribui para o desenvolvimento do país com parcela significativa de impostos e encargos recolhidos aos cofres públicos. Esses recursos somaram cerca de R$ 3 bilhões nos últimos cinco anos

R$ milhões

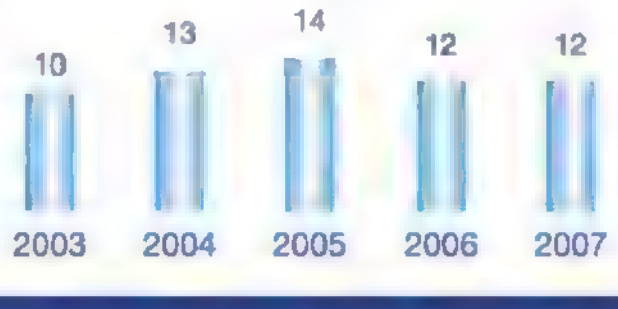


A AÇÃO SOCIAL DA EMBRAER

R$ 90 milhões investidos desde 2001

A Embraer desenvolve sua ação social por meio do Instituto Embraer de Educação e Pesquisa, criado em 2001, tendo investido cerca de R$ 90 milhões desde então. O seu principal projeto social, o Colégio Eng. Juarez Wanderley, para alunos do ensino médio, figura entre os de melhor desempenho em recente avaliação conduzida pelo Ministério da Educação.

R$ milhões



EMBRAER

www.embraer.com.br

Os arquipélagos artificiais de Dubai: a orla passou de 75 para 1 200 quilômetros

Cidades

ISCAS IMOBILIÁRIAS

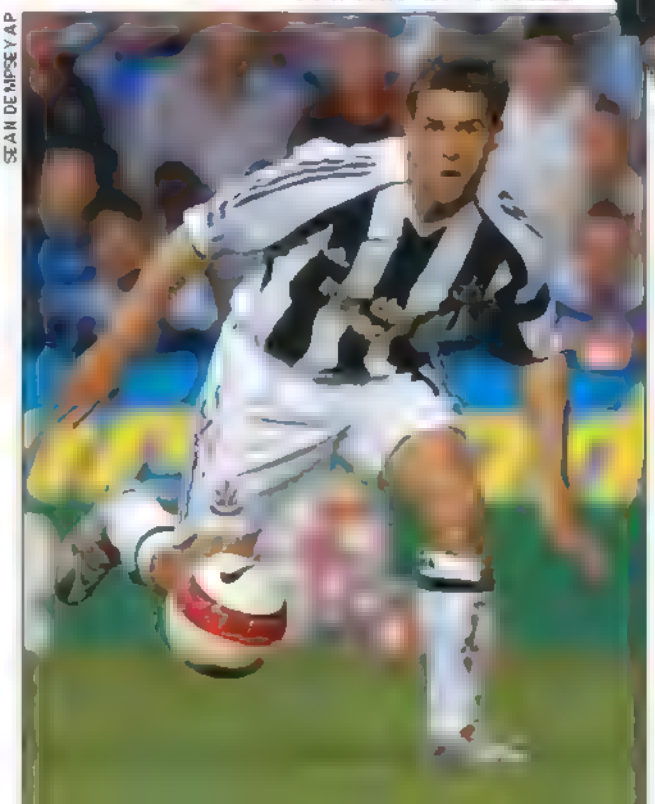
Em busca de compradores para seus condomínios extravagantes, Dubai presenteia famosos com ilhas artificiais

Julia Duailibi

Num piscar de olhos, Dubai, um pequeno emirado de solo desértico, tornou-se o epicentro dos maiores desvarios de que se tem notícia em matéria de condomínios residenciais. Ilhas artificiais em forma de palmeira, de mapa-múndi e até de sistema solar vão abrigar uma centena de resorts e hotéis de luxo, além de milhares de mansões. Há 45 bilhões de dólares investidos em projetos imobiliários em construção e outros 45 bilhões estão prestes a sair do papel. Isso num momento em que o mundo das finanças globais ainda tenta medir a extensão da crise imobiliária americana e seus reflexos internacionais. Para sorte do governo de Dubai e das construtoras envolvidas na incrível empreitada, a crise não chegou a essa que é uma das sete cidades-estado que formam os Emirados Árabes Unidos. Lá o preço dos imóveis ainda sobe, com uma demanda de 70 000 casas por ano contra uma oferta de apenas 56 000.

Por trás do mercado aquecido estão uma campanha publicitária avassaladora e uma estratégia de marketing curiosa: celebridades recebem de presente — ou a preço de banana — ilhas e mansões paradisíacas. Tudo para atrair compradores anônimos interessados em morar ou passar férias perto de gente famosa. O governo de Dubai já presen-

O casal Beckham e o atacante inglês Owen: desconto para atrair estrelas ao Oriente



SEAN DEMPSEY AP

TOBY MELVILLE REUTERS

www.nokia.com.br/musica

NOKIA

Uma promoção que é música para seus ouvidos. E, neste caso, é música mesmo.

Promoção Nokia TIM Music Store: ao comprar o seu celular da nova linha Nokia XpressMusic, você pode baixar grátis conteúdos na TIM Music Store. Para ter suas músicas preferidas, acesse o ícone da TIM Music Store no Nokia 5310 ou Nokia 5610 e clique no link da promoção. Todos os meses (até 15 de junho de 2008) você encontra novas músicas e wallpapers para baixar.

Nokia 5310 XpressMusic

- Design exclusivo ultrafino
- Tecla dedicada de música com acesso rápido para 2000 músicas*
- Câmera de 2MP

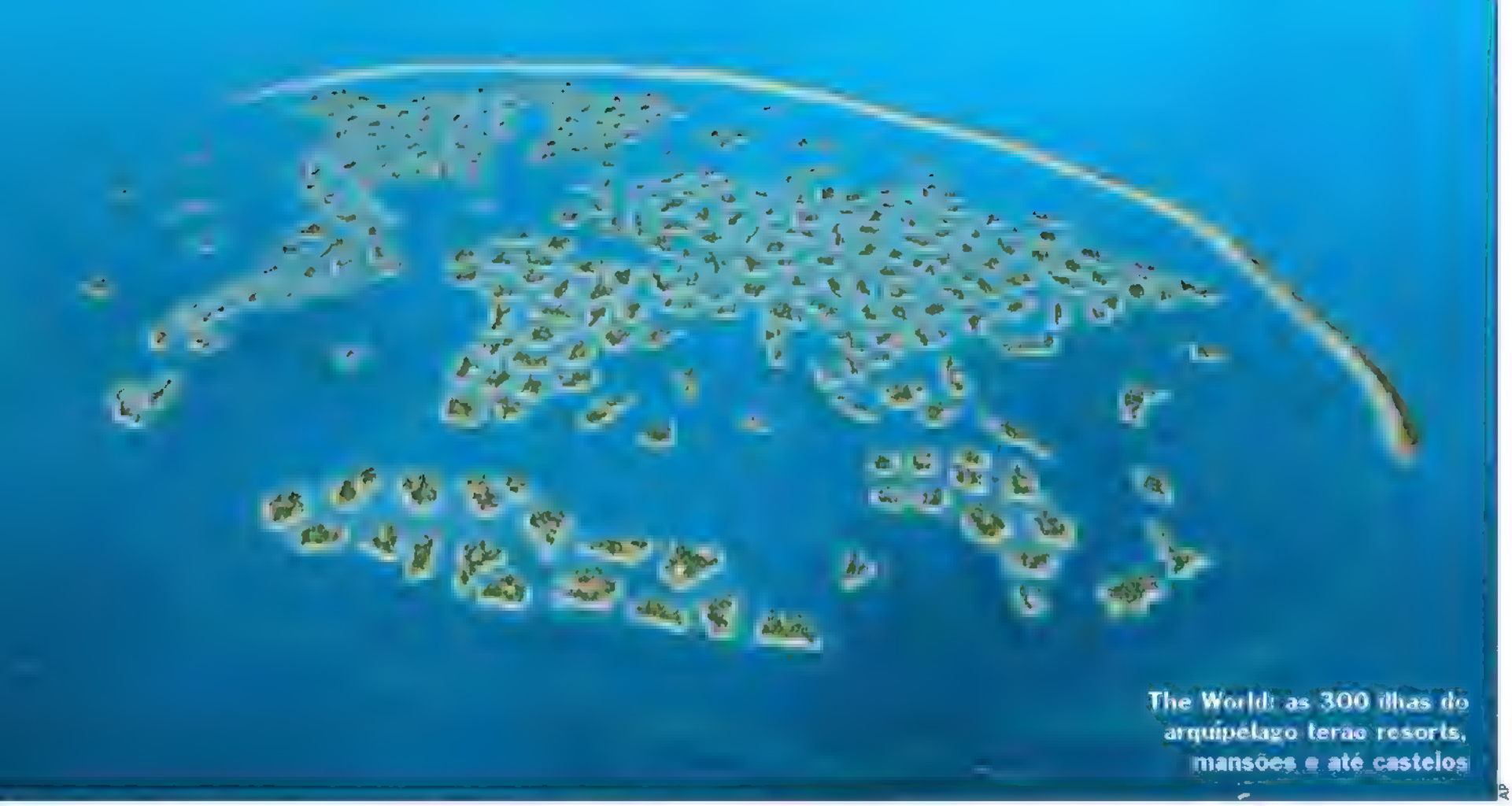
Aproveite:

Em março, Nação Zumbi, Pitty e Moyses Marques

TIM Music Store: o melhor da música direto no seu TIM.
Envie GRÁTIS a palavra MUSIC para 7667.

TIM
Viver sem fronteiras

www.timmusicstore.com.br



The World: as 300 ilhas do arquipélago terão resorts, mansões e até castelos

AP

teou Pelé e o ex-piloto de Fórmula 1 Michael Schumacher com ilhas artificiais. Outros dois que tiveram acesso facilitado ao reino de famosos de Dubai são o jogador de futebol David Beckham e sua mulher, Victoria. Bastou Beckham e a spice girl demonstrarem interesse em adquirir uma ilha no emirado que o próprio Mohammed bin Rashid Al Maktoum, o dadivoso xeque de Dubai, anunciou-lhes um enorme desconto. O cantor pop Rod Stewart, o empresário inglês Richard Branson e Michael Owen, atacante do English Team, como Beckham, também já ganharam endereço em Dubai. A presença dessa constelação de celebridades rende publicidade gratuita em jornais e revistas ao redor do mundo, mas realmente ajuda a vender casas e terrenos? "É claro que ajuda", diz a brasileira Cecília Reinaldo, diretora da High Society, uma das maiores imobiliárias do emirado. Com essa estratégia, diz ela, Dubai está virando uma espécie de Saint-Tropez alavancada pelos mais fantásticos empreendimentos mundiais — como a construção da Dubailand, uma Disneylândia duas vezes maior que a original, um hotel no fundo do mar e o arranha-céu mais alto do planeta — além, é claro, dos arquipélagos artificiais.

Desde que os emirados foram criados, em 1971, Dubai tem sido uma das regiões que mais crescem no mundo. De um lugar que vivia da pesca, passou pela descoberta de petróleo, em 1966, até chegar a paraíso do turismo, com 6 milhões de turistas por ano. Hoje o petróleo colabora com apenas 5% de seu PIB, estimado em 70 bilhões de dólares. Com a visão de Mohammed, a orla do pequeno país, que tinha apenas 75 quilômetros, saltou para 1200. Há seis anos, o príncipe alterou as regras locais, permitindo que estrangeiros comprassem terras em algumas regiões de Dubai. Antes disso, a lei só permitia a concessão por 99 anos. A mudança na legislação, aliada à isenção fiscal, atiçou o apetite dos investidores. "Ao que tudo indica, estamos vendo em Dubai o que ocorreu na Flórida há anos, mas numa magnitude ainda maior", disse Ricardo Yazbek, empresário do setor imobiliário, que liderou uma comitiva de quarenta pessoas do setor para conhecer o país.

Quando foi lançado o primeiro aterro em forma de palmeira, em 2002, 4000 casas e apartamentos foram vendidos em 72 horas. Desde então, os imóveis já se valorizaram 70%. Para os não famosos, uma ilha sai por até 60 milhões de dólares — só o terreno. Esse é o valor para adquirir um espaço exclusivo no arquipélago The World, cujas ilhas receberam o nome de sua localização no mapa. Curiosamente, podem-se comprar quatro ilhas "brasileiras" nesse arquipélago: Rio de Janeiro, São Paulo, Belém e Brasília. Alguém se interessa? ■

ELOY ALONSO REUTERS

Schumacher e seu presente: uma ilha avaliada em 7 milhões de dólares

JORGE FERRARI/EFE

Um futuro feliz é a gente que cria.

Novo Pão de Açúcar Indaiatuba.
O primeiro supermercado verde da América Latina.

Estações de Reciclagem, desde 2002. Sacolas Retornáveis e Recicláveis, desde 2004. Educação de Crianças para o Consumo Consciente, desde 1998. Incentivo ao Comércio de Produtos com Responsabilidade Socioambiental, desde 2002.

Uma causa do Grupo Pão de Açúcar.

Pão de Açúcar Lugar de gente feliz.

A Globo tem um "quê" que é só dela.
O "quê" da Globo é o "Q" de Qualidade.
Levar qualidade para você é nossa
motivação: a qualidade do talento brasileiro
a qualidade do nosso elenco, da nossa
credibilidade até a mais pura emoção.
E com esse comprometimento nos nossos
corações, defendendo liberdade de
expressão e respeitando opinião, estamos
sempre ligados em você e na sua família.
É qualidade dos dois lados da telinha.
Que nos inspira a trabalhar mais,
a inovar mais, a criar mais.
Para entregar na sua casa, por todo
o Brasil, aquela "Q" de Qualidade que
chama hoje e sempre vê se vê na Globo.

ualidade

A gente vê por aqui.

CARTOLA DO INÍCIO AO FIM

CARLOS NAMBA

Cartola em cena e uma pérola: a origem de *As Rosas Não Falam*

"Ele não tinha a menor idéia de que se podia vender um samba. Achava que era a mesma coisa que vender a dor, o amor, a saudade." Assim era Angenor de Oliveira, o Cartola (1908-1980), na descrição soberba do jornalista Sérgio Cabral, que conviveu com ele por mais de vinte anos. Cartola deixou uma das mais cultuadas obras da música brasileira. Clássicos como *Acontece*, *Divina Dama* e *O Mundo É um Moinho* o consagraram dono de um refinamento musical incomum. O mais completo levantamento já feito sobre esse trabalho está prestes a dar a real dimensão da obra do sambista. Trata-se de uma minuciosa pesquisa realizada pela produtora musical Nilcemar Nogueira, neta de Cartola. Ela catalogou todas as músicas do avô, num total de 187 composições — incluindo 63 letras inéditas —, e descobriu ainda outras 37 inacabadas. O material será transformado em livro, com previsão de lançamento para outubro, quando se comemora o centenário de nascimento do sambista.

Ex-presidente do Museu da Imagem e do Som (MIS) do Rio de Janeiro, Nilcemar começou a revirar textos, cartas e manuscritos em 2005, para uma tese de mestrado pela Fundação Getulio Vargas. Além de garimpar os documentos, que estavam na casa onde Cartola e dona Zica moraram na Mangueira, ela entrevistou parceiros do avô. Com isso, foi possível recuperar a melodia de dez músicas inéditas e conhecer muito do jeito de Cartola trabalhar. Há anotações de letras e poemas em papel timbrado do Ministério da Indústria e Comércio, onde ele trabalhou como contínuo, e em maços de cigarros, além de histórias da gênese de alguns clássicos, como *As Rosas Não Falam (veja reprodução)*.

Cartola passou boa parte da infância na Zona Sul do Rio de Janeiro, e aos 11 anos mudou-se com a família para o Morro da Mangueira. Foi um dos fundadores da escola de samba local, da qual escolheu as cores — verde e rosa. Nos anos 1940, desapareceu misteriosamente. Só seria redescoberto na década seguinte, fazendo bicos como lavador de carros e vigia noturno, pelo cronista Sérgio Porto. A trajetória incomum serviu para reforçar a aura de mito de um compositor cujo talento impressionava gente como Noel Rosa e Heitor Villa-Lobos.

"Ele se destacava porque, embora não tivesse estudo musical teórico, possuía uma inventividade musical assombrosa. Tinha soluções harmônicas muito sofisticadas, que não eram comuns no meio do samba", diz o produtor musical Nelson Motta. "Além disso, era um letrista brilhante, que criava imagens poéticas fortes, originais." O dono dessa rara combinação só não imaginava que poderia ganhar dinheiro com isso. Tanto que ficou espantado quando recebeu pela primeira vez uma proposta em dinheiro por um samba de sua autoria. ■

Ronaldo Soares

O FIM DA ODISSÉIA DE CLARKE

Em meados dos anos 40, o inglês Arthur C. Clarke foi convencido por seu advogado a não patentear uma idéia. Num artigo científico, ele defendeu que os objetos colocados em órbita a cerca de 35800 quilômetros da superfície terrestre se manteriam em posição estacionária, o que permitiria usá-los como retransmissores de dados de um ponto a outro do planeta. Embora seu advogado achasse aquilo um exercício fátuo de futurologia, Clarke acabava de lançar as bases de uma invenção revolucionária: os satélites de telecomunicação. Morto na última quarta-feira, aos 90 anos, Clarke foi um visionário. Autor de quase uma centena de livros, tornou-se conhecido do grande público graças às suas histórias de ficção científica. A mais famosa delas é *2001 — Uma Odisséia no Espaço* (1968), transformada em filme em parceria com o cineasta Stanley Kubrick, que soube preservar seus aspectos filosóficos. Em suas obras, Clarke aliou o rigor do estudioso — ele tinha formação em física e matemática — à imaginação livre do ficcionista. Descreveu robôs capazes de tomar decisões de forma autônoma, como o HAL 9000 de *2001*. Suas narrativas sobre viagens interplanetárias acabariam tendo impacto sobre as tecnologias de exploração espacial. Apesar da enorme influência como escritor, o próprio Clarke considerava o artigo em que enunciava a futura tecnologia dos satélites sua obra mais importante. A faixa em que eles gravitam recebeu o nome de "Órbita Clarke", em sua homenagem. Desde 1956, Clarke vivia na ex-colônia inglesa do Sri Lanka, onde praticava outra paixão, o mergulho (seqüelas da poliomielite o deixaram preso à cadeira de rodas e ele se dizia "80% operacional na água, contra 10% na terra"). Clarke morreu de insuficiência respiratória. ■

O cientista e escritor: ele criou *2001* e descobriu a "Órbita Clarke"

GEMUNU AMARASINGHE AP

Datas

DIVULGAÇÃO

Valentim Diniz: o fundador do Pão de Açúcar

Morreram: o empresário **Valentim dos Santos Diniz,** fundador do Grupo Pão de Açúcar. Nascido em uma pequena aldeia no norte de Portugal, emigrou para o Brasil em 1929, sozinho, aos 16 anos. Por quase uma década, trabalhou em um empório no centro de São Paulo. Em 1936, sua mulher, Floripes, ganhou na loteria. O casal usou o dinheiro do prêmio para abrir sua própria mercearia. Em 1959, Valentim apostou no conceito americano de auto-atendimento, que ainda era novidade no Brasil, e abriu seu primeiro supermercado. Foi um sucesso. Nos anos 70, o Pão de Açúcar tornou-se a maior rede de varejo do país. Vinte anos depois, uma disputa encarniçada entre seus filhos quase levou o grupo à bancarrota. A briga acabou com a vitória do primogênito, Abilio, que comprou as ações dos irmãos mais novos e expandiu ainda mais o império iniciado pelo pai. Até o fim da vida, Valentim manteve o cargo de presidente de honra do conselho da empresa. Dia 16, aos 94 anos, de falência de múltiplos órgãos, em São Paulo.

■ o diretor inglês **Anthony Minghella.** Dono de uma obra enxuta, mas muito elogiada, marcou sua carreira com *O Paciente Inglês*, o grande vencedor do Oscar de 1997. A produção levou nove estatuetas, incluindo a de melhor filme e a de melhor direção. Com a vitória, ficou clara a sua habilidade em produções de arte para grande consumo. Voltaria a ganhar as atenções do público e da crítica com *O Talentoso Ripley* (1999), *Cold Mountain* (2003) e *Invasão de Domicílio* (2006). Minghella não resistiu a complicações decorrentes de uma cirurgia para a retirada de um tumor na garganta. Dia 18, aos 54 anos, em Londres.

Começou: **a trabalhar, Silvio Pereira,** ex-secretário-geral do PT, Silvinho, como é conhecido, prestará 750 horas de trabalho comunitário para a prefeitura de São Paulo. Ele aceitou cumprir essa pena para escapar de um julgamento no processo criminal do mensalão. Há duas semanas, deveria estar atuando como bedel de garis, fiscalizando podas e desentupimento de bueiros. O ex-petista, que sonhava em mostrar seus dotes de cozinheiro, não gostou da tarefa que lhe deram e ameaçou romper o trato. Retornou ao batente quando foi informado de que poderia voltar a ser processado criminalmente. Dia 19, em São Paulo.

Revelou: **ter traído sua mulher por três anos o novo governador de Nova York, David Paterson.** Ele tomou posse na última segunda-feira. No dia seguinte, confessou a infidelidade para evitar um escândalo sexual como o que obrigou seu antecessor, Eliot Spitzer, a renunciar. A mulher de Paterson, Michelle, disse que não guarda ressentimento e que também já havia pulado a cerca. Segundo eles, são águas passadas. O casamento, agora, teria engrenado. Dia 18, em Nova York.

Quebrada: **a lápide do túmulo do presidente Tancredo Neves,** no cemitério da Igreja de São Francisco de Assis, em São João del-Rei. A polícia investiga se a destruição foi obra de vândalos ou de algum turista desastrado — e gordinho — que teria subido no túmulo para tirar fotos. Dia 18, em Minas Gerais.

Desapareceu: o sargento da Marinha **Laércio Olegário,** de 42 anos. Ele estava a serviço na Antártica, no navio oceanográfico *Ary Rongel*. Sumiu depois que a embarcação atravessou, em péssimas condições climáticas, a região da Ilha Rei George. As buscas se estenderam por toda a semana, sem sucesso. Dia 15, na Antártica. ■

KEITH BEDFORD/REUTERS

Paterson e Michelle: infiéis

EVERETT COLLECTION/GRUPO KEYSTONE

Minghella: sucesso com filmes de arte feitos para o grande público

Empreender No Brasil

Seminário Riscos e Oportunidades de Empreender no Brasil

Inscrições gratuitas pelo site www.empreendernobrasil.com.br

PÚBLICO ALVO: Empresários, Profissionais Liberais, Universitários, Administradores, Advogados, Contadores, Entidades de Classe.

OBJETIVOS: Apresentação dos fatores essenciais para abertura, desenvolvimento e perpetuação de negócios com abordagem de aspectos mercadológicos, legais, gestão empresarial, acesso a fontes de financiamento, acesso às novas tecnologias, interfaces das políticas públicas e empreendedorismo, redes de produção via processo de terceirização.

Realização de debates propositivos tendo por foco a redução dos óbices, custos e riscos de empreender no Brasil – o avanço da informalidade, a alta carga tributária e contributiva, a exação e arbítrio fiscal, a legislação complexa, instável e multiforme, os entraves burocráticos, fiscais e administrativos, a insegurança jurídica.

PALESTRANTES: Carlos Sardenberg • Everardo Maciel • Ives Gandra Martins • José Luiz Tejon • José Pastore • Leslie Amendolara • Luis Flávio Borges D'Úrso • Luiz Carlos Robortella • Márcio Tadeu Guimarães • Mauro da Cunha • Sacha Calmon • Tales Andreassi • Wagner Balera

DATA E LOCAL
24 e 25 de março de 2008 – 9h às 18h
Auditório da FGV/SP
Av. Nove de Julho, 2029, Bela Vista
São Paulo – SP

TELEFONES
FGV/SP 11-3281-7994 – Mariana
OAB/SP 11-3291-8000 – Santamaria

Apoio

Realização

COMO ALGUÉM É CAPAZ DE FAZER ISSO?

Cárcere e tortura de menina em Goiânia tiveram pelo menos dois precedentes

Juliana Linhares

Quando a agente policial de Goiânia Jussara Assis entrou no apartamento de Sílvia Calabresi Lima, de 41 anos, deparou com a menina L., de 12 anos, amarrada na área de serviço. A menina tinha os dois braços erguidos e acorrentados a uma escada de ferro. Seus pés mal tocavam o chão, a boca estava tampada por uma gaze embebida em pimenta e oito dos dedos das mãos estavam quebrados — a maioria havia tido as unhas arrancadas. "Comecei a tremer tanto que tive dificuldade em desamarrá-la", disse a policial. Adotada informalmente por Sílvia, L. morava havia dois anos com ela numa cobertura dúplex de 200 metros quadrados, em um dos bairros mais caros da cidade. Nesse período, conforme relatou à polícia, foi sistematicamente torturada pela mulher: teve o corpo queimado a ferro quente, dedos esmagados em dobradiças de portas e dentes quebrados a marteladas, entre outros suplícios. Sílvia — ela própria adotada (teria ficado órfã quando criança) — foi presa em flagrante. Ela vivia com o marido, que é engenheiro, dois dos três filhos do casal (de 20 e 3 anos de idade), a mãe adotiva e a empregada Vanice Novais, de 23 anos. Vanice também foi presa sob acusação de participar das torturas. Os demais membros da família serão indiciados por crime de omissão em caso de tortura.

À sucessão de horrores que os investigadores descobriram a partir da prisão de Sílvia, seguiu-se uma revelação: L. não foi a única vítima da mulher. Sílvia, segundo testemunhas, torturou e manteve encarceradas pelo menos outras duas meninas — entre elas C., hoje com 11 anos, cuja família prestou queixa de maus-tratos contra Sílvia há seis anos, em um processo que não foi adiante por falta de provas.

Sílvia, diz a polícia, atuava com método. L. e as outras meninas que disseram ter sido torturadas por ela têm perfil parecido e contam histórias praticamente idênticas. Todas nasceram em famílias pobres e a conheceram por meio de pessoas que trabalhavam para ela: L. é sobrinha de uma ex-empregada de Sílvia. C. é filha de uma manicure de um salão de beleza que Sílvia freqüentava. Ambas dizem que, no começo, a mulher mostrava-se simpática e as convidava para ir à sua casa e visitar o sítio da família. Depois de ganhar a confiança das crianças, pedia a seus pais que as deixassem morar com ela, alegando que tinha três filhos homens e sentia falta de uma menina. Para L., cujo sonho é ser policial, Sílvia prometeu matrícula na Escola Militar de Goiânia (onde a menina estudou apenas por seis meses). Também comprou-lhe um par de patins (que a criança nunca foi autorizada a usar).

FOTOS MANTEVANI FERNANDES/O POPULAR

Sílvia Calabresi, acusada de torturar L., e uma das mãos da menina: suplício

Uma vez na casa de Sílvia, as meninas passavam a ser submetidas a todo tipo de violência — que, no caso de L., incluía ser obrigada a ingerir fezes de animais. Os pretextos eram os mais diversos. "L. contou que o que mais despertava a ira de Sílvia era quando ela chorava, pedia comida ou dizia querer falar com os pais", diz a delegada responsável pelo caso, Adriana Accorsi. A menina C. voltou para a casa da mãe depois que, na escola, professores notaram marcas de tortura em seu corpo e avisaram a polícia. L. foi libertada graças a uma denúncia anônima. Para a delegada, Sílvia apresenta sinais claros de psicopatia: "Ela é sádica, sente prazer em machucar meninas e em momento nenhum demonstrou arrependimento pelo que fez", avalia a delegada. É da matéria de que são produzidos os monstros. ■

Água. Principal fonte de energia de Furnas.
Furnas, o Brasil conta com essa força.

www.furnas.com.br

Nós não só preservamos a água como também
a transformamos em energia e qualidade de vida.

FURNAS
CENTRAIS ELÉTRICAS SA

Eletrobrás

Ministério de
Minas e Energia

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

Estréia com emoção e expressão

Às vésperas de encerrar seu reinado (o concurso é no dia 13 de abril), a miss Brasil, **NATÁLIA GUIMARÃES,** 23 anos, dá um passo expressivo na direção de nova carreira: é Maria Madalena (a de amarelo, em sofrido enlevo) na Paixão de Cristo encenada em Nova Jerusalém, em Pernambuco, ao lado de Thiago Lacerda (Jesus) e colegas menos conhecidos. "Tive os dois dias para ensaiar, mas tudo bem: minha parte é mais emoção e expressão corporal. A voz, gravamos em janeiro e agora só dublamos", explica. Dois governadores, Eduardo Campos (Pernambuco) e José Serra (São Paulo), estiveram na estréia. Mineiramente, Natália diz que não sabe se outros irão.

ALEXANDRE SEVEROJC IMAGEM

CAROLYN DJANGOLY/DIVULGAÇÃO

A vingança numa jarra d'água

■ Ela exigia 125 milhões de libras. Ele oferecia 15 milhões. No fim, o juiz Hugh Bennett, encerrando uma briga que se arrastou por dois anos, estipulou em 23,3 milhões de libras (84 milhões de reais) a quantia que **HEATHER MILLS,** 40, ex-modelo, ativista de causas humanitárias, receberá com o divórcio de **PAUL MCCARTNEY,** 65, com quem tem uma filha de 4 anos. Na sentença de 58 páginas, Bennett espelhou fielmente a opinião popular de que ela é uma bruxa e ele, um sofredor. Alguns trechos:

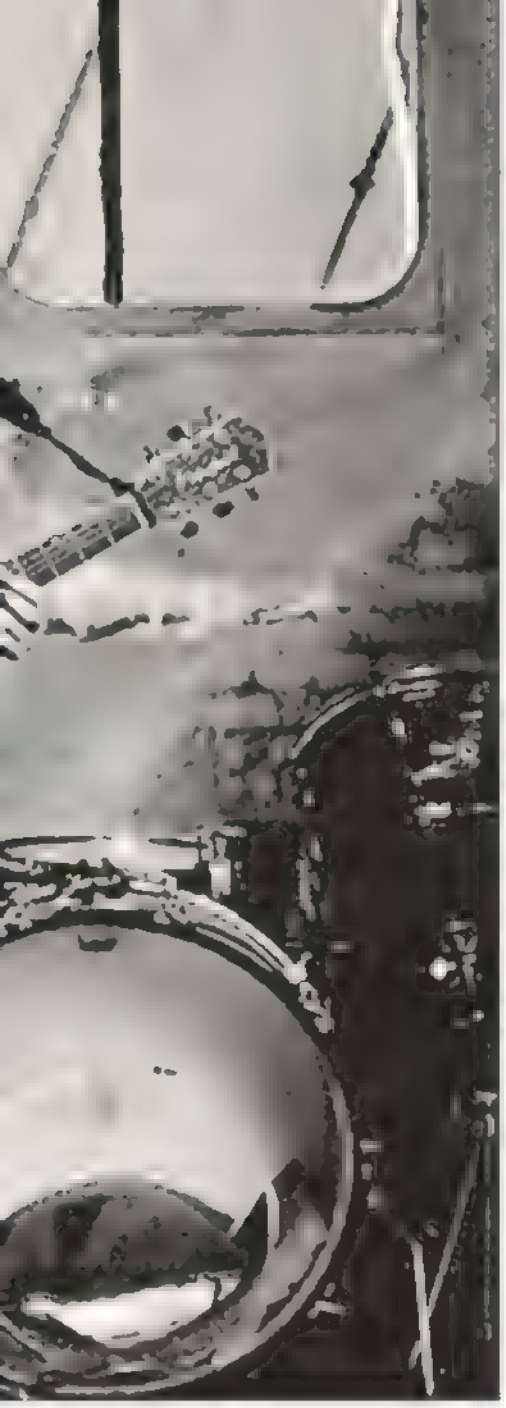
■ "O marido foi consistente, preciso e honesto. Infelizmente, não posso dizer o mesmo da esposa."

■ "A esposa ficou deslumbrada com a fama do marido. Isso deve ter distorcido sua percepção, levando-a a criar fantasias."

■ "Suas declarações de imposto de renda não registram nenhuma doação a órgãos beneficentes."

■ "Ela é sua pior inimiga. Tem temperamento explosivo e volátil."

Isso tem, e prova: no tribunal, ao saber quanto levaria, Heather levantou-se ("Calmíssima", assegura), caminhou até a advogada de sir Paul, **FIONA SHACKLETON,** e derramou um jarro de água no penteado dela. Por sinal, atroz; ficou bem melhor depois.



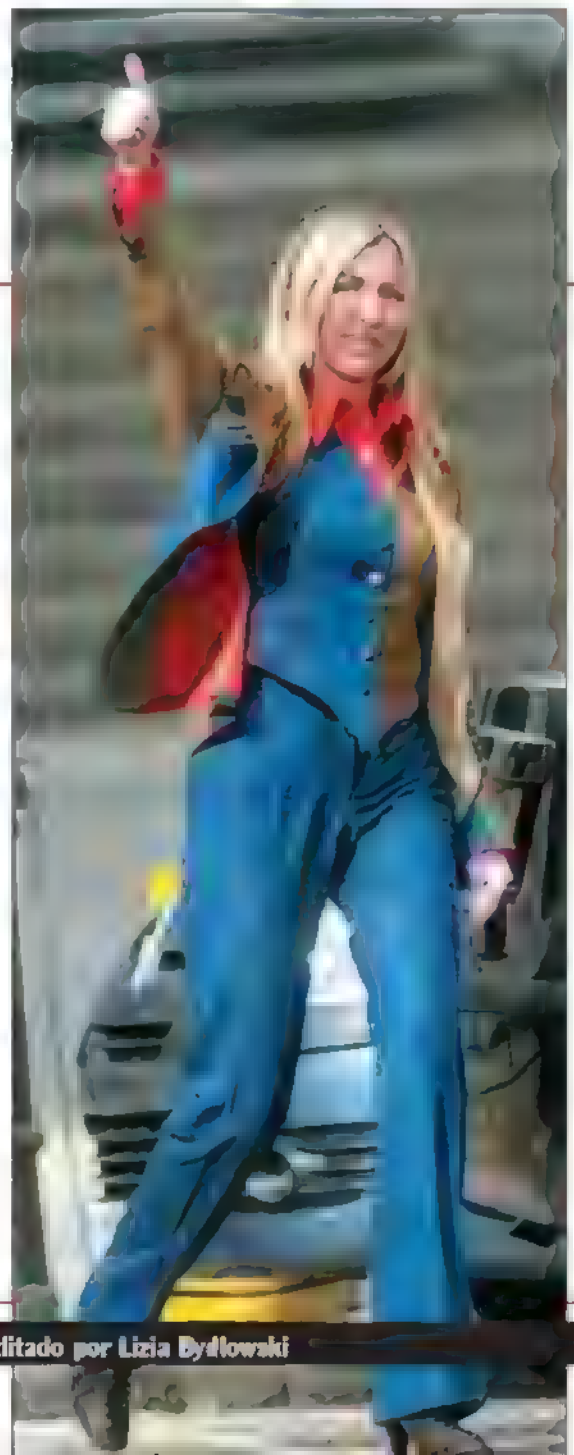
Calma: é só uma campanha do bem

STEVE FENN REUTERS

■ Quando resolve mostrar que é moça responsável, a cantora inglesa (drogas, bebida, marido encarcerado) **AMY WINEHOUSE,** 24 anos, não titubeia: tira a roupa. A foto, impressa na edição de abril da revista *Easy Living*, faz parte de uma campanha contra o câncer de mama dirigida a mulheres jovens. "Acho importante as pessoas perceberem que o câncer não ataca só os mais velhos", diz Amy, toda ajuizada. Feita a boa ação, ela agora avalia o convite para cantar (cachê estimado: 1 milhão de dólares) na noite de gala do Museu Metropolitan de Nova York, festa de milionários e celebridades patrocinada neste ano por George Clooney e Julia Roberts. Deve aceitar — se conseguir visto de entrada nos Estados Unidos.

DAN KITWOOD/GETTY IMAGES

FOTOS THE GROSBY GROUP



Conselhos de especialista

■ Muito pouco à vontade, mas decidido a dar o melhor de si: assim **WARREN BUFFETT,** 77 anos, o homem mais rico do mundo, aparece fazendo uma ponta em *All My Children*, um dos intermináveis (há 38 anos no ar) novelões cheios de dramas e traições que a TV americana exibe à tarde. No capítulo que vai ao ar em maio, Buffett, na vida real um velho amigo da produtora do programa, dá conselhos a Erica (Susan Lucci), que é boazinha mas está presa — daí o macacão laranja — por ter se envolvido em uma fraude financeira. A certa altura, pede licença e vai atender uma ligação de Bill Gates. Não há menção aos recentes tropeços da bolsa de valores.

Editado por Lizia Bydlowski

Colaborou Sandra Brasil

SOB O PONTO DE VISTA DE QUEM
ADORA ESTAR AO AR LIVRE: 2 CAMPOS DE GOLFE*,
CAMPOS DE PÓLO E CENTRO EQÜESTRE.

** O primeiro Championship Golf Course da América do Sul assinado por Arnold Palmer.*

SOB O PONTO DE VISTA DA HARMONIA: RESIDÊNCIAS ASSINADAS POR ALGUNS DOS MELHORES ARQUITETOS DO BRASIL.

Residência de 806,75 m² com o charme de Marcos Tomanik. Entrega: abril de 2009.

Residência de 875,18 m² com a elegância de Marcos Tomanik. Entrega: março de 2009.

Residência de 718,80 m² com a discrição de Márcio Kogan. Entrega: maio de 2009.

KM 102,5 DA RODOVIA CASTELLO BRANCO.

Fazenda Boa Vista

JHSF

www.jhsf.com.br

COELHO DA FONSECA

Prime Brokers

(11) 3889-8300

Incomparável sob todos os pontos de vista.

Lotamento Fazenda Boa Vista - Registro de Imóveis de Porto Feliz - SP. Matrícula 14.516 - Loteamento registrado em R 09 de 16/10/2007.

Especial

AMAZÔ

A VERDADE SOBRE A SAÚD

DEPOIS DA QUEIMADA
Território é preparado para receber pasto em São Félix do Xingu, no Pará: a floresta já perdeu 17% da cobertura original

ALBERTO CESAR ARAUJO/GREENPEACE

Leonardo Coutinho
e José Edward

As notícias sobre a Amazônia que chegam aos olhos e ouvidos dos brasileiros são, por natureza, fragmentadas e muitas vezes contraditórias. Ora se dá conta de que a selva tropical brasileira nunca esteve tão protegida. Ora soam os clarins do apocalipse e anuncia-se a morte iminente da maior reserva de água doce, plantas e animais do planeta. Onde está a verdade? A reportagem de VEJA que começa aqui tenta responder a essa indagação. A questão é mesmo complexa e multifacetada, mas esperamos que o leitor saia destas 22 páginas com um conhecimento bem mais objetivo da Amazônia.

A reportagem foi dividida em seis capítulos e se apóia em um conjunto de gráficos extraordinários produzidos pela equipe da editora Andreia Caires. Há um resumo possível de tudo o que se vai ler? Sim. Existem hoje leis, saber científico e vigilância remota suficientes para permitir a ocupação econômica da Amazônia sem alterar substancialmente seu metabolismo — mas para isso é vital que as leis sejam cumpridas, a ciência aplicada e a vigilância por satélites complementada com extensiva ação policial punitiva aos desmatadores.

Os capítulos:

1 Por que preservar a Amazônia

2 O grau de desmatamento

3 O boi, a soja e a madeira

4 As leis e suas conseqüências

5 A ameaça do homem

6 Propostas para o futuro

1 Por que preservar a Amazônia

O SENSO COMUM: a Floresta Amazônica é o pulmão do planeta. Se ela desaparecer, o aquecimento global vai se acelerar de forma dramática.
A VERDADE: as pesquisas mais recentes mostram que o efeito mais visível do desaparecimento da Amazônia seria o desequilíbrio das chuvas no mundo.

Basta listar algumas das características da Floresta Amazônica para concluir que sua extinção seria uma tragédia para a humanidade. Maior floresta tropical do mundo, ela abriga 15% de todas as espécies de plantas e animais conhecidas no planeta. Só de peixes são 3 000 tipos. Na Amazônia encontram-se duas vezes mais espécies de aves do que nos Estados Unidos e no Canadá. Apesar dos números superlativos, calcula-se que apenas um décimo da biodiversidade da região tenha sido estudado. O motivo é que a maioria das coletas que buscam novas espécies se concentra nas regiões próximas aos centros urbanos e às margens dos rios. Não se sabe ao certo em que medida o desaparecimento desse extraordinário bioma afetaria o aquecimento global. Mas estudos recentes mostram que o sumiço da floresta alteraria a precipitação das chuvas em várias regiões do globo, entre elas a Bacia do Prata, a Califórnia, o sul dos Estados Unidos, o México e o Oriente Médio, causando perturbações imprevisíveis à agricultura dessas regiões. No Brasil não seria diferente. Por meio da evaporação, a Amazônia produz um volume de vapor d'água que responde pela formação de 60% da chuva que cai sobre as regiões Norte, Centro-Oeste, Sudeste e Sul do Brasil. A diminuição da chuva teria um impacto direto sobre a produtividade agrícola em estados como Mato Grosso, Goiás e São Paulo. Os rios que abastecem o reservatório da Hidrelétrica de Itaipu teriam sua vazão sensivelmente diminuída, causando um colapso energético no país.

Na semana passada, o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) revelou os números do desmatamento na Amazônia em fevereiro, medido por seus satélites. Como já ocorrera no fim do ano passado e no mês de janeiro, o índice mostra a devastação em alta. No mês passado foram cortados 725 quilômetros quadrados de mata, contra os 266 quilômetros quadrados do último índice disponível para um mês de fevereiro, o de 2005. A escalada no desmatamento é notícia que mexe com o brio dos brasileiros. Equivale à derrota do país numa competição esportiva no exterior. Afinal, a Amazônia é um patrimônio nacional a ser preservado.

Empurrado para a ilegalidade

O paranaense Reginaldo Greczyszn, de 42 anos, é um dos agricultores sulistas que migraram às centenas para Mato Grosso, substituindo a floresta por lavouras e pastos. Atualmente, ele planta 2400 hectares de soja e arroz em Querência, a 800 quilômetros de Cuiabá. Como sua fazenda está irregular, pois já desmatou além dos 20% permitidos pela legislação, o agricultor corre o risco de ter problemas para vender a safra que colherá neste ano e pode perder o acesso ao crédito rural. "O governo incentivou todo mundo a desmatar e agora está nos empurrando para a ilegalidade", reclama.

FERNANDA PRETO

A FARRA DA MADEIRA Madeireira em Tailândia, no Pará: o comércio na região foi suspenso neste ano pela Operação Arco de Fogo, da Polícia Federal

ANTONIO MILENA

O AVANÇO DAS MOTOSSERRAS SOBRE A FLORESTA

O mapa ao lado, preparado pelo Inpe com base em imagens feitas por satélites, mostra o estágio atual do desmatamento na Amazônia. Nos últimos vinte anos, a floresta perdeu uma área maior que a da Itália

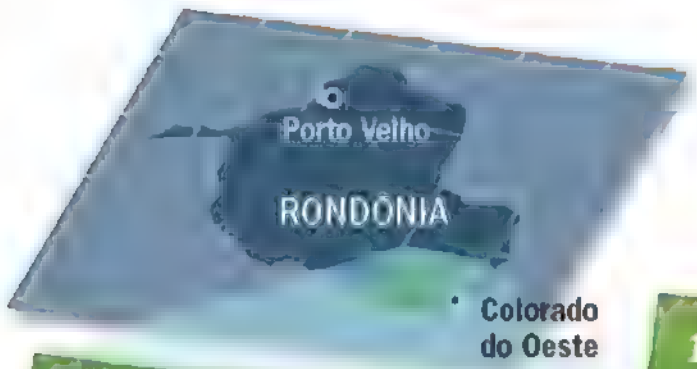
Se a Amazônia fosse do tamanho destas duas páginas, o total do desmatamento nas duas últimas décadas, 356 500 quilômetros quadrados, seria igual a este retângulo vermelho...

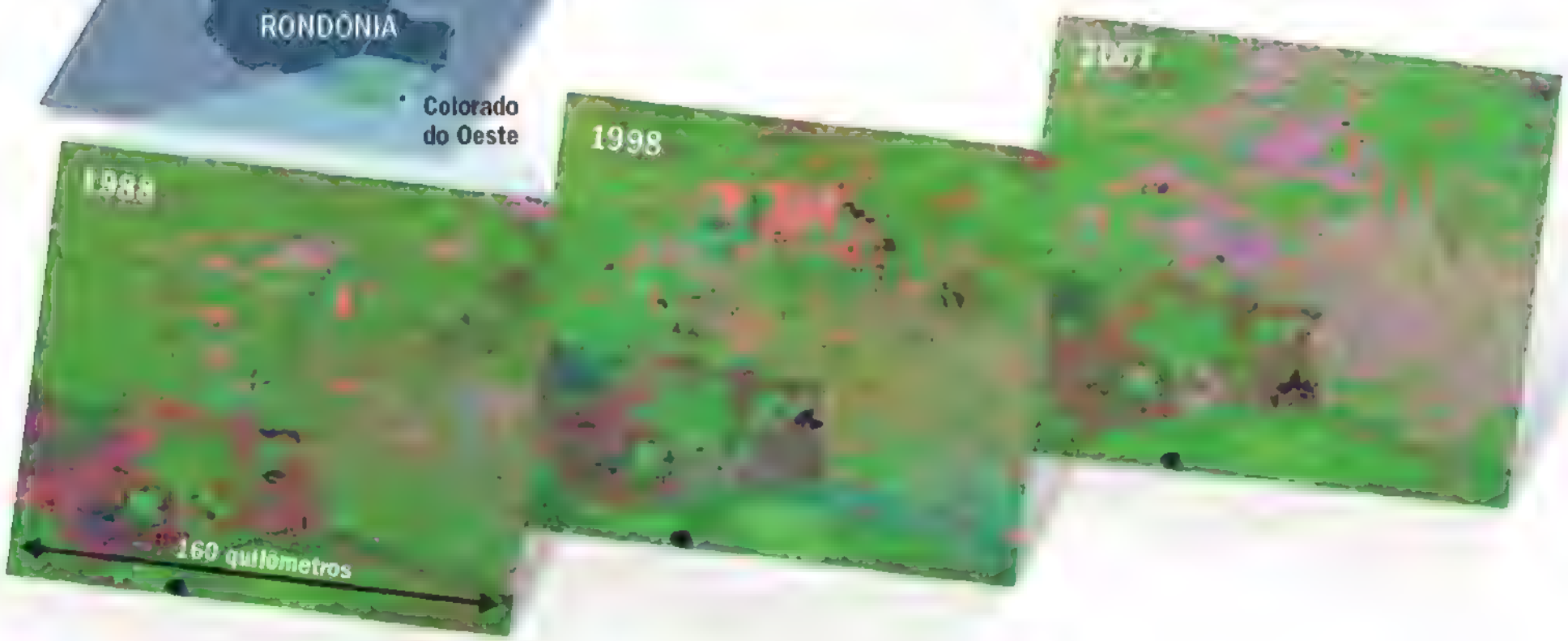
...e o total desmatado nos últimos 45 anos, quase 700 000 quilômetros quadrados, corresponderia a este retângulo laranja

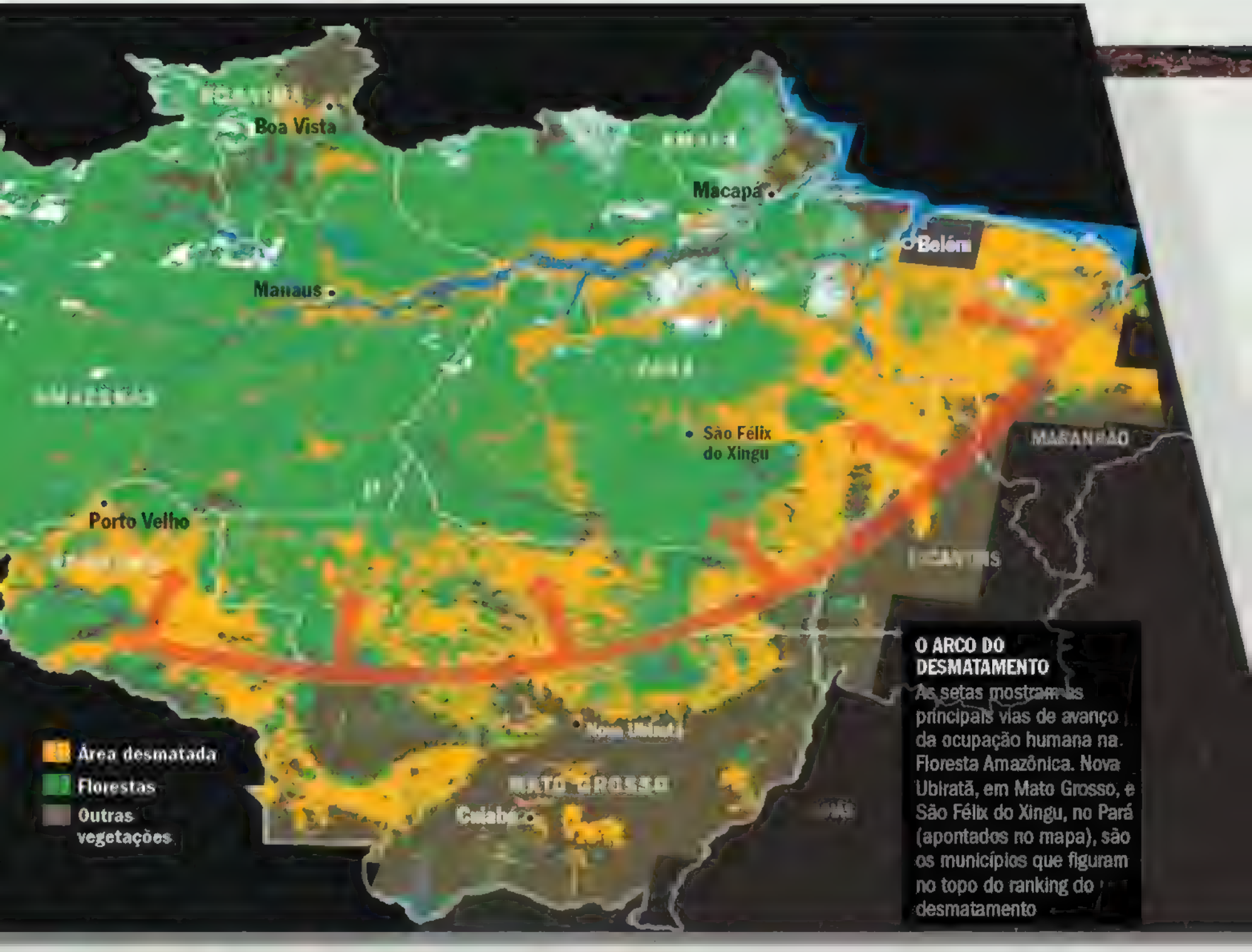
Rio Branco

A MANCHA DA DEVASTAÇÃO

As três fotos abaixo, feitas por satélite, registram o desmatamento (áreas em tons de vermelho) ocorrido em duas decadas na região de Colorado do Oeste, em Rondônia







O ARCO DO DESMATAMENTO
As setas mostram as principais vias de avanço da ocupação humana na Floresta Amazônica. Nova Ubiratã, em Mato Grosso, e São Félix do Xingu, no Pará (apontados no mapa), são os municípios que figuram no topo do ranking do desmatamento

OS CENÁRIOS PARA A AMAZÔNIA DAQUI A CINQÜENTA ANOS

Já se derrubaram 17% das matas. O futuro da floresta depende de quanto ainda vai se desmatar

OTIMISTA

Projeção de desmatamento
20%

Um grupo de organizações ambientalistas brasileiras elaborou um projeto para reduzir o desmatamento a zero, em sete anos. O custo seria de 1 bilhão de reais por ano. O dinheiro serviria para indenizar os proprietários de terras, que deixariam de desmatar

Grau de probabilidade

REALISTA

Projeção de desmatamento
27%

O governo precisa colocar em prática um programa que faça funcionar as unidades de conservação, impeça o assentamento de sem-terra e puna quem desmate além do permitido. Seria necessário investir em reflorestamento e recuperação de áreas degradadas

Grau de probabilidade

PESSIMISTA

Projeção de desmatamento
40%

Mantido o ritmo atual de desmatamento, estima-se que, em cinquenta anos, 40% da Amazônia tenha sido consumida pelas motosserras e correntões. Esse cenário se confirmará se continuarem na região a desordem fundiária e a impunidade dos infratores

Grau de probabilidade

CATASTRÓFICO

Projeção de desmatamento
mais de 40%

A partir desse patamar, haveria a redução do volume de chuvas e a vegetação entraria em colapso. A floresta tomaria feições de cerrado. As estimativas levam em conta apenas a ação humana. Em cenários de secas ou de El Niño, os riscos seriam potencializados

Grau de probabilidade

VIGILÂNCIA 10...

O Brasil dispõe da mais moderna técnica de vigilância por satélite para detectar e medir o desmatamento na Amazônia. São dois sistemas, Prodes e Deter, ambos gerenciados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe)

Landsat

Cbers

Prodes (Programa de Cálculo do Desflorestamento da Amazônia)

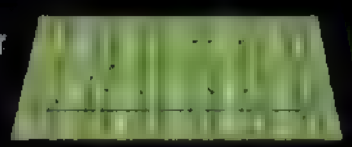
Produz as imagens mais precisas usadas no cálculo da taxa anual de desmatamento. Toma como referência os dados colhidos em agosto, período de seca

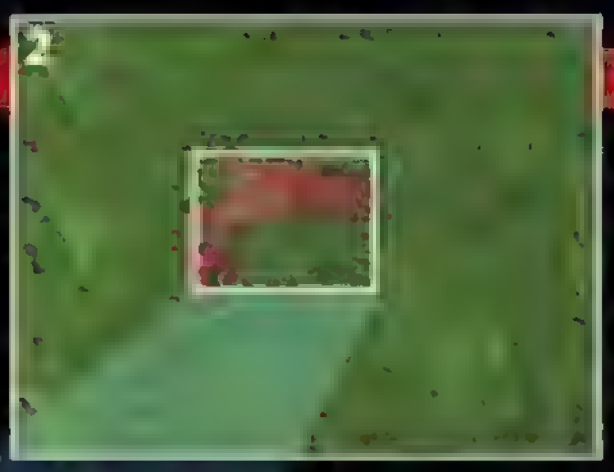
Precisão
Detecta áreas desmatadas maiores que 6,5 hectares, o equivalente a oito campos de futebol

Deter (Detecção de Desmatamento em Tempo Real)

É o sistema de alerta que funciona o ano inteiro. A cada quinze dias, envia ao Ibama um relatório das áreas desmatadas que detectou

Precisão
Detecta desmatamentos a partir de 25 hectares, o equivalente a trinta campos de futebol





O sistema em ação

1. Agosto de 2003
O satélite Landsat, do Prodes, fotografa uma área de mata ainda intocada em Altamira, no Pará

2. Junho de 2004
O Deter capta a mesma área, já com evidências de desmatamento

3 e 4. Agosto de 2004
O avião do Ibama sobrevoa a área indicada pelo Deter e vai direto ao ponto de devastação

FISCALIZAÇÃO ZERO

Os dados que os satélites produzem, porém, de pouco servem para reprimir os desmatamentos ilegais. Eis os motivos:

FOTO MARCOS VAILLANT/AGAZETA

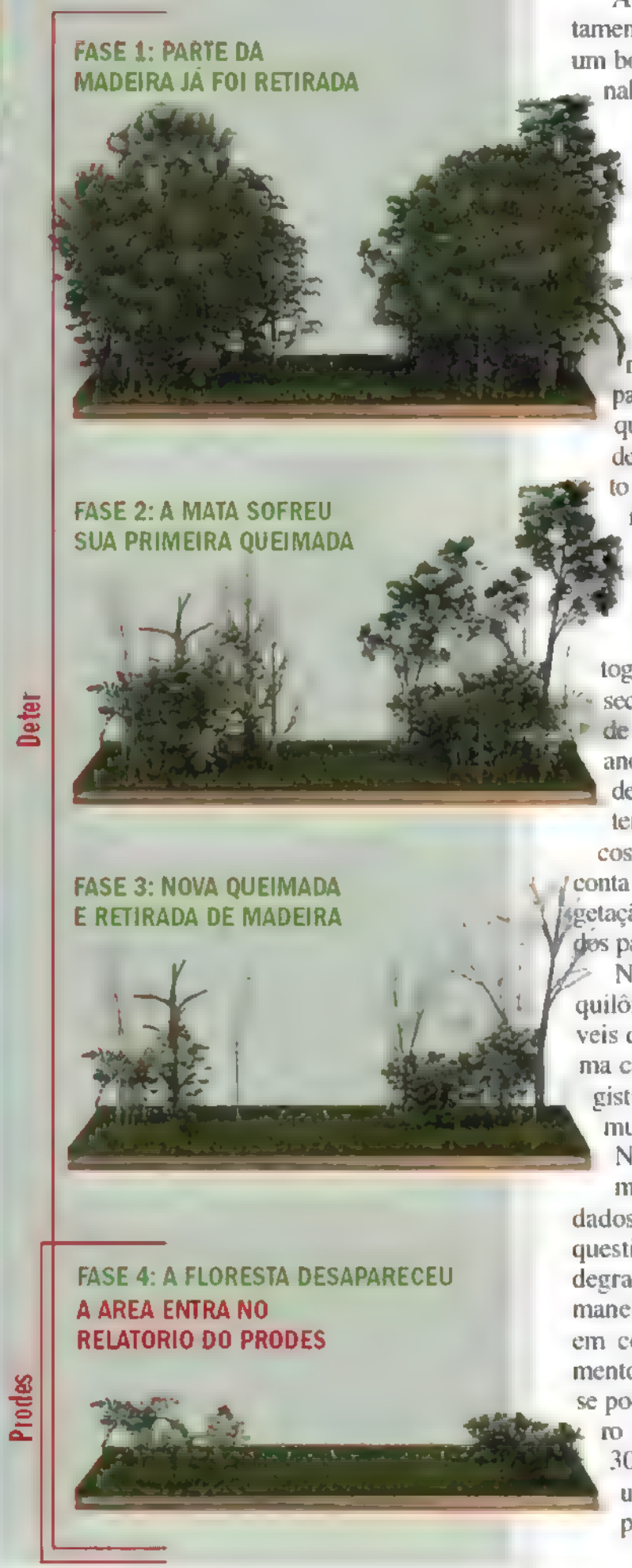
- O Ibama conta com apenas **644 fiscais** em toda a Amazônia (no estado de São Paulo são 2000) e **4 helicópteros**
- Em 2005 e 2006, o orçamento do Ibama para fiscalização acabou em agosto, mês em que mais se desmata na região. Em 2007, ele só foi além de agosto porque os funcionários do órgão ficaram 65 dias em greve
- Quando o satélite enxerga o desmatamento ou o fiscal encontra uma área devastada no meio da mata, na maioria das vezes não se consegue responsabilizar o desmatador por ser impossível saber de quem é a área

Como o Inpe chegou à conclusão de que o desmatamento aumentou

Devido à menor resolução de imagem e por operar também em períodos de chuva, o Deter registra apenas entre **40%** e **60%** do que aparece no Prodes. Ao estimar a devastação entre agosto e dezembro do ano passado em **7000 quilômetros quadrados**, o Inpe considerou o desmatamento medido pelo Deter — **3235 quilômetros quadrados** — e o extrapolou para a medição do Prodes. Este primeiro enxerga metade do que registra o segundo. Conclui-se que a devastação real foi o dobro daquela medida pelo Deter.

DEGRADAÇÃO PROGRESSIVA

O sistema de alerta do Deter acompanha o processo de desmatamento. Mas a área afetada só é computada pelo Prodes (e entra na conta oficial do desmatamento) ao atingir a fase final de devastação



2 O grau de desmatamento

O SENSO COMUM: o governo garantiu que o desmatamento está sob controle. **A VERDADE:** o desmatamento aumentou seu ritmo em 30% nos últimos meses.

A celeuma sobre o aumento do desmatamento na Amazônia foi fomentada por um boletim de janeiro do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), que estimou o sumiço de 7000 quilômetros quadrados de Floresta Amazônica entre agosto e dezembro de 2007. O anúncio causou consternação no governo federal, que vinha alardeando a queda do desmatamento nos últimos três anos. Por sua vez, o governador de Mato Grosso, Blairo Maggi, mandou realizar estudos para desmentir a afirmação segundo a qual seu estado foi aquele que mais desmatou. O sistema de monitoramento por satélite da Amazônia é uma referência internacional de qualidade — mas, nesse caso, havia bons argumentos para contestação. O Inpe utiliza dois sistemas, o Prodes e o Deter. O primeiro, mais acurado, fotografa a região durante o período de seca, que termina em setembro, e serve de base para a comparação entre um ano e outro. Só registra áreas já limpas de floresta. O Deter opera o ano todo e tem a função de alertar sobre novos focos de desmatamento. Por isso leva em conta as várias fases de degradação da vegetação. Eram desse sistema os dados usados para dar o alerta em janeiro.

Na verdade, o Deter detectou 3235 quilômetros quadrados em diferentes níveis de desmatamento. Como esse sistema capta entre 40% e 60% do que é registrado pelo Prodes, os pesquisadores multiplicaram o resultado por dois. Não se trata de um número fechado, mas de uma projeção estatística dos dados obtidos pelos satélites. Quem questiona o alerta diz que muitas áreas degradadas podem permanecer dessa maneira por anos, sem nunca ser levadas em conta no índice anual do desmatamento. Isso não muda a situação. O que se pode dizer com certeza é que o número de alertas do Deter subiu quase 30% nos últimos meses. Só existe uma tradução possível: a atividade predatória aumentou na Amazônia.

A QUEM PERTENCE A AMAZÔNIA

43% Reservas ambientais e indígenas, em parte ocupadas por posseiros

21% Terras do estado (fora das reservas)

4% Propriedades privadas com registro válido

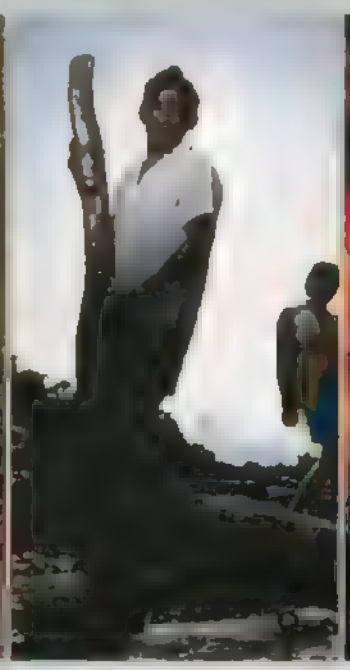
32% Propriedades privadas, mas sem registro válido no Incra ou nos órgãos fundiários estaduais

Fonte *Imazon*

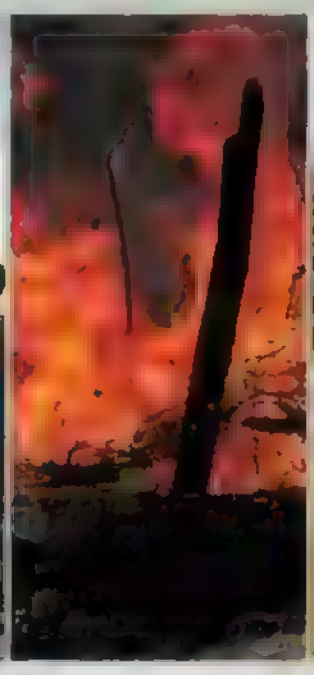
COMO SE PRODUZEM SOLOS DEGRADADOS

A Amazônia possui 20 000 quilômetros quadrados de terras desmatadas que já foram ocupadas pelo agronegócio e hoje estão abandonadas

1 Os madeireiros retiram de uma área da floresta as toras mais valiosas



2 Posseiros retiram da área as árvores de menor valor comercial, descartadas pelos madeireiros, para vendê-las a carvoarias



3 Os grileiros, muitas vezes usando violência, tomam conta da área e promovem queimadas para retirar os restos de troncos

4 O terreno é vendido a pecuaristas, que usam o solo como pasto até que se torne infértil e, depois, abandonam o terreno

O QUE DIZ A LEI...

A floresta tem de ser preservada em 80% da propriedade. Apenas 20% do terreno pode ser usado para a agricultura ou para a pecuária

...E POR QUE ELA NÃO PEGOU

- Trata-se de medida provisória. A expectativa geral é que, se for votada no Congresso, seja derrubada
- A maioria dos fazendeiros diz que comprou as terras antes da medida provisória. Portanto, de acordo com a legislação da época, eles têm o direito a desmatar 50% da propriedade
- Graças a brechas existentes nas leis, a acordos na Justiça e a pagamentos de propina, só 2% das multas por excesso de desmatamento são pagas

O CAMINHO DA MADEIRA ATÉ O CONSUMIDOR

No caminho percorrido desde o corte na floresta até as lojas de material de construção de São Paulo, uma árvore de maçaranduba – usada em pisos e telhados – tem seu valor aumentado em **2 000%**

No município de Tailândia, no Pará, uma árvore da espécie maçaranduba é vendida a **70 reais o metro cúbico**

As toras são levadas à serraria, onde são convertidas em peças para construção. Na porta da serraria, o custo do metro cúbico sobe para **800 reais**

POR QUE NÃO SE APROVEITAM AS TERRAS OCIOSAS

Para recuperar um terreno degradado, o proprietário é obrigado, por lei, a replantar a floresta em 80% de sua área. Fica mais barato derrubar a floresta em outro terreno. Veja a conta

Custo por hectare para recuperar um terreno degradado

Aragem com trator para revolver a terra	180 reais
Correção do solo (1,5 tonelada de calcário mais frete e aplicação)	230 reais
Segunda aragem para misturar a terra com o calcário	133 reais
Sementes de capim	75 reais
Aplicação das sementes com trator	50 reais
Herbicida	54 reais
Aplicação de herbicida	18 reais
Total	**740 reais***

Some-se a isso o custo para reflorestar 80% do terreno: 1 500 reais por hectare

Custo por hectare para desmatar a floresta e preparar o pasto

Remuneração do operador da motosserra	150 reais
Combustível para a motosserra	50 reais
Queimada	5 reais
Sementes de capim	75 reais
Gasto com avião para a semeadura	15 reais
Total	**295 reais***

Não há gasto com reflorestamento

* Valores de referência para a cidade de Redenção (PA)

A madeira viaja 2 332 quilômetros até São Paulo, onde custa **1 100 reais** aos comerciantes

O consumidor final paga **1 500 reais** por metro cúbico de madeira

3 O boi, a soja e a madeira

O SENSO COMUM: não faz sentido derrubar a floresta e substituí-la por pastos e lavouras.
A VERDADE: em certas regiões da Amazônia a agricultura é irreversível. O que falta é respeito à lei.

No fim da década de 60, sob a justificativa de que era preciso ocupar a Amazônia para evitar sua internacionalização, os governos militares distribuíram terras e subsídios a quem se dispusesse a se embrenhar na floresta. A ação atraiu para o lugar pequenos agricultores e pecuaristas do Sul e do Sudeste. Desde então, a agropecuária floresceu onde antes só havia a atividade extrativista. Atualmente, 36% do gado bovino e 5% das plantações de soja do país encontram-se na região amazônica. Investir ali é um ótimo negócio. As terras custam até um décimo do valor no Sudeste. As linhas de crédito dos bancos oficiais oferecem juros anuais subsidiados na faixa de 5% a 9% — contra 26% a 34% em outras regiões. A fartura de chuvas faz com que o pasto viceje o ano todo e, em conseqüência disso, os bois atingem a maturidade para abate um ano mais cedo.

Nas últimas duas décadas, a expansão do agronegócio fez com que as lavouras e pastos avançassem cada vez mais pela floresta, contribuindo para o desmatamento. Sabe-se que a mata amazônica já perdeu 17% de sua cobertura original. As imagens de satélite revelam que quase 40% dessa devastação foi realizada nos últimos vinte anos. Surge aí a questão: quanto é aceitável desmatar para dar lugar ao agronegócio? Ninguém sabe, porque nenhum governo produziu um plano de longo prazo para a ocupação da Amazônia. Mas uma coisa é certa: os fazendeiros estabelecidos na região não são criminosos porque derrubam parte da floresta para tocar seu negócio. Eles contribuem para o desenvolvimento da Amazônia, criam empregos e somam pontos ao PIB do país. O que precisa ser combatido é o desmatamento selvagem, feito à som-

PAULO WHITAKER/REUTERS; MARCOS ROSA; ARAQUÉM ALCÂNTARA; ALBERTO CÉSAR ARAÚJO; ANDRÉ PENNER/SAMBAPHOTO

bra dos órgãos ambientais, muitas vezes por grileiros de terras públicas que não hesitam em sacar da pistola contra quem se opõe a seus interesses. As estatísticas mostram que as toras retiradas à sorrelfa da Amazônia chegam a 80% de toda a produção madeireira da região. Antes de serem vendidas em outros estados do Brasil e no exterior, essas toras são "legalizadas" por meio de documentos forjados. Já os fazendeiros e madeireiros que cortam madeira dentro da lei submetem-se a um plano de manejo sustentável aprovado pelo Ibama e pelas secretarias estaduais de Meio Ambiente. O plano determina a quantidade de madeira a ser retirada e replantada. Esses empresários não são inimigos da floresta.

4 A lei e suas conseqüências

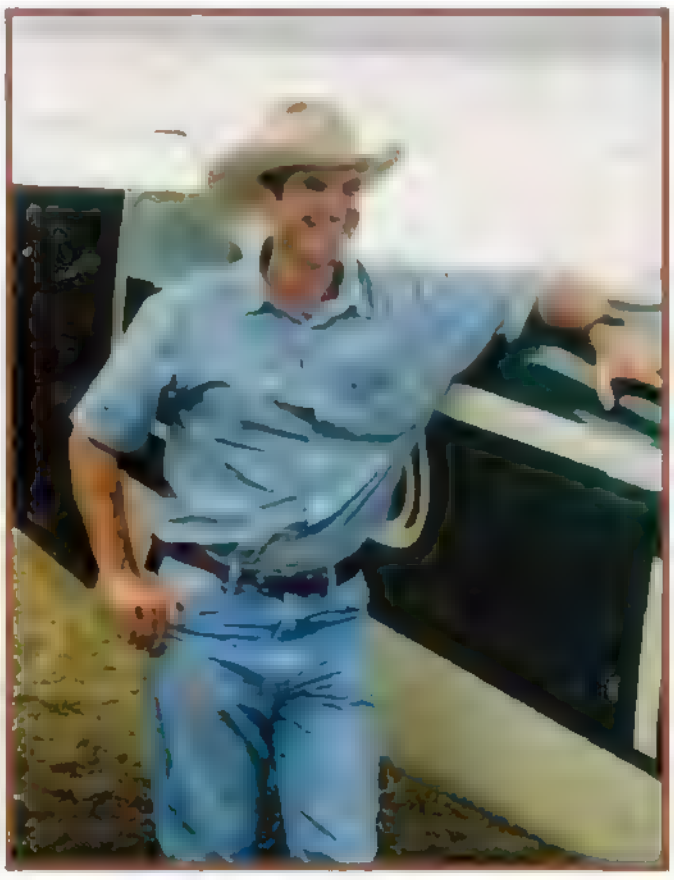
O SENSO COMUM: é proibido derrubar árvores e quem vende madeira é bandido.
A VERDADE: o desmatamento é regulamentado em diversas regiões, mas os abusos são constantes.

Apesar de toda a preocupação com a saúde da floresta, o desmatamento não é proibido em nenhum dos nove estados que formam a Amazônia. Em teoria, somente estariam a salvo aqueles 43% do território ocupados por reservas ambientais e terras indígenas. Nessas áreas protegidas só são permitidas a pesca, a caça, a extração de madeira e de essências vegetais desde que respeitadas as normas de manejo. Na prática, não é bem assim, pois as reservas e terras públicas estão coalhadas de posseiros. As restrições ao desmatamento em terras privadas, estabelecidas por medida provisória em 1996, são draconianas: o proprietário só pode desmatar 20% de seu terreno para plantar ou criar gado. A floresta nativa deve ser preservada nos restantes 80%. Chama-se a isso reserva legal. Até 1996, permitia-se desmatar 50% da propriedade. O endurecimento das regras teve efeito inesperado: o clima nas fronteiras agrícolas é de desobediência civil, uma vez que milhares de produtores rurais alegam ter adquirido terras com a expectativa de poder desmatar pelo menos metade da área. "Ninguém é obrigado a cumprir essa norma, pois o governo mudou as regras no meio do jogo e empurrou todo mundo para a ilegalidade", diz o sojicultor Fernando Görgen, prefeito de Querência, no norte de Mato Grosso. Instituída por medida provisória no governo Fernando Henrique, a regra nunca foi votada no Congresso. O desafio dos produtores leva em conta também a certeza da impunidade. A estrutura de fiscalização do estado é precária e muitos de seus agentes aceitam propina para fazer vista grossa às infrações.

A permissão para o corte de árvores pa-

Sobrevivendo no faroeste amazônico

John Carter, americano de 41 anos, que há mais de uma década administra uma fazenda de 8000 hectares nas proximidades do Parque Indígena do Xingu, em Mato Grosso, redobrou a vigilância da propriedade por causa de vizinhos encrenqueiros, como ladrões de gado, indígenas e sem-terra à espera de desapropriações. No ano passado, seus 4000 hectares de reserva de mata nativa foram incendiados por grileiros. Em várias ocasiões, Carter tentou obter ajuda de órgãos públicos, mas não foi levado a sério. "Isso aqui é uma terra sem lei. Por ação ou por omissão, o próprio governo nos deixa sitiados", desabafa.



ALBERTO CESAR ARAUJO

A MADEIRA QUE ALIMENTA O FERRO Carvoaria no município de Santarém, no Pará: muito do carvão da Amazônia é usado como combustível em usinas siderúrgicas

ALBERTO CESAR ARAUJO GREENPEACE

ra a venda de madeira também obedece a regras severas. Só pode ser feito com um plano de manejo aprovado pelos órgãos ambientais. No vácuo criado pela ausência do estado na Amazônia, as regras de preservação acabam funcionando como um incentivo à ilegalidade. Quem tenta conseguir uma licença para explorar a madeira no sul do Pará, uma das principais regiões produtoras, precisa pedir licença em Belém, a 1 000 quilômetros de distância. Para contornar as dificuldades de obter autorização, os madeireiros costumam recorrer a dois tipos de fraude. O mais comum é o comércio ilegal de documentos. Em lugar de fazer o trabalho e vender a madeira, o madeireiro vende a guia. Outro tipo de fraude envolve funcionários dos órgãos ambientais, que vendem os documentos diretamente a despachantes e madeireiros.

Exploração sustentável

O paranaense Idacir Peracchi já barbarizou as florestas do Pará com sua madeireira. Em 1999, resolveu modificar as técnicas de manejo florestal de sua empresa. Dois anos depois, sua empresa foi a primeira brasileira a receber a certificação do Forest Stewardship Council, um dos mais reputados "selos verdes" do ramo. Em 2005, entretanto, uma das áreas certificadas foi invadida por um obscuro Movimento dos Sem Tora. Peracchi encerrou o negócio na região. "No estado em que eles deixaram a mata, corria o risco de ser responsabilizado pelo estrago e perder a certificação", lamenta.

ANTONIO MILENA

5 A ameaça do homem

O SENSO COMUM: a devastação e os conflitos na região são causados pela ganância dos fazendeiros.
A VERDADE: vários fatores contribuem para o caos, mas muito do estrago é causado pelo próprio governo.

O diagnóstico é do ambientalista Paulo Adário, coordenador internacional do Greenpeace na Amazônia: "Há uma grande esquizofrenia na ação do governo. Enquanto o Ibama e o Serviço Florestal Brasileiro criam regras e normas elogiáveis, melhoram o sistema de monitoramento para empresas e comunidades, outro órgão do mesmo governo, o Incra, promove assentamentos de sem-terra no meio da floresta. Sem conseguirem sobreviver com a lida da terra, os assentados acabam por desmatar tudo". Apesar de freqüentemente esquecida na questão amazônica, a ação do Incra e de seus parceiros, os sem-terra, responde sozinha por 20% de todo o desmatamento registrado na região. Seis de cada dez famílias que o governo assentou entre 1995 e 2006 foram levadas para a Amazônia. Hoje, elas somam 1,3 milhão de famílias. Cada uma recebeu um lote médio de 100 hectares e a autorização para desmatar apenas 3 hectares por ano. Apesar de esse limite não ser respeitado, as áreas estão a salvo da fiscalização do Ibama por decisão do governo federal. Com a impunidade assegurada, assentados e grupos de sem-terra são atualmente os maiores fornecedores de madeira retirada da floresta sem autorização dos órgãos ambientais.

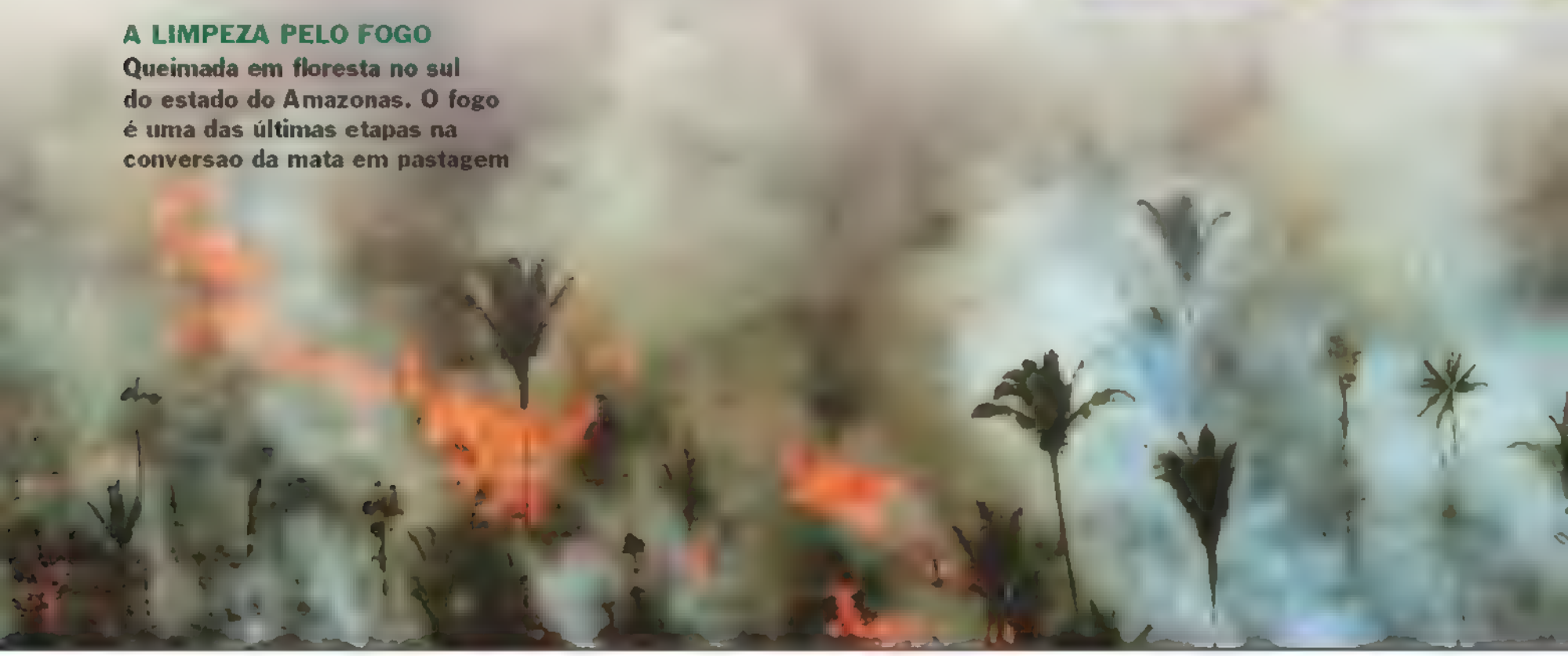
Em razão de um ranço ideológico dos anos 60, o Incra persegue os agricultores que deixam a floresta em pé. É a ultrapassada idéia de que, se não prepararam a área para o cultivo, é porque estão especulando com a terra. Os fiscais consideram a reserva florestal como terra improdutiva e acabam por designar a fazenda como de interesse para a reforma agrária. Com medo de serem desapropriados, os agricultores vêem a reserva florestal como uma área que precisa ser derrubada quanto antes. Na Amazônia há uma profusão de grupos oportunistas, criados para invadir terras. Esses sem-terra são, na realidade, gente pobre que vive e tem casa nas cidades do entorno, mas aproveita a infra-estrutura oferecida pelo Incra para tentar descolar um pedaço de terra. Para alegarem que a gleba é improdutiva, os invasores atacam as áreas de mata e reserva legal. Para justificarem que estão tornando o lugar produtivo, jogam a floresta no chão para plantar roçados e montar acampamentos. Em todos esses casos, os invasores contam com a ajuda do Incra. Basta o envio de um cadastro das famílias para o governo mandar cestas básicas mensalmente. Além do conhecido MST, entraram em ação movimentos obscuros como a Liga dos Camponeses Pobres, a Federação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura Familiar e a belicosa Liga Operária e Camponesa. O resultado é o caos na floresta. Dos 761 conflitos pela terra registrados no Brasil em 2006, quase metade ocorreu na Amazônia.

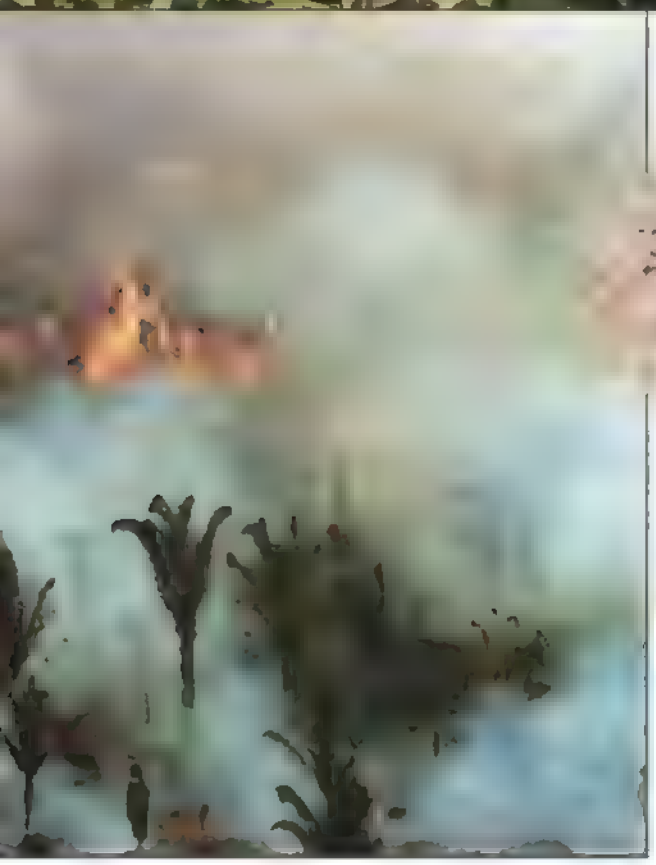
UMA ESTRANHA PARCERIA
Vestígio da floresta arruinada no acampamento Pindorama, no Pará: sem-terra e assentados pelo Incra abastecem o mercado negro de madeira

MARLENE BERGAMO - FOLHA IMAGEM

ALBERTO CESAR ARAUJO - GREENPEACE

A LIMPEZA PELO FOGO
Queimada em floresta no sul do estado do Amazonas. O fogo é uma das últimas etapas na conversao da mata em pastagem





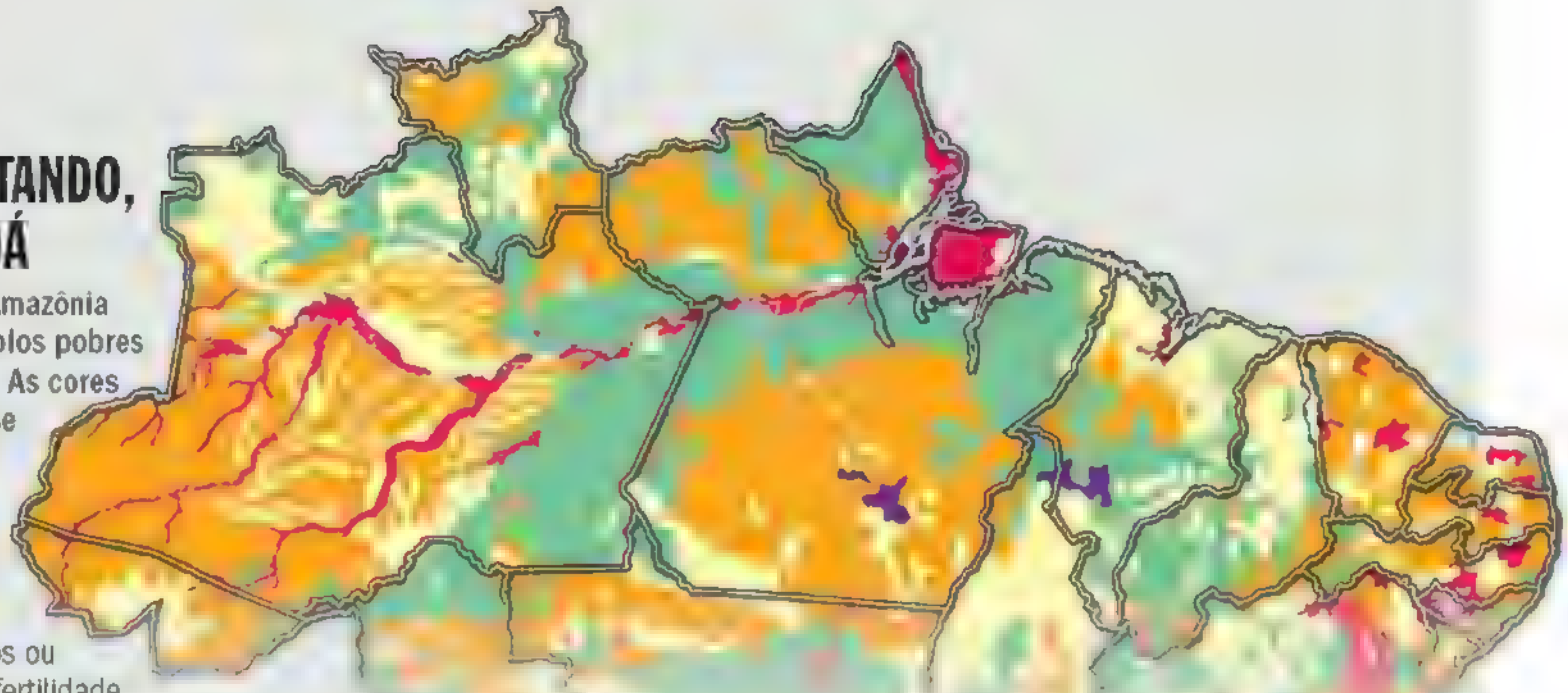
Sem-terra, mas com madeira da reserva

Há oito meses, a maranhense Chislene Souza, de 31 anos, apenas dorme em sua casa de tijolos em Santana do Araguaia, no sul do Pará. Ela passa o dia numa barraca de lona às margens da BR-158. Como ela, outras oitenta famílias que invadiram a fazenda Ouro Verde sob a chancela da Federação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura Familiar (Fetraf) esperam ganhar parte da propriedade e 18 000 reais do Incra para começar as roças. "Por ora, a gente só ganha cesta básica", choraminga. Enquanto esperam, Chislene e os companheiros roem a reserva florestal da fazenda para vender a madeira.

ALBERTO CÉSAR ARAÚJO

EM SE PLANTANDO, NEM TUDO DÁ

A maior parte da Amazônia é constituída de solos pobres para a agricultura. As cores do mapa referem-se ao potencial para exploração econômica



MUITO BAIXO
São solos arenosos ou muito rasos, cuja fertilidade depende da decomposição da vegetação. Desmatados, podem sofrer desertificação

BOM PARA A AGRICULTURA
Profundos e com boa drenagem, são adequados à agricultura e à pecuária, mas precisam de cuidados tecnológicos

RESTRITO
Típicos das regiões ribeirinhas, são solos alagados ou sujeitos a alagamento. Alguns são utilizados para a agricultura de subsistência

BOM PARA A PECUÁRIA
Constituem a maior parte da região amazônica. Por serem pobres em nutrientes, são mais usados na pecuária

EXCELENTE
Ocupam pequenas áreas, mas são considerados os solos mais férteis da região amazônica

Fontes: *IBGE, José Alexandre Demattê, professor de ciência do solo da USP, em Piracicaba, e Javier Tomasella, hidrólogo do Inpe*

6 Propostas para o futuro

O SENSO COMUM: a única forma de salvar a floresta é proibir qualquer exploração econômica por lá.
A VERDADE: existem bons planos para aliar a exploração econômica à preservação.

■ Alguns países criaram um sistema de remuneração para tornar vantajoso conservar a floresta em pé. Isso ocorre também, em pequena escala, no Amazonas, onde o governo oferece uma "bolsa-floresta" para que os pequenos produtores rurais mantenham intacta parte da mata em seus terrenos. Existem governos interessados em financiar projetos do gênero em larga escala, para garantir que as florestas continuem a desempenhar funções ambientais como o seqüestro de carbono.

■ O programa de reforma agrária desenvolvido pelo governo federal já assentou 1,3 milhão de famílias no meio da floresta. Grande parte dos assentamentos se transformou em favelas rurais. Esses assentados são responsáveis por 20% do desmatamento da Amazônia e por boa parte das queimadas que ocorrem na região. A saída seria suspender a criação de novos assentamentos e adotar mecanismos de viabilização econômica dos já existentes.

■ Estima-se que 20% das áreas desmatadas da Amazônia, que já abrigaram pastagens, estejam agora abandonadas. Essas áreas podem ser recuperadas, mas o custo para isso é alto. Sai mais barato comprar terras novas e desmatá-las. Isso pode ser revertido com a criação de linhas de crédito específicas para a recuperação e a reutilização de terras degradadas.

■ Uma boa medida para diminuir a pressão sobre as matas seria mudar a lei e permitir que sejam plantadas espécies exóticas, como o eucalipto, nas propriedades que desmataram além do limite de 20%. "Reflorestar com árvores exóticas dá retorno econômico e é tecnicamente viável", diz Francisco Graziano, secretário do Meio Ambiente de São Paulo.

■ Criar certificados especiais para produtos originários de propriedades que atuam dentro da lei e observam boas práticas ambientais pode ajudar a combater o desmatamento ilegal.

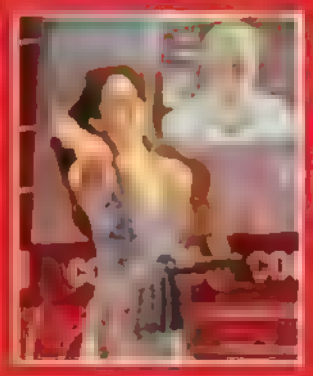
Exportando sem a chancela da lei

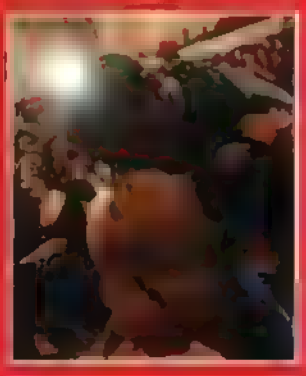
O gaúcho Adelar Giotto, de 55 anos, é dono de uma madeireira em São Félix do Xingu, no Pará. Desde que chegou à região, em 2000, fez diversos pedidos para exportar a produção, mas todos foram negados por falta de documentação que comprovasse a legalidade das terras exploradas. "Nunca vendi 1 metro de madeira legal. Sempre que tentei me legalizar, não consegui", garante. Para não deixar a serraria fechar, Giotto comprou documentos emitidos pelo Ibama em nome de terceiros para escoar a produção: "Não tenho orgulho do que fiz, mas é duro ser tratado como traficante".

ALBERTO CESAR ARAÚJO

Cuide-se GARNIER apresenta

10 PRÊMIO contigo! de TV





A TODOS QUE VOTARAM MUITO OBRIGADO!

Confira a lista completa dos ganhadores
desde o início deste concurso e veja
www.contigo.com.br
Na grande noite dessa terça
(10/12), às 22h, na Globo

Patrocínio
Cuide-se GARNIER

Apoio
CAIXA
dogg
DERMACYD
master frio

A CAPITAL DA MOTOSSERRA

Como é a vida em São Félix do Xingu, o município recordista na derrubada de árvores no país

Leonardo Coutinho,
de Sao Félix do Xingu

Duas das três imagens que se vêem no brasão de São Félix do Xingu, cidade paraense a 1 000 quilômetros de Belém, celebram o passado. Há um cocar caiapó, referência aos antigos habitantes. Uma bateia com ouro homenageia os garimpeiros que desbravaram a região. O terceiro elemento — um toco de árvore — pode ser interpretado como uma manifestação de princípios sobre a situação presente. São Félix lidera há sete anos o ranking nacional de desmatamento e, se depender da vontade da maioria dos moradores, o que resta de floresta vai abaixo quanto antes, abrindo espaço ao pasto necessário para a expansão do rebanho bovino. São Félix impressiona não apenas pelas dimensões da devastação — 15 000 quilômetros quadrados, área dez vezes maior que a cidade de São Paulo —, mas também pela velocidade com que desmata. Metade da área foi derrubada nos últimos sete anos. Nenhum outro município amazônico consegue destruir a natureza em ritmo tão acelerado. O segundo colocado no ranking do desmatamento, Paragominas, também no Pará, levou mais de trinta anos para devastar 8 500 quilômetros quadrados de floresta.

A explosão do desmatamento é conseqüência direta do avanço da agropecuária. O município é hoje dono do maior rebanho bovino do país. O número de cabeças de gado triplicou nos últimos oito anos. Foi de 680 000 em 2000 para 1,7 milhão em 2007. Mas a riqueza derivada da atividade econômica não se reflete na cidade, com ruas esburacadas e, em sua maioria, sem calçamento. As fachadas das construções têm um aspecto empoeirado, tingidas pelo lamaçal nos tempos de chuva e pela poeira na estação seca. O comércio gira em torno de produtos agropecuários e de uma infinidade de açougues. São Félix do Xingu é um lugar de superlativos. Sua área é a segunda maior do Brasil (só perde para Altamira, município do qual se desmembrou em 1961). Os 60 000 moradores espalham-se por um território 56 vezes superior ao disponível para os 10 milhões

FOTOS ALBERTO CÉSAR ARAUJO

LEI DO VALE-TUDO

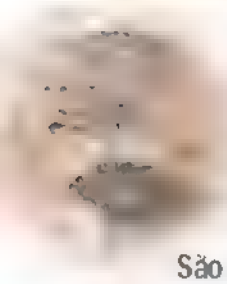
As ruas de São Félix: na ausência do poder público, quem dita as regras são os pistoleiros

de paulistanos. No papel, com certidão passada em cartório, São Félix do Xingu é ainda maior. Com território um pouco menor que o do estado de Pernambuco, São Félix atribuiu títulos de propriedade a uma área do tamanho do Piauí. "Há casos em que pelo menos três pessoas se declaram donas da mesma gleba e cada uma delas tem escritura para sustentar sua reivindicação", diz o advogado Luiz Bezerra da Silva, que dois anos atrás assumiu o cartório, depois de o estabelecimento sofrer intervenção do Tribunal de Justiça do Estado do Pará. Os interventores descobriram que o registro de imóveis da cidade funcionava como uma fábrica de títulos de posse frios. Em geral, a posse real da terra é de quem a ocupou primeiro. Os demais supostos donos usam o título como garantia para obter empréstimos oficiais. Como é de esperar numa região em que os títulos de propriedade são incertos, São Félix do Xingu é a campeã nacional em homicídios decorrentes de conflitos fundiários. Os assassinatos são feitos por justiceiros e pistoleiros que garantem a ocupação de terras públicas e a apropriação de recursos naturais, como a madeira.

Uma ausência chama atenção na cidade que mais desmata no Brasil: a do Ibama. A representação mais próxima do órgão federal responsável pela fiscalização ambiental está a 250 quilômetros dali. Ainda assim é apenas um escritório. Qualquer assunto relevante — como uma autorização para desmatar — deve ser tratado em Belém, a 1 000 quilômetros de distância. A construção de um prédio destinado a abrigar órgãos ambientais e a Polícia Federal está paralisada desde o ano passado, ainda nos alicerces. "A expansão desordenada da fronteira em São Félix do Xingu é um caso de omissão do estado na Amazônia", diz Ima Vieira, diretora do Museu Paraense Emílio Goeldi. Há vinte anos ela se dedica ao estudo da expansão humana na região. Antes da chegada do gado, São Félix era o paraíso dos madeireiros. Com matas ricas em mogno, a cidade foi um importante pólo de produção de madeira. O madeireiro Adelar Giotto confessa que desde que se mudou do Rio Grande do Sul para o Pará, em 1987, jamais vendeu madeira inteiramente dentro da lei. "Sempre tentei legalizar meu negócio, mas nunca consegui." Todos os pedidos de exploração da floresta feitos por Giotto foram rejeitados em razão da precariedade dos documentos de propriedade das terras nas quais seria realizada a exploração. "Por aqui, a coisa mais rara é título de terra regular", lamenta.

Para ser legítima, a exploração de madeira precisa ser autorizada por órgãos ambientais. Essas licenças só são expedidas nas capitais. Para quem vive em São Félix, isso significa percorrer distância similar à de Porto Alegre a São Paulo. "Conheço sujeitos que esperam quase dois anos pela licença", diz Luiz Carlos Tremonte, presidente do Sindicato das Indús-

Um açougueiro que também vende terras



O açougueiro Adebaldo Ferreira de Araújo trocou Goiás pela Amazônia em 1999. Foi motorista de trator em Eldorado dos Carajás e puxou "correntão" para derrubar a floresta. Em 2001, mudou-se para São Félix do Xingu e garantiu a posse de 3 000 hectares de mata, onde hoje pastam 300 cabeças de gado. Araújo é também corretor de imóveis e dono de um açougue aberto noite e dia, onde o quilo de filé mignon custa a bagatela de 9 reais. Ele se queixa de que a cidade só aparece na imprensa como má notícia: "Já perdi a oportunidade de vender uma área por causa de reportagens negativas". Assim como as terras que vende, o pedaço da Amazônia que Araujo chama de seu não é garantido por nenhum documento de propriedade.

trias de Madeiras do Sudoeste do Pará. Para não deixar a serraria fechar, Giotto admite a compra de documentos emitidos pelo Ibama em nome de outras serrarias. O comércio de autorizações legítimas para desmatar é o mais comum dos dois principais tipos de fraude no negócio madeireiro. Em lugar de se dar ao trabalho de cortar e transportar as árvores, o madeireiro vende as guias para alguém que não conseguiu a autorização. A outra trapaça envolve funcionários dos órgãos ambientais que vendem as liberações diretamente a despachantes e madeireiros. Em qualquer caso, o resultado é que a floresta vem abaixo sem nenhum controle ou planejamento do governo.

Uma das razões para a explosão da pecuária naquela parte da Amazônia é o baixo preço da terra. Em média, 1 hectare de mata custa um décimo do preço vigente em regiões produtoras no sul do Pará e nos estados vizinhos de Mato Grosso e Goiás. Devido à boa distribuição das chuvas, as pastagens na região são viçosas o ano inteiro. Um boi ali chega ao ponto de abate um ano mais cedo que nas áreas de criação de Goiás. Não foi sem razão que tantos criadores venderam suas fazendas naquelas regiões e investiram na nova fronteira agrícola de São Félix do Xingu. Com o crescimento do rebanho bovino, extensas áreas de floresta foram convertidas em pastagens. "Não há melhor lugar no mundo para criar boi", festeja o pecuarista Nédio Batista, que migrou de Goiás sete anos atrás. Hoje ele é dono de 500 cabeças de gado espalhadas por uma propriedade de 1 250 hectares, dos quais 80%, ele jura, conservam a mata original. Um em cada 3 hectares desmatados na Amazônia localiza-se no estado do Pará. No fim do ano passado, a floresta paraense já tinha encolhido o equivalente a um estado do Paraná. Um quarto desse estrago se concentra em apenas sete cidades, todas elas incluídas no ranking dos dez municípios mais devastados.

Mesmo nessa fronteira selvagem há fazendeiros e pecuaristas respeitadores das normas de preservação ambiental. Em linhas gerais, isso significa conservar 80% da propriedade como uma reserva legal de floresta intacta. Evidentemente, não é fácil andar dentro da lei no clima de vale-tudo existente na floresta do Pará. Uma centena de quilômetros ao sul de São Félix do Xingu, a reserva legal de 2 600 hectares da Fazenda Vitória Régia foi saqueada por grupos de sem-terra, que levaram as madeiras de valor comercial. Há quase um ano esperando que o estado do Pará cumpra a ordem de reintegração de posse concedida pela Justiça, o fazendeiro Vitório Guimarães assistiu à destruição de sua reserva legal. "Que governo é esse que quer acabar com o desmatamento, mas não faz o menor esforço para garantir o cumprimento da lei e evitar a destruição da Amazônia?", questiona Guimarães.

RODRIGO BALEIA

REBANHO EM SÃO FÉLIX
O número de cabeças de gado no município triplicou desde 2000

VEJA O QUE ESTÁ ACONTECENDO E O QUE VOCÊ PODE FAZER EM

www.planetasustentavel.com.br

PLANETA
sustentável
o futuro a gente faz agora

NÃO COMPRE GATO POR LEBRE

Seu consumo pode mudar o mundo

Por que devemos aprender a consumir produtos que duram mais? Para promover a sustentabilidade

Ao preferir o consumo de produtos locais e mais duráveis você contribui para o bem-estar do planeta, gerando menos CO_2, a causa principal do aquecimento global.

Confira nas páginas a seguir mais um exemplo de sustentabilidade e entenda por que ela é fundamental para uma vida melhor.

É PRECISO FAZER ALGO. É POSSÍVEL FAZER MUITO. E DEVEMOS FAZER JÁ.

Abril · BANCO REAL · CPFL ENERGIA · BUNGE

Fale Conosco: planetasustentavel@abril.com.br

A FLORESTA VIRA SOJA

Mato Grosso é o estado que mais desmata. A contrapartida é o notável vigor do agronegócio

De acordo com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), Mato Grosso abriga dezenove dos 36 municípios que mais desmataram áreas da Floresta Amazônica no último semestre. O governador do estado, Blairo Maggi, diz que essa informação se baseia em um levantamento fajuto, mas o argumento não ofusca uma verdade irrefutável: o desmatamento da porção mato-grossense da Amazônia já extrapolou todos os limites. Nas duas últimas décadas, 129 000 quilômetros quadrados da floresta — mais de um terço da devastação total ocorrida no período — desapareceram naquela região. Cerca de 40% da cobertura florestal do estado já foi eliminada, o dobro do índice global de desmatamento da Amazônia. Essa situação ficou evidente em sobrevôos feitos por VEJA no mês passado ao longo de vários trechos. Em lugar de clareiras abertas no meio da floresta, o que se vê do alto são pequenas ilhas de mata espalhadas ao longo de imensas áreas de pasto e de plantações de soja.

Ao contrário do que se vê no Pará, a ocupação da porção amazônica de Mato Grosso está longe de ocorrer em clima de faroeste. Ela é resultado da expansão da fronteira agrícola, que, a partir da década de 1970, transformou as regiões de cerrado do Centro-Oeste no principal celeiro de produção de alimentos do país e, nos últimos anos, extrapolou para o interior da floresta. No norte do estado, é possível identificar os primeiros resquícios do bioma amazônico. A vegetação rala e de arbustos típicos do cerrado é aos poucos substituída por árvores mais altas e frondosas até a formação da mata densa. Nesse pedaço da Amazônia — que os especialistas chamam de "floresta de transição" e a população local, de "cerradão" —, pelo menos 20% das espécies ainda são típicas do cerrado. Essa característica, aliada ao fato de que grande parte da região tem relevo plano e clima favorável para lavouras de grãos, tem feito com que a fronteira agropecuária avance rápido.

LONGE DO FAROESTE
Lavoura de soja em Mato Grosso: os fazendeiros agora querem valorizar seus produtos com aval ambientalista

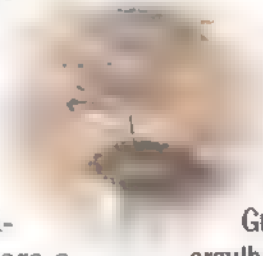
RODRIGO BALEIA

Essa é a área mais desenvolvida entre as demais dos nove estados da Amazônia. Ali estão concentrados mais de 90% da soja e um terço do rebanho bovino da região. Assim como ocorreu no cerrado, a Amazônia mato-grossense está sendo ocupada basicamente por produtores rurais. Boa parte deles é descendente dos migrantes do Sul que desbravaram a região e imprimiram um ritmo empresarial ao chamado agronegócio. O sotaque, os cabelos loiros e os olhos azuis, os sobrenomes de origem alemã e italiana são marcas da colonização sulina. Ao contrário do que aconteceu no Pará, onde a devastação da floresta se deu mais na marra, com invasões e grilagens de terras públicas, a maior parte dessa região foi ocupada por meio de projetos de colonização desenvolvidos a partir da década de 1970 por cinco grandes empresas privadas. "Esse processo permitiu que as cidades da região crescessem de forma mais organizada e se desenvolvessem mais", afirma o governador de Mato Grosso, Blairo Maggi, cuja família fez fortuna na região.

Como o governador Maggi, vários produtores rurais entraram para a política e muitos administram hoje os municípios que, nas duas últimas décadas, brotaram no meio das vastas plantações de soja, nas bordas da floresta. Alguns deles — como Sorriso, Sapezal e Lucas do Rio Verde — são verdadeiros oásis no interior da selva. A região concentra nove dos dez municípios com maior índice de desenvolvimento humano (IDH) da Amazônia. É ali também que o PIB mais cresce. Na maior parte desses municípios, grandes áreas da floresta já foram substituídas por plantações de soja. Em compensação, se é que se pode falar assim quando o assunto é desmatamento, são cidades bem estruturadas, com ruas asfaltadas e uma ampla rede de serviços, que nada ficam a dever às localizadas no Sul e no Sudeste do país. Emancipado há apenas catorze anos, o município de Sapezal, localizado a 464 quilômetros de Cuiabá, é um bom exemplo do desenvolvimento obtido a partir da substituição da floresta por plantações de soja. Planejada, a sede do município é simétrica e quase toda asfaltada. Esgoto sanitário e água tratada chegam a todas as casas. A cidade dispõe também de uma ampla rede de telefonia de fibra óptica. Na zona rural, as plantações de soja, milho e algodão asseguram que o município seja um dos que mais recolhem impostos no estado.

Outro exemplo que ressalta a diferença do processo de devastação da porção mato-grossense da Amazônia está no fato de que cerca de 40% dos proprietários de terras do estado já se cadastraram em um sistema de monitoramento criado pelo governo de Mato Grosso através do qual é possível fiscalizar quase em tempo real o processo de desmatamento nas fazendas. Trata-se de uma situação impensável em outras partes da Amazônia, como no Pará. Além disso, vários produtores rurais da região estão fazendo parcerias com ONGs para melhorar as práticas ambientais em suas propriedades. Uma das experiências mais bem-sucedidas nessa área é um projeto desenvolvido pela ONG Aliança da Terra com cerca de 100 pecuaristas que, juntos, têm cerca de 1,5 milhão de hectares de terras nas proximidades do Parque Indígena do Xingu. Como já desmataram mais de 50% de suas áreas de floresta, eles abriram as porteiras das fazendas para que a ONG faça um diagnóstico socioambiental da área. Todos assinaram um termo pelo qual se comprometem, entre outras coisas, a recuperar áreas de proteção ambiental e a não utilizar trabalho escravo nas fazendas. O próximo passo será a criação de um sistema de certificação socioambiental que valorizará as mercadorias produzidas nessas fazendas. ■

Orgulho por desmatar 100 000 hectares



Dono de nove fazendas em São José do Xingu e arredores, no norte de Mato Grosso, onde cria um rebanho de 40 000 cabeças de gado, o pecuarista Carlos Alberto Guimarães, o Carlito, de 59 anos, se orgulha de ter sido "um dos dez homens que mais desmataram a Amazônia". Pelas suas contas, em quatro décadas de atuação no Pará e em Mato Grosso, ajudou a derrubar 100 000 hectares da floresta. Natural de Goiás, o pecuarista faz parte de uma leva pioneira de aventureiros que foi para a Amazônia incentivada pela política nacionalista de ocupação da região idealizada pelo governo militar. "A gente desmatava tudo. Só parava onde era brejo", conta Carlito, que garante não guardar nenhum remorso. "Eu me considero um produtor de alimentos, não um desmatador", ele justifica.

FERNANDA PRETO

José Edward, *de Nova Ubiratã*

Abril

APRESENTA

PLANETA sustentável

Viveiro de mudas nativas da Fundação SOS Mata Atlântica na cidade de Itu (SP)

Além de desempenhar seu papel principal - produzir conteúdo, informar e divertir - a Abril está cada vez mais envolvida em projetos que contribuem para a preservação do meio ambiente e da qualidade de vida das próximas gerações.

Com palavras e atitudes, plantar um futuro verde.

Clickarvore

Um dos mais bem-sucedidos projetos de restauração florestal do país surgiu da união das ONGs SOS Mata Atlântica e Instituto Ambiental Vidágua com o Grupo Abril. Desde sua criação, no ano 2000, até hoje, mais de **13 milhões de mudas** de árvores foram doadas em 9 estados do Brasil a partir da colaboração dos internautas. Você também pode fazer isso acessando www.clickarvore.com.br

Praça Victor Civita

Esse projeto pioneiro do Grupo Abril em parceria com a Prefeitura Municipal de São Paulo reabilitará uma área contaminada para uso público. No espaço, eventos de lazer, esporte, educação e cultura farão o visitante refletir e aprender sobre sustentabilidade.

Prêmio Planeta CASA

Desde 2002, a revista CASA CLAUDIA destaca projetos, ações e produtos ligados ao morar e que são ambientalmente sustentáveis.

Operações industriais

A Gráfica Abril há tempos mobiliza-se para reduzir e racionalizar o uso da água, dar tratamento adequado aos resíduos e utilizar de forma eficiente qualquer tipo de energia em suas operações.

Esses projetos e outras ações da Abril, como a coleta seletiva em suas dependências e a compra de papel certificado originário de reflorestamento para suas publicações, são passos confiantes num futuro melhor.

BUNGE APRESENTA PLANETA sustentável

Como plantar um futuro sustentável

Fornecer alimentos à crescente população global é um dos principais objetivos do milênio. Para a Bunge, melhorar a vida das pessoas, aprimorando a cadeia global de alimentos e o agronegócio, é a forma de dar sua contribuição

À medida que a população mundial cresce, crescem também as responsabilidades de cada um sobre o destino do planeta. Todos nós – indivíduos, empresas, governos e sociedade civil – temos uma contribuição a dar para tornar o lugar onde vivemos mais justo, tanto do ponto de vista econômico, quanto social e ambiental.

Você contribui usando os recursos naturais sem desperdício, reciclando materiais e preservando a natureza. Nós, da Bunge, também procuramos fazer a nossa parte. Com 102 anos de história no Brasil, a décima sétima marca mais valiosa do país (pesquisa da Brand Finance) tem colaborado para o desenvolvimento sustentável antes mesmo de esse termo virar moda.

Seja na área alimentícia, fabricando alguns dos produtos mais conhecidos e queridos do brasileiro, seja no setor de fertilizantes, ajudando a melhorar a produtividade e a segurança no campo, a Bunge aposta na gestão responsável e nos compromissos de longo prazo como forma de obter o sucesso empresarial e ajudar no crescimento do país.

Um século de iniciativas sociais

Voluntariado Iniciativas em escolas públicas como o programa Comunidade Educativa, que beneficia anualmente cerca de 6 mil alunos e 300 professores em sete estados brasileiros

Formação de educadores Ações direcionadas para professores da rede pública de ensino, como o programa ReciCriar – A Pedagogia do Possível, que já contribuiu com a formação de mais de 11 mil educadores.

Incentivo à excelência Reconhecimento ao talento por meio do Prêmio Fundação Bunge, voltado à produção científica, que em mais de 50 anos já homenageou cerca de 150 personalidades das Ciências, Letras e Artes do país, e do Prêmio Professores do Brasil, de valorização dos educadores do ensino fundamental da rede pública, que, desde 1995, já reconheceu o trabalho de 165 professores.

Programa Bem Estar Bunge 3 mil colaboradores da Bunge Fertilizantes beneficiados com atividades de autoconhecimento, saúde, lazer e cultura

Programa Bunge Vida Ações despertando valores e atitudes para a qualidade de vida dos mais de 7 mil funcionários, familiares e comunidades vizinhas da Bunge Alimentos.

Respeito ao meio ambiente

Água e Energia Prioridade para o reuso de recursos hídricos, com unidades reutilizando até 90% da água consumida. Mais de 65% da energia consumida vem de fontes renováveis.

Carbono Programa de redução de 98 mil toneladas na emissão de CO_2 entre 2003 e 2009.

Biodiversidade Programa de Conservação do Cerrado, conciliando a agricultura com a criação de corredores de biodiversidade, por meio da educação do produtor rural. Mais de 180 mil hectares já foram atingidos.

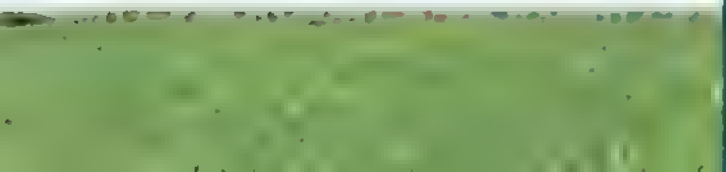
Reciclagem de óleo comestível Parceria em projetos que já alcançaram mais de 22 mil famílias.

Reflorestamento Plantio de 8 mil hectares/ano de áreas reflorestadas

Reservas naturais A Bunge mantém 4 mil hectares de áreas preservadas de Mata Atlântica, em Cajati (SP), Araxá (MG) e Gaspar (SC).

Centros de Educação Ambiental Mais de 70 mil pessoas atendidas, entre colaboradores, estudantes e professores nos estados de Minas Gerais, São Paulo e Santa Catarina.

iap MANAH Serrana OUROVERDE Delícia Primor soya Cyclus



CONTEÚDO PUBLICITÁRIO

BUNGE
DO CAMPO A SUA MESA

Artigo

Gustavo Ioschpe

E se plantássemos cérebros?

ANTÓNIO SCORZA/AFP

O Brasil tem uma área de 8,5 milhões de quilômetros quadrados. Mas pouco mais de um terço desse território é para os brasileiros. O restante — uma área de 5,4 milhões de quilômetros quadrados, equivalente a quase o triplo da área ocupada por França, Espanha, Itália, Reino Unido e Alemanha somados — é destinado por lei às árvores e aos animais. Não quaisquer animais, aliás: apenas aqueles que não produzem divisas. A criação de bois e vacas não é permitida. O número é uma subestimação, pois inclui apenas as florestas federais e as reservas obrigatórias da área da Amazônia Legal e dos campos registrados pelo IBGE no resto do país. Faltaria ainda incluir as áreas protegidas por legislação estadual e municipal, áreas às margens de rios, reservas indígenas etc.

Mesmo nas áreas em que a atividade industrial é permitida, ela não escapa do controle — e dos custos — da polícia verde. Qualquer obra de grande impacto ambiental no país (fábricas, siderúrgicas...) deve pagar uma taxa de 0,5% de seu valor ao Instituto Chico Mendes, órgão do Ministério do Meio Ambiente. Essa taxa deve produzir uma arrecadação de 400 milhões de reais no triênio 2008-2010.

Além disso, a empresa precisa obter licenças do Ibama para operar. O caso de geração de energia é emblemático. Há anos o Brasil flerta com a escassez de energia, e existe grande risco de o apagão voltar num futuro próximo. Apesar disso há, segundo o site do Ibama, 45 projetos de usinas hidrelétricas aguardando a expedição de licenças ambientais para iniciar a operação. Uma delas, a de Tijuco Alto, se arrastou por sete anos antes de ter o pedido negado, e o novo pedido foi iniciado há quatro anos. As mais importantes são provavelmente as duas usinas do Rio Madeira, obras do PAC, responsáveis conjuntamente pela produção de 6 450 megawatts. O processo da maior delas, a do Jirau, foi aberto em 2005. Dois anos depois, em julho passado, foi expedida a licença prévia da obra — com 33 condicionantes. Cumpridas essas condicionantes, virá a licença de instalação e só depois a licença de operação, sabe-se lá quando. Os danos não serão sentidos apenas em caso de apagão — são perceptíveis desde já. No começo deste ano, o preço da energia elétrica no mercado atacadista subiu 91% em apenas uma semana, chegando ao patamar mais alto desde o racionamento de 2002. Essa alta de um dos insumos básicos da produção causará cancelamento de investimentos, demissões e aumento de preços ao consumidor.

O Orçamento da União de 2008 resume bem a punição que o Brasil se impõe: o orçamento do Ministério do Meio Ambiente (2,9 bilhões de reais) é mais do que o dobro daquele destinado ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (1,3 bilhão de reais). Apesar de sermos um país jovem e pobre, investimos mais na conservação da nossa escassez do que na produção das riquezas futuras. Esse não é um fetiche dos nossos governantes: é algo enraizado na sociedade brasileira. Conforme se divulgou recentemente na coluna Radar, somos um dos povos mais ligados às questões ambientais: 96% dos nossos compatriotas se dizem preocupados com o aquecimento global, contra 85% da média internacional. Os programas jornalísticos da Rede Globo transmitiram no ano passado 281 matérias sobre questões ambientais — quase uma por dia. É só no Brasil que a Ford produz um carro — esse monumento à poluição e ao sedentarismo — chamado EcoSport.

O aquecimento global é um assunto que efetivamente merece a consternação planetária (ainda que, já desde Malthus, uma boa dose de ceticismo para com as previsões catastrofistas seja sempre recomendada). Faz todo o sentido que os países desenvolvidos, que danificaram seu patrimônio natural (e, em muitos casos, aquele de suas colônias) enquanto enriqueciam, queiram agora usar um pouco dessa riqueza acumulada para melhorar a qualidade de vida de seus cidadãos, reconstruindo aquilo que foi danificado em seus países. Faz mais sentido ainda que queiram dividir a empreitada com países

"Precisamos defender os nossos interesses e pensar na estratégia ambiental que interessa aos brasileiros. A generosidade é um lindo traço da espécie humana, mas ela precisa de um substrato material. Do contrário, passa a ser autofagia"

pobres, instando-os a preservar suas áreas naturais e poupando a atmosfera e os mares — não apenas para reduzir a fatia do ônus que lhes cabe, mas também pelo bônus adicional de impor aos países em desenvolvimento uma série de medidas restritivas ao seu crescimento.

O que espanta, no caso brasileiro, é que esse discurso tenha sido integralmente "comprado" por aqueles que certamente colhem mais custos do que benefícios com a preservação ambiental, da maneira como vem sendo praticada. Estudo recente da economista U. Srinivasan, da Universidade da Califórnia, em Berkeley, estima que os países ricos imporão perdas ambientais de até 7,4 trilhões de dólares aos países de renda per capita baixa e média (como o Brasil) em razão de suas ações no período 1961-2000. Segundo o estudo, são estimativas conservadoras, e não levam em conta todo o dano causado desde os primórdios da Revolução Industrial até os anos 60. Nem, aliás, os danos atuais — sim, porque os países ricos propagam seus gases poluentes com voracidade maior do que a expansão de suas idéias preservacionistas. Segundo relatório do IPCC de 2005, a América Latina é responsável por 5% do volume anual de emissão global de CO_2 — os EUA respondem sozinhos por 25% e os outros países da OCDE, por mais 24%.

Aos defensores da fraternidade universal, que afirmam sermos todos igualmente responsáveis pelo destino do planeta, pergunto: por que essa solidariedade toda só aparece na hora de socializar as perdas, e não os ganhos? Por que parece natural e aceitável dizer que nós, brasileiros, devemos preservar nossas florestas e rios para o bem dos europeus, mas parece ficção científica sugerir aos mesmos europeus que devolvam as toneladas de recursos naturais brasileiros que eles roubaram durante séculos de colonização? Por que eles podem defender nossas árvores e ficar com nosso ouro?

Não estou defendendo o desmatamento da Amazônia nem a poluição de nossos rios. A beleza das paisagens imaculadas me maravilha tanto quanto ao manifestante do Greenpeace. Mas há uma questão de prioridade e de foco. Nosso foco deve ser o bem-estar do brasileiro, antes daquele de outros países. Enquanto uma massa de brasileiros vive em condições subumanas, sinto-me moralmente impedido de defender a preservação do mico-leão-dourado. Se os países ricos querem que preservemos nossas florestas, que paguem por isso. Se querem evitar o desmatamento, por que não param de subsidiar os seus agricultores e passam a transferir renda para os nossos? Precisamos defender os nossos interesses e pensar na estratégia ambiental que interessa aos brasileiros. A generosidade é um lindo traço da espécie humana, mas ela precisa de um substrato material. Do contrário, passa a ser autofagia. Faz sentido, em um país com os nossos índices de criminalidade, com os nossos problemas de tráfico de drogas e contrabando nas fronteiras, deslocar 1 000 homens da Polícia Federal para vigiar madeireiras no Pará, como o governo acaba de anunciar?

No início do ano, foram revelados os últimos resultados do Indicador de Alfabetismo Funcional. De 2001 a 2007, o índice de pessoas plenamente alfabetizadas no Brasil permaneceu praticamente estável, passando de 26% para 28% da população adulta. São dados desesperadores. A cada dia, milhões de crianças vão para as nossas escolas e saem delas sem conseguir ler nem escrever ou dominar as operações aritméticas básicas. Nesse tipo de preservação, somos craques: já está garantido que o cérebro da nossa população permanecerá território virgem pelos próximos trinta anos. O país vai fechando suas possibilidades de desenvolvimento.

Fico imaginando, otimista, o que aconteceria com o Brasil se a nossa obsessão fosse a criação e a preservação de cérebros brilhantes. Se toda essa energia despendida na preservação de florestas e animais selvagens fosse investida na consecução de um único, singelo e não tão difícil objetivo: garantir que todas as nossas crianças aprendam a ler e a escrever na 1ª série. Para começar, só isso bastaria. Que revolução seria se nos preocupássemos mais com a inteligência das nossas crianças e menos com as opiniões da *intelligentsia* estrangeira.

Se a colonização intelectual nos leva à cópia de todas as porcarias que vêm do Hemisfério Norte, do fast-food ao blockbuster, será que não podíamos também copiar o pragmatismo e o patriotismo que ajudaram a levar esses países aonde eles estão hoje?

Toras de madeira nobre apreendidas no Pará: só as perdas são socializadas. Os ganhos nao

"Se a colonização intelectual nos leva à cópia de todas as porcarias que vêm do Hemisfério Norte, do fast-food ao blockbuster, será que não podíamos também copiar o pragmatismo e o patriotismo que ajudaram a levar esses países aonde eles estão hoje?"

Gustavo Ioschpe
é economista

Monica Weinberg

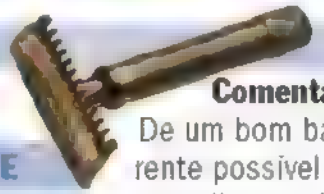
A ciência de uma barba bem-feita

FAZER A BARBA, NO PASSADO, ERA UM RITUAL QUE CONSUMIA ALGO COMO MEIA HORA NO BARBEIRO, TEMPO NECESSÁRIO PARA ELA FICAR DE MOLHO EM ÁGUA QUENTE, RECEBER FARTAS PINCELADAS DE ESPUMA E SER RETIRADA COM NAVALHAS FINÍSSIMAS. HOJE AS PESSOAS LEVAM CINCO MINUTOS PARA BARBEAR-SE — EM CASA.

Essa mudança de hábitos foi propiciada pelo aparecimento de novos apetrechos. De 1901, ano em que surgiu a primeira lâmina descartável, até hoje, os aparelhos avançaram consideravelmente. Também a espuma se diversificou nas texturas e nas formulações para diferentes peles e tipos de barba. Um júri composto de gente que aprecia e usa esse tipo de produto fez suas indicações. Numa outra frente, especialistas consultados por VEJA avaliaram dezenas de lâminas e espumas até chegar a um consenso sobre aquelas que consideravam mais eficazes. Eles têm uma ponderação: apesar do evidente progresso, alguns dos métodos antigos ainda são fundamentais para uma barba bem-feita.

LÂMINA DE BARBEAR

Quando surgiu: 1875

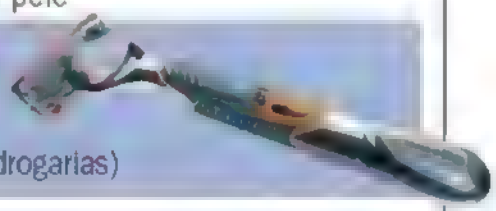


	ANTES	HOJE
Peso *(em gramas)*	60	30
Número de lâminas por aparelho	1	Até 5
Material da haste	Ferro	Plástico, alumínio e aço
Tempo médio para fazer a barba *(em minutos)*	30	5
Quando a barba volta a crescer *(em horas)*	12	24

Comentário

De um bom barbeador, espera-se que corte a barba o mais rente possível sem ferir a pele — uma equação que os novos aparelhos estão mais aptos a proporcionar, basicamente por dois avanços. O primeiro diz respeito ao número de lâminas — quanto mais delas, menos vezes será necessário passar o barbeador numa mesma região do rosto e menor será o risco de um machucado. A segunda evolução está na flexibilidade das lâminas, um mecanismo que suaviza a pressão do barbeador sobre a pele

Indicação dos especialistas:
Fusion, da Gillette (100 reais* — importado, é vendido em lojas de cosméticos e algumas drogarias)



Justificativa: nenhum outro concentra tantas lâminas, cinco. Outra diferença é que ele vem com uma espécie de massageador, cuja função é deixar os pêlos de pé, tornando mais fácil a tarefa de cortá-los com a lâmina

* Preços médios

CREME PARA BARBEAR

Quando surgiu: década de 20

	ANTES	HOJE
Função	Produzir espuma para facilitar o deslizamento das lâminas	Hidratar, controlar a oleosidade, proteger a pele contra eventuais inflamações e amaciar o pêlo – além de produzir espuma
Composição	Sabão	Substâncias emolientes, hidratantes, fibras e vitaminas
Nível de acidez *(numa escala de zero a 14)*	**11** *(tão alto que ressecava a pele)*	**8** *(próximo ao neutro)*
Textura	Creme	Creme, espuma ou gel

Comentário
A pele, depois de uma aplicação dos cremes para barbear do passado, com pH alto e feitos à base de sabão, ficava seca e irritada. O avanço está justamente no pH quase neutro das espumas atuais, somado ao fato de a fórmula vir com substâncias emolientes que ajudam a amaciar os fios da barba. Daí ser mais fácil retirá-los com a lâmina – e o processo ser menos agressivo à pele

Uma questão de textura

As espumas de barbear se distinguem pela consistência. Há três delas:

1 GEL
Transforma-se em espuma ao ser espalhado no rosto

2 CREME
Vem em embalagens que lembram tubos de pasta de dente – precisa ser misturado à água para fazer espuma

3 ESPUMA PRONTA
Ela vem dentro de uma embalagem de aerossol

A espuma certa para cada um

Comprar uma espuma de barbear requer certa ciência. A escolha deve considerar pelo menos duas variáveis: o tipo de pele e o da barba. A palavra dos dermatologistas:

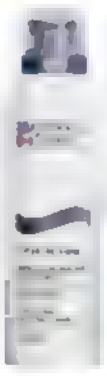
BARBA CERRADA

O que procurar no rótulo: referências a "substâncias emolientes", eficazes no amaciamento dos fios
Dica: barbear-se com a ajuda de um pincel. A tendência é que assim a espuma permaneça mais tempo em contato com os pêlos. Faz diferença, uma vez que os fios ficam mais macios e sua remoção, mais fácil. O pincel também é útil por espalhar a espuma de maneira homogênea, deixar os pêlos mais levantados e promover uma espécie de esfoliação na pele. São detalhes relevantes para um bom resultado – especialmente em barbas cerradas

Indicação dos especialistas: Noxzema com aloe vera e lanolina *(14 reais)*

TIPOS DE PELE

SENSÍVEL



O que procurar no rótulo: substâncias cicatrizantes, como alantoína, e outras para acalmar a pele, entre elas camomila. Prefira perfumes neutros. Eles não irritam a pele
Dica: fazer a barba depois do banho ou colocar uma toalha com água quente antes de dar início ao processo. Os poros estarão mais dilatados – e o risco de se ferir será menor

Indicação dos especialistas: T-Pur Intense, da Biotherm *(95 reais)*

OLEOSA

O que procurar no rótulo: extratos de alga e mentol, que conferem sensação de frescor – um alívio para quem costuma ter a pele gordurosa
Dica: prefira produtos em gel. Eles contêm menos substâncias oleosas do que a espuma em spray e os cremes de barbear tradicionais

Indicação dos especialistas: Gel de Barbear Controle de Brilho, da Nivea *(17 reais)*

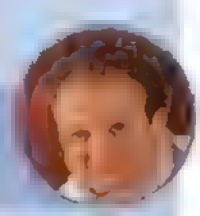
SECA

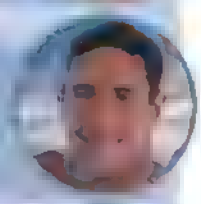
O que procurar no rótulo: substâncias hidratantes, entre elas aloe vera, silicone e pantenol.
Dica: evitar passar o barbeador mais de uma vez na mesma região do rosto. Como a lâmina remove a camada lipídica, contribui para o ressecamento de qualquer tipo de pele. Quando ela é seca, o efeito piora

Indicação dos especialistas: Creme de Barbear Tubo Gillette Hidratante *(4 reais)*

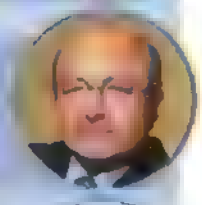
O mais votado pelo júri
Noxzema *(18 reais)*

O júri


Eric Jacquin, *chef*


Gustavo Borges, *ex-nadador e empresário*

Jorge Elias, *arquiteto*


Maílson da Nóbrega, *economista*

Marco Antônio de Biaggi, *cabeleireiro*

Washington Olivetto, *publicitário*

FOTOS KIKO FERRITE, ALEXANDRE SCHNEIDER, FABIANO ACCORSI, ANDRÉ MARQUES, MARISA CAUDURO, PEDRO RUBENS, FABIANA BERTONE, EYEWIRE IMAGES, PHOTODISC E DIVULGAÇÃO

Barba à moda antiga

Alguns dos apetrechos para barba adotados no século passado continuam a ser usados ainda hoje, apesar dos avanços de lá para cá. Os especialistas fazem considerações sobre três deles.

PINCEL
A qualidade se define pelo material das cerdas, assunto sobre o qual há um consenso: o melhor de todos é feito com pêlos de texugo, de maciez incomparável e capazes de reter a espuma. Evidentemente, não agrada aos ecologistas. Um dos bons exemplares à venda no Brasil, com cabo de ébano, que dura mais, é o italiano Acca Kappa (600 reais)

ESPUMAS
Não importa quantas sejam lançadas, sempre haverá os apreciadores das primeiras marcas, como a Proraso, a mais vendida na Itália desde que surgiu, na década de 40, e a inglesa Taylor of Old Bond Street. Quem compra tais cremes diz buscar fragrâncias que remetam ao passado, como lavanda e eucalipto

FOTOS DIVULGAÇÃO

LÂMINAS
Num cenário de aumento do número de lâminas por aparelho, existe um grupo de pessoas na contramão: elas preferem barbeadores com uma lâmina só — e, por isso, até a industria investe no relançamento de clássicos. Segundo os especialistas, o uso de tais aparelhos deve vir aliado a outros cuidados, como deixar a barba de molho e adotar o pincel, para reduzir os riscos de um corte. Nesse caso, embora menos práticos, esses barbeadores funcionam bem

Uma solução mais definitiva

É possível livrar-se do ritual diário de fazer a barba por meio de uma espécie de depilação. Parece doloroso — e, para a maioria das pessoas, é mesmo. De uma variedade de métodos disponíveis, o laser de diodo é o mais indicado pelos especialistas.

Como funciona
É aplicado sobre a região dos pêlos. Atraído pela melanina — aquela substância responsável pela pigmentação —, queima o pêlo na raiz

Nível de dor
Alto. Tem-se a sensação de uma agulhada

Duração do tratamento *(média)*
8 sessões

Preço *(medio)*
2 400 reais

Para quem é mais indicado
Para pessoas com pêlos escuros e pele clara. Também funciona em pele morena ou negra, mas o tratamento é mais difícil. Não elimina pêlos brancos

Resultado do tratamento
Cerca de 80% dos pêlos desaparecem definitivamente. Quanto aos 20% restantes, eles ficam mais finos, e, para eliminar tal penugem, é preciso recorrer ao barbeador, em média, a cada quinze dias. Embora os velhos pêlos deixem de crescer, novos fios costumam aparecer, como conseqüência da renovação da pele e de alterações hormonais. Por isso, em certos casos, é preciso submeter-se a uma ou outra sessão depois de concluído o tratamento

IMAGE SOURCE BLACK ALAMY

Barbearia americana na década de 40: um longo ritual

CORBIS/LATINSTOCK

O mundo das loções

O que a ciência já concluiu sobre loções de barbear

1 Elas ajudam na cicatrização de cortes eventuais, tem boa ação antiinflamatória e hidratam a pele ao reequilibrar seu pH – mais alto depois de feita a barba

2 Loções com promessas de controlar o brilho da pele e promover proteção contra os raios solares de fato funcionam para tais fins

3 As loções em gel são as de absorção mais rápida, daí causarem menor sensação de oleosidade na comparação com as versões cremosas

4 Loções variam muito no preço, mas nem tanto na qualidade. O princípio ativo, afinal, não muda. A diferença básica está na fragrância, que costuma ser mais agradável nas de grife, e na embalagem

FOTOS DIVULGAÇÃO

Sob medida para eles

A pedido de VEJA, um grupo de dermatologistas avaliou alguns dos cosméticos mais vendidos exclusivos para homens. Eles explicam como tais produtos se diferenciam dos demais e indicam marcas que apresentam boa relação custo-benefício.

HIDRATANTE PÓS-BARBA

Diferencial das versões masculinas: muitas incluem substâncias para controlar o brilho na pele. Essa é uma queixa comum entre os homens e tem fundamento: a pele masculina é, de fato, 50% mais oleosa que a das mulheres
Bom custo-benefício: Gel Creme Facial Controle do Brilho *(Nivea)*
Preço*: 25 reais

DAVID RAY MER/CORBIS, LATINSTOCK

ANTI-RUGAS

Diferencial das versões masculinas: o que muda, basicamente, é a consistência. Em vez de creme, os produtos vêm em gel ou serum. Isso torna a absorção mais rápida – e contribui para o controle da oleosidade
Bom custo-benefício: Face-up for Men *(Dermage)*
Preço: 85 reais

FILTRO SOLAR

Diferencial das versões masculinas: a fórmula não muda. A diferença está no método de aplicação – mais rápido, por meio de spray – e em certa secura do creme, o que evita a sensação de pele grudenta. Nas pesquisas, eles dizem "odiar" tal textura
Bom custo-benefício: Sun Multi Protection Spray, fator 15 *(Biotherm)*
Preço: 120 reais

EDYGAS GETTY IMAGES ROYALTY FREE

ESMALTE

Diferencial das versões masculinas: têm um tom fosco praticamente imperceptível, que proporciona um efeito de unha bem-cuidada – sem o brilho típico do esmalte comum
Bom custo-benefício: Risqué Homem *(base fosca)*
Preço: 3 reais

* Preços médios

Com reportagem de Camila Pereira e Milena Emilian

GAGOSIAN GALLERY/DIVULGAÇÃO

Arte

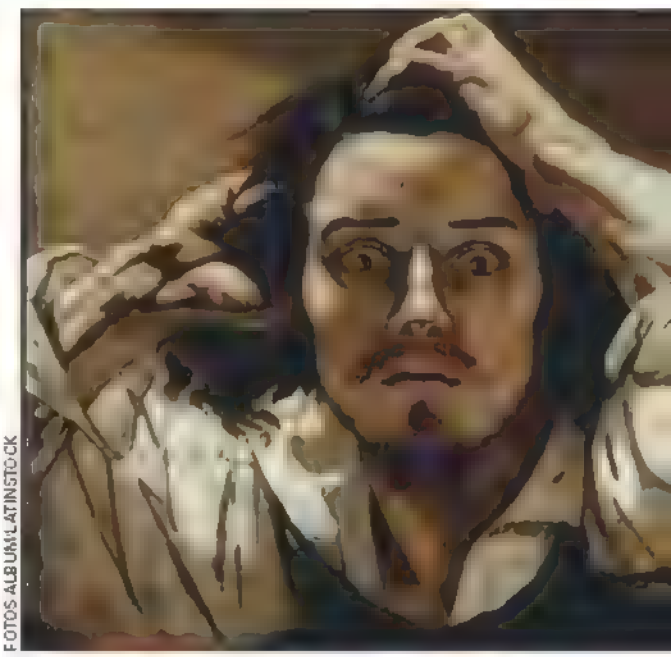
UM SHOW REALISTA

A esplêndida exposição de Courbet, com seus auto-retratos sombrios e nus magníficos, joga luz sobre a arte contemporânea americana

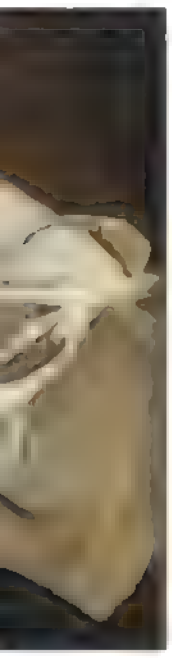
André Petry, ***de Nova York***

Os brasileiros que têm invadido Nova York nos últimos tempos, no embalo do derretimento do dólar, podem juntar-se às 50 000 pessoas que, ao preço de 20 dólares, visitaram a monumental retrospectiva do pintor francês Gustave Courbet (1819-1877) em exibição no Metropolitan Museum. Com mais de 130 trabalhos, a exposição promove uma cascata de sensações. Perturba, diante de seus auto-retratos fabulosos e às vezes sombrios, com destaque para o famoso *O Homem Desesperado*, provavelmente de 1845. Diverte, em função das sátiras e zombarias que o autor lança às convenções sociais da França de sua época. Comove, pela delicadeza com que o pintor retrata suas irmãs e as montanhas de Ornans, sua cidade natal. E, por fim, derruba o queixo do visitante, com uma coleção de nus magníficos, incluindo *A Origem do Mundo*, de 1866, que ficou décadas longe dos olhos do público em decorrência do seu incandescente apelo erótico. O sucesso da exposição, aplaudida pelos críticos, pode ser interpretado como um sinal de revalorização do realismo, movimento do qual Courbet foi criador e propagandista, e talvez ajude a entender um pouco melhor a arte contemporânea nos Estados Unidos.

Com uma personalidade exorbitante, Courbet foi um homem arrogante e ambicioso, mas também generoso e amável. Era revolucionário e pacifista. Era provocador e melancólico. Sua ambigüidade pessoal aparece na sua obra de modo tão explícito que não há pintura que seja tipicamente de Courbet. Com seu pincel camaleônico, ele às vezes trabalha com o intenso contraste de claro e escuro de Rembrandt. Outras vezes, revela o esplendor que influenciaria uma respeitável geração de franceses, como Monet, Manet e Cézanne. Realista radical, Courbet não pinta deuses, reis, heróis. Pinta o que entende ser a vida real, mundana. Em seus quadros de nus femininos, nada de ninfas gregas. Mas sua ambigüidade reaparece. Em *O Sono*, também de 1866, exemplo do



FOTOS ALBUM/LATINSTOCK



O famoso auto-retrato de Courbet desesperado *(à esq.)* e o sono ambíguo *(acima)* que vai reaparecer em Currin, o mais curioso americano da atualidade

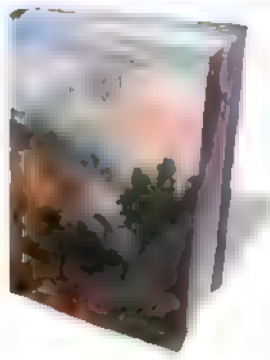
seu talento para pintar a pele humana. Courbet retrata uma cena de amor entre duas mulheres — uma de cabelos escuros, aparência remotamente masculina, e a outra de cabelos louros, inequivocamente feminina. Mais de um século depois, o fotógrafo italiano Mario Sorrenti, em trabalho para Yves Saint Laurent, fez uma paródia do quadro, colocando uma mulher no lugar da morena e um homem no lugar da loira. Cristalizou a ambigüidade da cena.

A modernidade de Courbet, porém, não precisava ser reafirmada por uma paródia numa propaganda de moda. Pode ser curioso, mas o pintor americano mais surpreendente da atualidade, John Currin, evoca a obra de Courbet, com um realismo contemporâneo. Nascido no Colorado e criado em Connecticut, Currin, de 45 anos, também exibe as técnicas dos velhos mestres, que aprendeu com um pintor russo. Coubert e Currin são satíricos, homens, brancos e camaleônicos. Os dois pintam nus que podem beirar a pornografia (mais Currin do que Courbet) e os dois chocam o público de seu tempo (mais Courbet do que Currin). Courbet desafiava as convenções da França convulsionada do século XIX. Currin debutou em 1992, a década do politicamente correto, sendo acusado de sexista e misógino. "Currin reabilitou antigas práticas de contar uma história visualmente, devolvendo à pintura seu velho papel de ilustração e de persuasão retórica", interpreta Peter Schjeldahl, crítico de arte da revista *New Yorker* e admirador entusiasmado do americano.

Os aplausos à retrospectiva de Gustave Courbet, somados ao crescente reconhecimento do trabalho de John Currin na cena americana, podem ser mensagens positivas. Num mundo em que o vídeo e a fotografia parecem ser a última palavra em termos de artes contemporâneas, com prejuízo notável da pintura, é interessante que Courbet reapareça e Currin aconteça. O francês sempre esteve aberto à fotografia, cujo surgimento se deu na década de 1850. Ao contrário da maioria dos pintores da época, Courbet não desprezou a fotografia. Incorporou-a ao seu trabalho. Aos nus, sobretudo. Mas também às paisagens do mar, às ondas, a linha do horizonte entre a água e o céu. Até hoje, os críticos ficam intrigados com as semelhanças entre as fotografias do mar de Gustave Le Gray (1820-1884) e as pinturas de Courbet. O que um fazia com a lente, o outro fazia com o pincel. No seu famoso Manifesto Realista, de 1855, Courbet afirma seu desejo de chegar a uma posição em que pudesse traduzir os costumes de sua época, ser um intérprete do seu tempo. Suas pinturas reunidas no Metropolitan, onde ficarão expostas até 18 de maio, são como as cartas que mandou para o futuro. John Currin, o intrigante, o pintor que viaja do clássico ao cru, do belo ao grotesco, certamente as recebeu. Será ótimo se tudo isso, se esse aparente revival do realismo, for o prenúncio de tempos mais humanos pela frente. ■

Livros

ELES SE CONVIDARAM

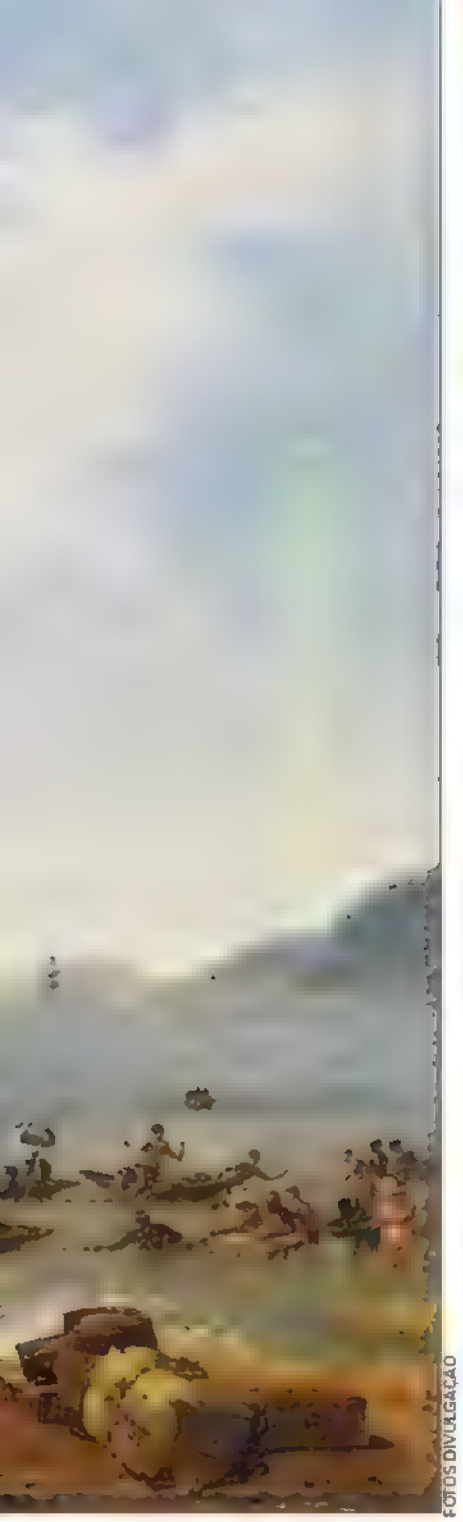


Nova história da "Missão Francesa" mostra que ela não veio ao Brasil a chamado de dom João VI

Mary Del Priore

Numa obra vigorosa e judiciosamente ilustrada, *O Sol do Brasil* (Companhia das Letras; 400 páginas; 55 reais), Lilia Moritz Schwarcz revisita um dos mitos da história da arte no Brasil: a Missão Francesa. Autora de vários livros sobre história cultural — como *As Barbas do Imperador* —, ela se debruça sobre o período de dom João VI no Brasil para oferecer ao leitor um amplo afresco sobre pintura e pintores e a relação de ambos com o cenário brasileiro. O fio condutor é Nicolas-Antoine Taunay. Nascido numa família de artesãos ligados à manufatura de Sèvres, Taunay integrou o grupo de emigrados que, por muito tempo, se acreditou "convidado" por dom João VI para trazer a civilidade francesa aos trópicos. O convite nunca existiu, e a tal "missão" francesa, que chegou ao Brasil em 1816, foi antes uma reunião fortuita de artistas.

Para refazer a viagem do paisagista francês, Lilia vai às raízes das relações entre o Brasil e a França. Teriam os relatos de Jean de Léry, no século XVI, e de outros viajantes de passagem colaborado para forjar um imaginário sobre a natureza brasileira? Tudo indica que sim, e que a moda das viagens pitorescas contribuiu para que um grupo de bonapartistas caídos em desgraça depois da derrota do imperador em Waterloo, em junho de 1815, resolvesse correr o risco de atravessar o Atlântico. A abundância de plantas e animais teria acenado como uma promessa de inspiração estética. Calcada no retorno ao passado, voltada para o primado da forma e o elogio da nação, a pintura neoclássica estava na raiz da formação de Taunay. Ombreando com artistas da mesma época ligados a diferentes gêneros — o histórico, os retratos, a paisagem —, como Jacques-Louis David ou Jean-Baptiste Greuze, Taunay vai bebendo nas



FOTOS DIVULGAÇÃO

O Rio de Janeiro em três pinturas de Taunay: o neoclassicismo francês abandonou as cenas heróicas de batalha para retratar as paisagens que representavam a pátria amada

várias fontes e aprimorando o próprio estilo. A grande figura de então era, sem dúvida, David, pintor do conhecido *A Morte de Marat*. Debret, outro membro célebre da chamada Missão Francesa, era primo de David e costumava freqüentar seu ateliê.

Esse foi também um momento em que a pintura ficou a serviço do estado. Sem cerimônia, podia servir a um rei Bourbon, passar do seu serviço ao dos sanguinários revolucionários e destes a Napoleão, que encarnava, nas telas de David, a noção de heroísmo. Napoleão era homenageado nos salões de pintura, enquanto Josefina, sua mulher, vivia cercada de artistas em cuja órbita girava Taunay. Quando o poder de Bonaparte começou a declinar, uma visível mudança na hierarquia de gêneros ocorreu: a pintura histórica, que retratava batalhas, cedeu espaço à paisagem, que se tornou sinônimo de terra natal e de pátria amada. A decisão de vir para o Brasil associava, portanto, duas tendências: a viagem em busca de repertórios paisagísticos novos e a fuga de uma Europa mergulhada em sangue e conflitos.

Taunay: planos de ser tutor da casa real frustrados pelo "retardo cultural" do Brasil

É nesse contexto que um grupo de artistas franceses se uniu para empreender a travessia. Sonhos individuais se cruzavam com coletivos: da fundação de uma Academia de Artes nos trópicos à aspiração de ser preceptor dos filhos do rei, como desejava Taunay. Eles chegaram à Baía de Guanabara em março de 1816. Lilia mostra que nada houve de convite oficial nem de garantia de emprego. Mas, afinal, quem inventou a Missão Francesa? Debret é o pai da história, que apresenta o grupo como um conjunto de generosos missionários que vieram ensinar beleza aos selvagens. Como quem conta um conto aumenta um ponto, ela foi se enfeitando graças a vários autores, de Araújo Porto Alegre a Morales de Los Rios. Até bater, já no século XX, em Mário Pedrosa e Donato Mello Júnior, que começaram a "desconstruir" o mito: foram eles, os franceses, que se convidaram. Eles quiseram vir. Não deu certo e os trópicos acabaram por expulsá-los. A tentativa de unir a valorização da monarquia com a paisagem natural, fórmula bem-sucedida na França, não funcionou aqui. Taunay não tinha alunos nem clientes, e, segundo ele, o país sofria de um grave "retardo cultural".

Essa sinfonia de informações é magistralmente dirigida por Lilia, que dialoga com autores de peso, como o historiador Simon Schama e o crítico de arte E.H. Gombrich. *O Sol do Brasil* é uma obra que nasce clássica. As outras tentativas de desconstruir a missão, por várias razões, não tiveram o mesmo calor nem o mesmo brilho. ■

veja.com TRECHO DO LIVRO EM www.veja.com.br

A CLASSE OPERÁRIA V

Ser superastro já era. Hoje os semi-astros, como Laura Linney e Philip Seymour Hoffman, ficam com o prestígio — e o lucro

Isabela Boscov

Já na primeira cena, *A Família Savage* (*The Savages*, Estados Unidos, 2007), em cartaz desde sexta-feira, anuncia um pesadelo. Lenny, um idoso, briga com o enfermeiro de sua companheira. Instado a voltar ao banheiro e deixá-lo limpo, Lenny em vez disso usa seus próprios excrementos para escrever uma malcriação na parede. Deixou, enfim, de ser apenas um sujeito indiferente e grosseiro: agora é também vítima de demência senil, e caberá aos seus filhos, para os quais nunca foi um grande pai, lidar com ele. Daí em diante, como não raro acontece também fora da ficção, Lenny passará de pessoa a objeto — objeto de culpa, desavença, ocasional união e incômodo constante para Wendy e Jon Savage, os irmãos maduros mas imaturos que são os protagonistas da história. Tamara Jenkins, cineasta de currículo breve (seu último filme, o igualmente ácido *O Outro Lado de Beverly Hills*, foi lançado em 1998), disseca as desventuras dos irmãos com doses equilibradas de simpatia e ceticismo. As dificuldades emocionais dos dois têm razões legítimas; já a maneira como eles as usam para se perdoar por seus erros é outra história. No universo ordeiro do cinema comercial, tratar um conflito com todas as complicações que ele acarreta é um risco. Se roteiros como esse chegam a ser filmados, o mérito é dos atores que decidem encampá-los — no caso, Philip Seymour Hoffman e Laura Linney, que põem sua extraordinária capacidade a serviço dos carentes, infantis e encantadoramente reais Jon e Wendy.

Laura e Hoffman pertencem a uma categoria que se poderia chamar de a dos semi-astros: atores que o público reconhe-

PHILIP SEYMOUR HOFFMAN, 40

Filmes: 41 em dezessete anos

Oscars: uma vitória por *Capote* e uma indicação por *Jogos do Poder*

Por que é tão requisitado: um dos atores mais lapidados do cinema americano, Hoffman é perfeitamente convincente tanto como o enfermeiro sensível de *Magnólia* quanto como o vilão de *Missão: Impossível III*. É o caso raro de ator igualmente popular entre a crítica e o público

LAURA LINNEY, 44

Filmes: 29 em dezesseis anos

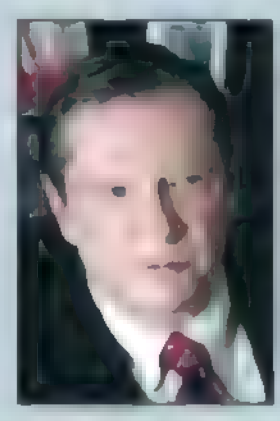
Oscars: três indicações, por *Conte Comigo*, *Kinsey* e *A Família Savage*

Por que é tão requisitada: é uma atriz de técnica impecável, inteligência evidente, gosto eclético e capaz tanto de se mostrar bonita quanto de esconder a beleza. Ou seja, não há papel que não consiga fazer — e no qual não galvanize a platéia

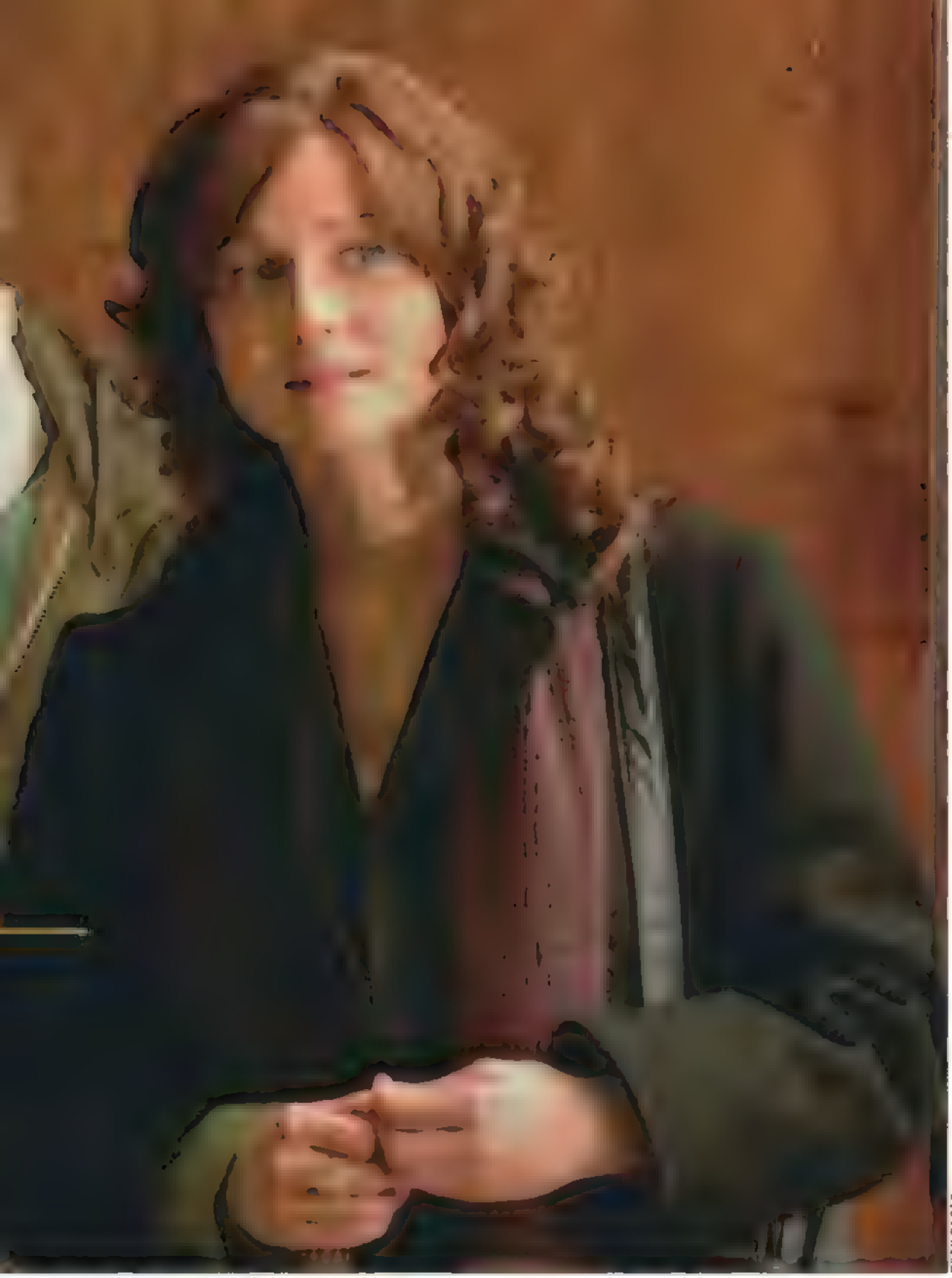
NA ALEGRIA E NA TRISTEZA

Outros atores que sempre tornam os bons filmes ainda melhores

Mark Ruffalo, 40
Filmes: 35 em dezesseis anos
Especialidade: com um quê de Marlon Brando, é ótimo em papéis em que a virilidade se alia à vulnerabilidade, como em *Zodíaco* ou *Em Carne Viva*



Chris Cooper, 56
Filmes: 31 em 21 anos
Especialidade: apesar do rosto marcante, desaparece dentro de personagens inflexíveis ou imprevisíveis, como em *Adaptação* ou *Quebra de Confiança*



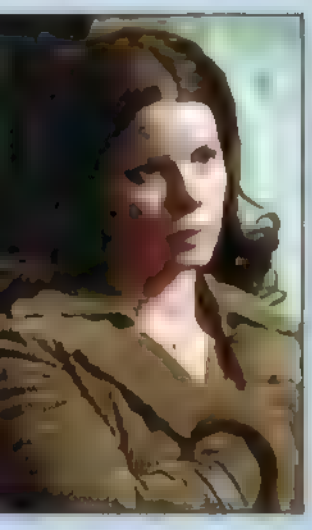
DIVULGAÇÃO

ce e aprecia não só porque eles pipocam várias vezes ao ano em filmes de todos os tamanhos e afiliações, mas porque sempre acrescentam algo de sólido e inesperado a esses filmes. Não têm o tipo de popularidade que os habilite a "abrir" superproduções, nas quais costumam ganhar os personagens secundários. Mas têm o cacife necessário para atrair visibilidade para produções menores. Quando Hoffman trabalha em *Missão: Impossível III* ou *Jogos do Poder*, ele é coadjuvante — com a vantagem de ficar com o papel mais suculento. Quando faz *Capote* ou *A Família Savage*, tem o espaço que sua personalidade formidável pede — mais a satisfação de saber que fez o projeto acontecer.

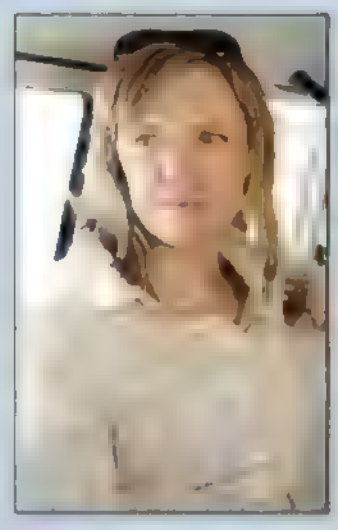
Um semi-astro, portanto, vive no melhor de dois mundos. O mais relevante, contudo, é a constatação de que eles é que fazem o cinema americano girar como indústria e se renovar como ambiente criativo. *Capote*, que deu a Hoffman o Oscar, custou 7 milhões de dólares e rendeu sete vezes mais; *Missão: Impossível III* custou 150 milhões — e faturou menos do que isso nos Estados Unidos, a despeito de Tom Cruise. Essa é uma história que tem se repetido com freqüência: por razões que os estúdios adorariam compreender, gente como Cruise, Tom Hanks, Brad Pitt e Julia Roberts tem falhado em recolher ingressos em proporção compatível com seus altíssimos cachês e inúmeros caprichos. Em compensação, os filmes de "conceito", como *Superbad* e *Cloverfield*, e as pequenas produções apoiadas nos personagens, como *Pequena Miss Sunshine*, *Juno* ou *A Lula e a Baleia* (em que Laura Linney ajudou o orçamento de 1,5 milhão a se multiplicar quase oito vezes na bilheteria), têm retorno financeiro e prestígio praticamente garantidos, já que é desse segmento que sai a maioria das premiações. Se alguém ainda tem dúvida sobre quem leva a melhor hoje, é só prestar atenção ao rumo que tomou George Clooney, o mais esperto dos apostadores de Hollywood. Desde 2005, ele fez um único filme como superastro — *Treze Homens e Um Novo Segredo* — e quatro como, digamos, operário: *Syriana*, *Boa Noite e Boa Sorte*, *O Segredo de Berlim* e *Conduta de Risco*. Saldo dessa investida: três indicações e uma vitória no Oscar, além de 155 milhões de dólares em lucro. Hoje, ser menos de fato é ser mais — na ponta do lápis. ■

veja.com TRAILER DO FILME EM www.veja.com.br

AI AO PARAÍSO



Marcia Gay Harden, 48
Filmes: 36 em 29 anos
Especialidade: mulheres a um passo do descontrole, como em *Sobre Meninos e Lobos*, ou, ao contrário, as que não levam desaforo para casa, como em *Pollock*



Toni Collette, 35
Filmes: 32 em dezesseis anos
Especialidade: personagens generosas e discretamente exasperadas ou desesperadas, como em *O Sexto Sentido* ou *Pequena Miss Sunshine*

FOTOS EVERETT COLLECTION/GRUPO KEYSTONE

EVERETT COLLECTION/GRUPO KEYSTONE

Christensen e Rachel: insípidos

Cinema

Sem destino

Jumper é como seu protagonista: viaja muito e não chega nunca

O diretor Doug Liman tem um currículo respeitável: começou com *Vamos Nessa*, um dos mais deliciosos filmes do cinema jovem; estabeleceu com *A Identidade Bourne* as bases para a transformação de um gênero consagrado; e faturou alto com *Sr. e Sra. Smith*. Um placar como esse faz com que se espere muito de ***Jumper*** (Estados Unidos, 2008), que estréia nesta sexta-feira — e torna também muito difícil explicar como um cineasta sempre tão atento à qualidade do roteiro e do elenco foi descuidar justamente desses dois aspectos. Hayden Christensen, o desanimado Anakin Skywalker de *Star Wars*, é David, que, num momento de stress adolescente, descobre ter o poder de saltar de qualquer ponto do planeta para outro. David aproveita seu dom para ficar milionário (quem pode se teleportar para dentro de um cofre de banco não precisa arrombá-lo) e virar um bon vivant globalizado. Liman introduz então dois "conflitos" na história: um grupo que caça esses saltadores, liderado por, adivinhe, Samuel L. Jackson; e uma namorada para David, interpretada pela incolor, insípida e inodora Rachel Bilson, que estraga todas as cenas de que participa — da mesma forma que Jamie Bell, de *Billy Elliot*, no papel de outro saltador, salva todas as que lhe cabem. Tivesse o diretor dado a Bell o papel principal, e um rumo à trama, *Jumper* poderia fazer jus ao seu currículo. O filme, porém, apenas imita seu protagonista: pula para lá e para cá de maneiras até divertidas e criativas, mas não chega a lugar nenhum. ■

I.B.

DIOGO MAINARDI

Eu gosto do Império

— Cem anos no Iraque!

Esse era o mote da campanha eleitoral de John McCain. Ele foi ainda mais longe. Declarou que estaria disposto a manter as tropas americanas no Iraque por mil anos, por dez mil anos. Quando o eleitorado chiou, ele deu para trás, garantindo que a guerra terminaria muito antes disso. E terminaria porque ele saberia como ganhá-la.

Eu elegeria um candidato que prometesse:

— Cem anos na Rocinha!

Melhor ainda:

— Mil anos na Maré! Dez mil anos no Cantagalo!

A guerra no Iraque acaba de completar cinco anos. Em seu discurso no Pentágono, George W. Bush reconheceu a impopularidade do conflito, repetiu que os Estados Unidos acertaram ao derrubar Saddam Hussein e acrescentou que se trata de uma guerra que pode e tem de ser vencida. Os americanos erraram tudo nesses cinco anos. Erraram militarmente, erraram politicamente, erraram estrategicamente. O custo da guerra foi alto demais. George W. Bush tem de ser responsabilizado por isso. Mas eu topo dizer que os Estados Unidos acertaram ao derrubar o tirano genocida Saddam Hussein. E topo dizer também que a guerra no Iraque pode e tem de ser vencida.

"Eu sou o tupinambá colonizado que aceita parar de comer carne humana. Eu sou o caraíba rendido que oferece passivamente suas filhas púberes ao conquistador. Mas tem de haver uma contrapartida: o Império deve assumir suas responsabilidades de Império"

O fracasso no Iraque está gerando uma onda isolacionista nos Estados Unidos. Uma onda igual a outra do passado: a que tentou impedir o país de entrar na II Guerra Mundial. Em vez de Charles Lindbergh, o herói do momento é Barack Obama. Isso é o pior que poderia acontecer. Eu gosto do Império. Eu gosto da idéia do Império. Creio que ele tem um papel regulador sem o qual o mundo acabaria se esfarelando. Eu sou o tupinambá colonizado que aceita voluntariamente parar de comer carne humana. Eu sou o caraíba rendido que oferece passivamente suas filhas púberes ao conquistador. Mas tem de haver uma contrapartida: o Império deve assumir suas responsabilidades de Império. No caso do Iraque, assumir responsabilidades significa combater até o fim a Al Qaeda, reprimir os bandos religiosos armados e fazer jorrar dez vezes mais petróleo. Nem que leve cem anos. Nem que leve mil anos. Nem que leve dez mil anos.

O debate político se infantilizou tremendamente nos últimos tempos. Foi mais um dos efeitos deletérios da guerra no Iraque. A retirada das tropas americanas produziria um massacre generalizado no país. Que essa hipótese atraia tanto consenso nos Estados Unidos é sinal de um abastardamento das idéias. O mundo é brutal. O mundo é perigoso. Alguém tem de policiá-lo. Alguém tem de bombardear os terroristas. Alguém tem de impor regras que sejam acatadas por todos. Alguém tem de deter os planos nucleares iranianos. Alguém tem de armar Israel. Só os Estados Unidos podem fazer tudo isso. O trato é muito simples: nós entramos com as filhas púberes, eles entram com os tanques.

— Cem anos no Iraque!

Ouça Diogo Mainardi em www.veja.com.br/diogomainardi

MENINA MALUQUINHA

Maisa Silva, 5 anos, fala o que lhe dá na telha no SBT. E faz o ibope do *Sábado Animado* aumentar

DIVULGAÇÃO

Recentemente, a apresentadora Maisa Silva fez uma confidência em seu programa no SBT. "Eu mamo na mamadeira, vou admitir. Não tenho vergonha de dizer que tomo tetê", declarou. O rasgo de sinceridade diz tudo sobre a artista — Maisa é uma garota de 5 anos. E também sobre seu estilo. Há quatro meses, ela é âncora do *Sábado Animado*, na rede de Silvio Santos. Maisa levantou o ibope do programa matinal, que atinge até 9 pontos de média. Também virou sucesso na internet — seus vídeos foram vistos mais de 1 milhão de vezes no YouTube. O que a torna especial? Bem, a garota é afiada. E, como qualquer criança de sua idade, fala tudo que lhe dá na telha. Como as gincanas que comanda são gravadas ao vivo, numa produção meio capenga, o resultado é sempre inesperado. Um dia, ao se desequilibrar, ela soltou: "Opa, estou bêbada". Nos telefonemas com os espectadores, as trombadas são muitas. Uma tirada típica: "A ligação está boa, está ruim, está boa, está ruim. Ih, sou louca mesmo". Maisa é politicamente incorreta. Ao falar com um menino que insistia em pronunciar "alor" em vez de "alô", disparou: "Você é de Diadema? É por isso". Também já caçoou de outro que queria ganhar um "Praystation" (o correto é "PlayStation"). Ela é, em suma, o que um psicanalista chamaria de apresentadora sem superego — a instância do inconsciente que exerce a função de autocensura.

Maisa, a apresentadora sem superego: "Alooor?"

"Aos 2 anos, Maisa já insistia nessa história de virar artista", diz a mãe, Gislaine Silva Andrade, dona-de-casa do interior de São Paulo (o pai, Celso Andrade, é técnico de telefonia). Em seu terceiro aniversário, a menina deu um ultimato: pediu de presente a chance de ser caloura de Raul Gil. Com dublagens e covers do grupo Rouge e de Ivete Sangalo, em pouco tempo se tornou um dos trunfos do programa. Dois anos mais tarde, Silvio Santos impressionou-se com a minicantora ao zapear pela TV. E assim se abriu caminho para sua transferência para o SBT. O empresário incumbiu a filha Silvia Abravanel de dirigir Maisa no *Sábado Animado*. A interação da dupla é incrível. "A gente se entende pelo olhar. É transmissão mesmo", diz a diretora. Mas Silvia fala se necessário — por exemplo, quando Maisa esquece as regras do jogo que tem de explicar aos espectadores.

Maisa gaba-se de ser uma "apresentadora de primeira classe" (está no 1º ano na escola). "Meus pais não esperavam que eu fosse virar celebridade", conta. A garota idolatra Hannah Montana, heroína da série do Disney Channel. Mas tem noção da distância que a separa da estrela infantil americana. "Lá, a coisa é em dólar, meu bem", diz. Maisa e seus pais até que não podem reclamar. Ela ganhava 1 500 reais por mês de Raul Gil. No SBT, embolsa em torno de 20 000 reais entre salário e merchandising. ■

Marcelo Marthe

ISTO É MAISA

"Opa, estou bêbada" (ao escorregar no cenário)

"Eu sou apresentadora de primeira classe"

"Tem muitas pessoas se casando, mas não é casamento de verdade. É casamento de combinação"

"Eu mamo na mamadeira, vou admitir. Não tenho vergonha de dizer que tomo tetê"

"Desirée, você é homem ou mulher?"

Big Body Brasil

Os corpos incharam e o sedentarismo deu a tônica à oitava edição do reality show

Na segunda-feira passada, o apresentador Pedro Bial contou uma verdade incômoda às participantes do *Big Brother Brasil 8*. Ao comentar como elas engordaram em quase três meses de confinamento, chamou-as de "balofas". Em sua etapa final, de fato seria mais adequado rebatizar o programa de "Big Body Brasil" ("Corpanzil Brasil"). A ex-miss Natália ganhou quase 4 quilos desde a estréia — são pneuzinhos e gordura localizada na barriga e nas coxas. No caso da modelo Gyselle, a situação é ainda mais dramática: foram 5 quilos a mais que os 50,5 que tinha ao chegar à casa. Nem a ala masculina escapou. O eletrotécnico Marcos trocou massa muscular por gordura — e ganhou 5 quilos. De fato, o sedentarismo deu a tônica à oitava edição do *BBB*.

Os participantes que foram mais longe na disputa são aqueles que se fingiram de mortos. Quase todos cresceram vendo o programa e decidiram que essa era a melhor estratégia. O roqueiro Rafinha ameaçava, mas nunca partia para a briga com ninguém. Depois de indicar a professora Thati para o paredão, saiu-se com esta: "Meu medo é que ela não entenda que não tive escolha". Digna de letra de um rock "emo". Mas nem como músico Rafinha mostrou o serviço esperado: para decepção da produção do *BBB*, ele não cantou nem tocou nas horas em que teve essa chance. Tampouco exibiu dotes de compositor. "Se o Rafinha não consegue completar um raciocínio, imagine escrever uma música", diz o diretor Boninho. Natália foi outra que posou de amiga de todo mundo. Gyselle se isolou e, mesmo quando amuada, só externava seus sentimentos nas horas convenientes. Marcos evitava de tal forma as polêmicas que só chegou aonde chegou por passar despercebido (e também por ser útil: era o cozinheiro da casa). "O Marcos fugia do debate porque não tinha capacidade argumentativa", diz o psiquiatra Marcelo, o único que desafiou esse comportamento gaiato. Ele, aliás, emagreceu na casa. E quebrou a cara.

Ao contrário do que aconteceu em edições anteriores, o pessoal do *BBB 8* ignorou a academia de ginástica. "Eles só queriam ficar largados num canto", diz Boninho. Sua equipe, aliás, teve de se desdobrar em criatividade para extrair alguma graça dessa turma. Na semana passada, quando ficou claro que os participantes remanescentes já estavam levando a vida em clima de fim de festa, Bial interveio para lembrar que a disputa ainda não terminara. A Globo já anunciou que a próxima versão contará com pessoas de várias faixas etárias — o que, em tese, aumentará as probabilidades de haver atrito. ■

M.M.

REGIME DE ENGORDA

Como os participantes do *BBB 8* ganharam peso ao longo do programa

MARCOS
Quanto pesava antes do *BBB*: 70,4 quilos
Quanto pesa hoje: 75,1 quilos
Mudanças na silhueta: perdeu massa muscular e ganhou gordura no abdômen

NATÁLIA
Quanto pesava antes do *BBB*: 58,8 quilos
Quanto pesa hoje: 62,5 quilos
Mudanças na silhueta: ganhou gordura na barriga e nas coxas, além de pneus na região lombar

GYSELLE
Quanto pesava antes do *BBB*: 50,6 quilos
Quanto pesa hoje: 55,5 quilos
Mudanças na silhueta: ganhou gordura na barriga, nos seios e nos braços

Nesta semana em todas as bancas

Edição especial. Negócios & Sustentabilidade

Tudo sob medida para você

Pra você ser feliz todo dia

Veja como o Palio vai encarar o novo Gol

Não deixe de ler!

EDITORA Abril

veja RECOMENDA

Chumbo Grosso: o time de *Todo Mundo Quase Morto* acerta o alvo mais uma vez

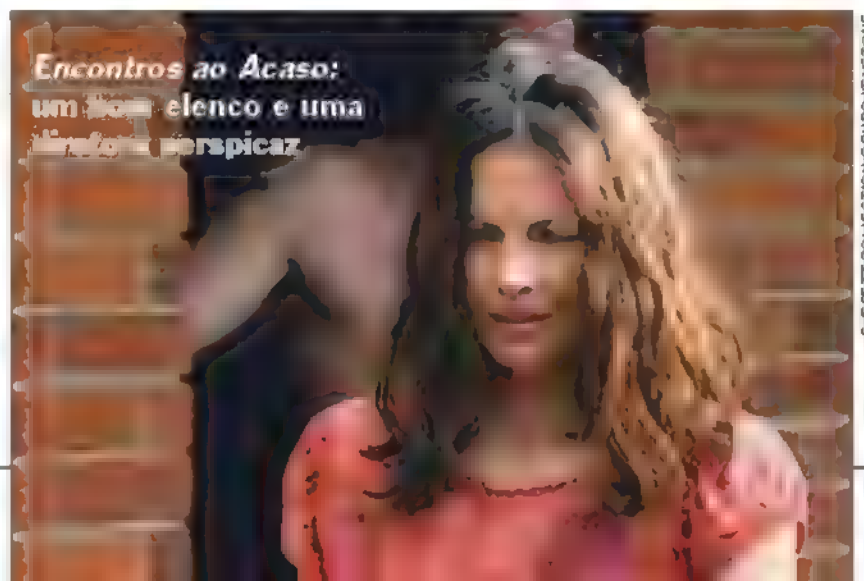
ALBUM/LATINSTOCK

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

DVDs

Chumbo Grosso (*Hot Fuzz*, Inglaterra, 2007, Universal) — Por causa de seu excesso de eficiência, que pega muito mal para o restante da corporação, o sargento de polícia Nicholas Angel é demovido de Londres para uma idílica aldeia interiorana — onde começa a prender todo mundo, pelas menores infrações, embora a taxa de crimes do local seja zero. Seu zelo, porém, rende uma descoberta: uma estapafúrdia conspiração dentro da associação de moradores. Depois de satirizar os filmes de zumbis em *Todo Mundo Quase Morto*, o diretor Edgar Wright e os atores Simon Pegg e Nick Frost parodiam aqui as fitas de ação como *Bad Boys*, carregando no absurdo e no homoerotismo, que, sem querer ou querendo, é uma marca registrada do gênero. É menos brilhante do que *Todo Mundo*, mas não deixa de ser um programa excelente.

Encontros ao Acaso (*Come Early Morning*, Estados Unidos, 2006, Imagem) — Lucy bebe demais, briga demais e escolhe de menos os sujeitos com os quais vai passar a noite. Mas, como aos poucos se percebe, existem razões para que se defenda assim de ligações que sejam mais do que casuais. O problema é que, como sempre nesses casos, a própria Lucy é a primeira vítima de sua agressividade — que a impede, por exemplo, de perceber que o forasteiro Cal é um homem melhor do que os outros de sua vida. Dirigido por Joey Lauren Adams, a atriz de voz fininha de *Procura-se Amy* (que, sem trocadilho, andava sumidíssima), *Encontros* não é original no enredo, mas é perspicaz na maneira como retrata o sul americano e extremamente competente no espaço que dá a seus protagonistas, interpretados por Ashley Judd e Jeffrey Donovan.



Encontros ao Acaso: um bom elenco e uma [illegible] perspicaz

EVERETT COLLECTION/GRUPO KEYSTONE

LIVROS

Épicos, vários autores (Imprensa Oficial/Edusp; 1 222 páginas; 120 reais) — Não, a literatura brasileira não conta com um poema épico do fôlego de *Os Lusíadas*, do português Luís de Camões. Mas houve belas tentativas, como *O Uraguai*, de Basílio da Gama, com suas vigorosas cenas de batalha e a antológica passagem do suicídio da índia Lindóia. Seis desses poemas estão reunidos neste *Épicos*, o primeiro volume da coleção Multiclássicos, que, como o título anuncia, pretende recuperar clássicos da literatura e da cultura brasileiras. Do período colonial, além de *O Uraguai*, o livro traz mais três obras: *Prosopopéia*, de Bento Teixeira, *Vila Rica*, de Cláudio Manuel da Costa, e *Caramuru*, de Santa Rita Durão. Do romantismo, há dois representantes: *A Confederação dos Tamoios*, de Gonçalves de Magalhães — poema que, criticado por José de Alencar, se tornou o centro de uma polêmica literária da qual participou até o imperador dom Pedro II —, e *I-Juca Pirama*, de Gonçalves Dias (o mais conhecido da coletânea — quem não se lembra do verso "Meninos, eu vi"?). Organizado por Ivan Teixeira, professor de literatura da USP, o livro traz estudos de especialistas sobre cada um dos poemas e um glossário.

HARAZ GHANBARIAP

Curtis: percalços de uma bolsista entre a elite

Preliminar, de Curtis Sittenfeld (tradução de Ana Luiza Dantes Borges; Record; 462 páginas; 49 reais) — Lee Fiora é uma adolescente esperta que conquista uma bolsa de estudos no internato Ault, uma exclusiva escola americana. Por sua origem de classe média, ela tem dificuldades em ser aceita entre os colegas ricaços. O enredo até soa como o de manjadas séries de televisão adolescentes — mas a autora, Curtis Sittenfeld, consegue dar uma ressonância emocional maior ao tema, a partir da perspectiva entre melancólica e irônica da protagonista, que narra suas desventuras colegiais já na idade adulta (a própria Curtis, aliás, foi aluna bolsista em uma escola de elite). *Preliminar* está bem acima da média dos romances juvenis. Não por acaso, ganhou a admiração da crítica americana e de escritores como Dave Eggers.

DISCO

Diamond Hoo Ha, Supergrass (EMI) — Em seu sexto disco de estúdio, o quarteto liderado pelo guitarrista e vocalista Gaz Coombes retoma o rock básico do início de carreira — que rendeu canções como *Alright*, seu maior sucesso. *Diamond Hoo Ha* foi gravado em Berlim e produzido por Nick Launay, que trabalhou com artistas como Nick Cave e Arcade Fire. A parceria rendeu onze canções com as marcas registradas do Supergrass: rocks rápidos, com shows particulares do baterista Danny Goffey (um autêntico "motorzinho") e letras irônicas — as características que destacaram o grupo no cenário do britpop, movimento surgido na Inglaterra no início dos anos 90 e que conta entre seus representantes também com Oasis e Blur. *Diamond* tem duas canções clássicas do repertório do quarteto — o rock *Bad Blood* e *Whiskey & Tea*, que narra as desventuras do Supergrass num bar de karaokê.

DIVULGAÇÃO

Supergrass: de volta ao rock básico

Veja as cenas e leia um trecho do livro no site www.veja.com.br

OS MAIS VENDIDOS

FICÇÃO

1. **A Menina que Roubava Livros** — Markus Zusak (2-53) – Intrínseca
2. **O Caçador de Pipas** — Khaled Hosseini (1-124) – Nova Fronteira
3. **A Cidade do Sol** — Khaled Hosseini (3-30) – Nova Fronteira
4. **O Guardião de Memórias** — Kim Edwards (4-42) – Sextante
5. **A Sombra do Vento** — Carlos Ruiz Zafón (5-38*) – Objetiva/Suma de Letras
6. **A Conspiração Franciscana** — John Sack (7-25) – Sextante
7. **A Doçura do Mundo** — Thrity Umrigar (6-7) – Nova Fronteira
8. **Harry Potter e as Relíquias da Morte** — J.K. Rowling (9-17) – Rocco
9. **Órfãos do Eldorado** — Milton Hatoum – Companhia das Letras (0-1)
10. **Fora de Órbita** — Woody Allen (0-1) – Agir

NÃO-FICÇÃO

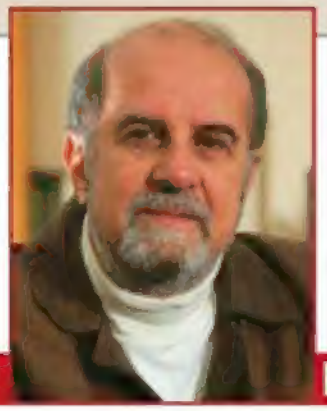
1. **1808** — Laurentino Gomes (1-25) – Planeta
2. **Marley & Eu** — John Grogan (4-77) – Prestígio
3. **Uma Breve História do Mundo** — Geoffrey Blainey (3-10*) – Fundamento
4. **Vale Tudo** — Nelson Motta (2-16) – Objetiva
5. **Carta a D.** — André Gorz (10-3*) – Cosac Naify/Annablume
6. **O Castelo de Vidro** — Jeannette Walls (8-4) – Nova Fronteira
7. **Código da Vida** — Saulo Ramos (5-38*) – Planeta
8. **Mamãe e o Sentido da Vida** — Irvin D. Yalom (6-3) – Agir
9. **Lula É Minha Anta** — Diogo Mainardi (9-21) – Record
10. **O Médico Doente** — Drauzio Varella (0-8*) – Companhia das Letras

AUTO-AJUDA E ESOTERISMO

1. **O Segredo** — Rhonda Byrne (1-45) – Ediouro
2. **O Monge e o Executivo** — James Hunter (2-164) – Sextante
3. **A Lei da Atração** — Michael J. Losier (6-43) – Nova Fronteira
4. **Casais Inteligentes Enriquecem Juntos** — Gustavo Cerbasi (5-100*) – Gente
5. **Onde Está Teresa?** — Zibia Gasparetto (4-13) – Vida & Consciência
6. **Os Segredos da Mente Milionária** — T. Harv Eker (7-61) – Sextante
7. **O que Toda Mulher Inteligente Deve Saber** — Steven Carter e Julia Sokol (9-78*) – Sextante
8. **Bem-Vindo à Bolsa de Valores** — Marcelo C. Piazza (3-6*) – Novo Conceito
9. **Alô, Chics!** — Gloria Kalil (8-18*) – Ediouro
10. **Nunca Desista de Seus Sonhos** — Augusto Cury (10-148*) – Sextante

(a-b*) a) posição do livro na semana anterior
b) há quantas semanas o livro aparece na lista
* semanas não consecutivas

Fontes: Belém: Laselva; Belo Horizonte: Laselva, Leitura; Brasília: Cultura, Laselva, Leitura, Saraiva; Campinas: Laselva; Campo Grande: Leitura; Curitiba: Laselva, Livrarias Curitiba, Saraiva; Florianópolis: Laselva, Livrarias Catarinense; Fortaleza: Laselva; Foz do Iguaçu: Laselva; Goiânia: Leitura, Saraiva; Londrina: Livrarias Porto; Maceió: Laselva; Manaus: Laselva; Natal: Laselva; Navegantes: Laselva; Porto Alegre: Cultura, Livrarias Porto, Saraiva; Porto Seguro: Laselva; Recife: Cultura, Laselva, Saraiva; Ribeirão Preto: Paraler; Rio de Janeiro: Argumento, Laselva, Saraiva, Travessa; Salvador: Saraiva; São Paulo: Cultura, Laselva, Livraria da Vila, Nobel, Saraiva, Martins Fontes; Teresina: Laselva; Vitória: Laselva, Leitura; internet: Cultura, Laselva, Nobel, Leitura, Saraiva, Submarino.



Vence o candidato negro. E então, nos EUA...

Roberto Pompeu de Toledo Ensaio

Um livro esquecido de Monteiro Lobato trata como sonho dourado um futuro que mais soa a pesadelo

O romance *O Presidente Negro* (ou *O Choque das Raças*), publicado por Monteiro Lobato em 1926, previa, para o ano de 2228, uma eleição presidencial nos Estados Unidos em que concorriam um negro e uma mulher, além do homem branco candidato à reeleição. Venceu o negro, ficando a mulher em segundo lugar. Como se dizia em 1926: "Hurra!". Um autor brasileiro, oitenta anos atrás, previu o que está acontecendo hoje! Como se diz em 2008: "Menos, menos". Guardemos a comemoração para depois de saber do que trata, exatamente, o livro.

Monteiro Lobato era, em 1926, aos 44 anos, o mais famoso e mais lido autor brasileiro, não só por causa do *Sítio do Picapau Amarelo* mas também pelo tipo do Jeca Tatu, pelos contos de *Urupês* e de *Cidades Mortas*, pelos artigos nos jornais. Era também um raro modelo de escritor que se desdobrava em empresário; entre outros empreendimentos, foi fundador, sócio majoritário ou sócio importante de sucessivas editoras (Monteiro Lobato e Cia, Companhia Editora Nacional, Brasiliense). Lobato pensava grande. Em 1926 teve um estalo: ia entrar no mercado dos EUA. Sonhou, em carta ao amigo Godofredo Rangel, vender 1 milhão de exemplares. Foi com esse propósito que escreveu *O Presidente Negro*.

Os EUA imaginados por ele para o ainda hoje distante 2228 tinham uma população de 314 milhões de habitantes — 206 milhões de brancos, 108 milhões de negros. Lobato tinha admiração pela grande república da América do Norte; Henry Ford, a quem dedica parágrafos entusiasmados no livro, era o seu ídolo. Os EUA de 2228, tal qual os concebeu, estavam melhor ainda por causa do aprimoramento da raça. Para começar, haviam trazido de volta as "sábias leis espartanas" de eliminação, no nascedouro, dos portadores de defeito físico. Para completar o serviço, decidira-se esterilizar "os tarados, os malformados mentais" e outros capazes de "prejudicar com má progênie o futuro da espécie".

A utopia de Lobato é o triunfo da eugenia, conceito então em voga e cujos desdobramentos práticos o mundo logo conheceria — o nazismo já dobrava a esquina. Não se procriava às tontas, em 2228, como em 1926 ou em 2008. Só podiam fazê-lo os casais portadores do "brevê de pais autorizados", emitido pelo Ministério da Seleção Artificial depois de rigorosos testes de sanidade. Esse admirável mundo novo era perturbado no entanto por um entrave incontornável — a divisão da sociedade entre brancos e negros. A questão tornou-se aguda, às vésperas da eleição presidencial de 2228, em virtude de uma cisão nas hostes brancas; embaladas pelas ilusões do feminismo, as mulheres lançaram candidatura própria. Resultado: venceu Jim Roy, o candidato dos negros.

Que fazer? Os brancos, tanto homens como mulheres, ficaram em estado de choque. As mulheres, arrependidas, correram de volta aos maridinhos. Melhor assim, mas restava o problema do inaceitável resultado eleitoral. Golpe de estado nem pensar. A Constituição dos pais fundadores continuava sagrada. Foi aí que luziu o gênio do inventor John Dudley. Ele lançou no mercado, com vistas aos consumidores negros, uma milagrosa loção de alisar o cabelo. O sucesso foi absoluto. Até Jim Roy aderiu à loção "desencarapinhante", sem suspeitar do efeito secundário que o esperto Dudley introduzira no produto: ela esterilizava o usuário. Os EUA, com isso, não só se livraram do presidente negro, morto na véspera de tomar posse em circunstâncias não muito bem esclarecidas pelo livro, mas de toda a população negra. Antecipando um famoso adepto do esporte, Lobato inventou a solução final — ele que, anos mais tarde, seria um adversário tenaz dos fascismos, tanto os europeus como o brasileiro do Estado Novo.

O sonho de arrebatar o mercado americano deu em nada. Um dos poucos editores dos EUA que se dignaram dar-lhe uma resposta explicou que o negro é "um cidadão americano, parte integrante da vida nacional, e sugerir seu extermínio por meio da sabedoria e da capacidade superior da raça branca levaria a uma dissensão tão violenta no espírito dos leitores quanto faria um conflito entre dois partidos políticos, ou duas religiões, em que um extirparia o outro". No Brasil, onde as teorias racistas foram moeda comum entre os intelectuais da segunda metade do século XIX até a primeira do XX, a história chocava menos do que naqueles EUA em que a segregação era consagrada em lei.

A moda no Brasil era acreditar na maldição da mestiçagem. Ela teria criado uma raça fraca de corpo e mentalmente inepta. Nos EUA, ao contrário, a segregação, conforme diz Lobato no livro, gerou "a glória do eugenismo humano". Lido hoje, *O Presidente Negro* deixa uma dúvida: o autor falava a sério ou estaria usando da ironia para denunciar o despropósito da eugenia e do racismo? O tom não engana: é a sério. Miss Jane, a personagem do livro que narra a história, tal qual a viu no "porviroscópio", um aparelho de enxergar o futuro, fala por Lobato, em *O Presidente Negro*, tanto quanto, nos livros para crianças, fala por ele a boneca Emília.

A NOSSA GERAÇÃO CONSCIENTE DE ENERGIA É INSPIRADA EM OUTRA GERAÇÃO MUITO IMPORTANTE: A QUE ESTÁ POR VIR.

21 DE MARÇO. DIA MUNDIAL DA FLORESTA.
22 DE MARÇO. DIA MUNDIAL DA ÁGUA.
É TRABALHANDO TODOS OS DIAS PELA PRESERVAÇÃO DESTAS RIQUEZAS NATURAIS QUE A GENTE FAZ A NOSSA MELHOR HOMENAGEM.

Nos Dias da Floresta e da Água, a Tractebel Energia reforça o seu compromisso em trabalhar pela preservação da natureza. Na prática, isto se traduz em ações de proteção e conservação das águas e das florestas nas áreas de influência de suas usinas. Através do tratamento e redução de poluentes, plantio de centenas de milhares de árvores nativas e outras ações, a Tractebel Energia ajuda a defender a nossa biodiversidade e contribui para o desenvolvimento sustentável. Na Tractebel Energia é assim: todo dia é dia de preservar a natureza.

GERAÇÃO CONSCIENTE
TRACTEBEL ENERGIA

#ROPAGUE

A Tractebel Energia faz parte do Grupo SUEZ, um grupo internacional comprometido com o desenvolvimento sustentável, cuja missão estabelece: "Oferecemos o essencial da vida".

ISO 14001
EM TODAS AS 13 USINAS HIDRELÉTRICAS E TERMELÉTRICAS

www.tractebelenergia.com.br

Tractebel Energia
SUEZ
Energia para a vida.

AUREA

by

PHILIPS

COMING SOON

www.philips.com.br